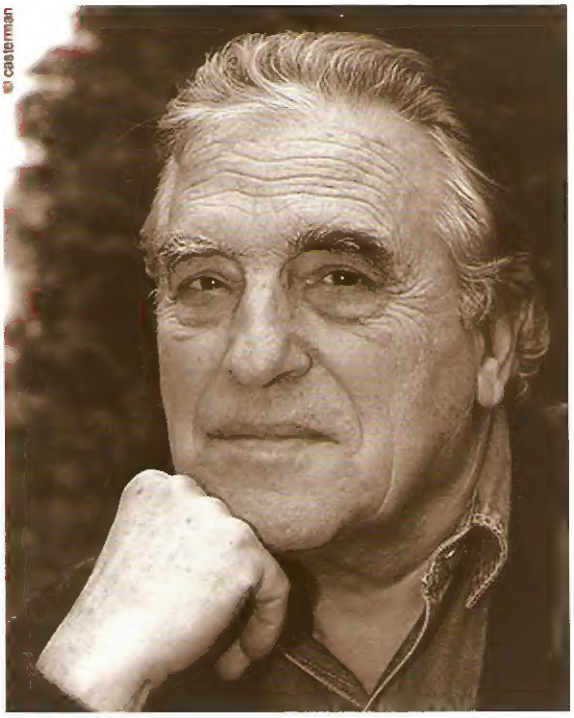
ALIX
ALIX
O INTRÉPIDO
JACQUES MARTIN
LeR+
PLANO NACIONAL
DE LEITURA
ASA
Público
tralhasvarias.blogspot.com



© casterman

Jacques Martin

Argumentista e desenhador
(1921-2010)

Jacques Martin nasceu em Estrasburgo a 25 de Setembro de 1921.
A arte clássica, a BD e a história são, desde muito cedo, as suas paixões. A morte prematura do pai obrigou Jacques Martin a optar pela engenharia e a frequentar um curso de artes e ofícios na Bélgica.
É já depois do final da Segunda Guerra Mundial, em 1946, que começa a percorrer os editores belgas, a quem apresenta os seus trabalhos. Associa-se a Henri Leblicq, adoptando o pseudónimo comum Marleb. Nesse período, Martin alterna séries humorísticas com outras em registo realista. Durante a mesma época, desenha também para a revista *Bravo!*, onde assina Monsieur Barbichou (1946-1949), Lamar l'Homme Invisible (1947) e as aventuras de Oeil-de-Perdrix (1947), entre outros trabalhos.
Em 1948, entra no colectivo da revista *Tintin*, onde concebe a série Alix, que se tornará nas décadas seguintes uma das obras-primas da banda desenhada franco-belga.
Em 1952, propõe Lefranc, que dinamizará em paralelo a Alix. Um ano mais tarde ingressa no Studio Hergé, onde se mantém até 1972. Desse período destaca-se a sua colaboração na série Jo, Zette et Jocko e, sobretudo, Tintin.
Em 1970, abandona a execução gráfica de Lefranc, que passa a ser assegurada, sucessivamente, por Bob de Moor, Gilles Chaillet, Christophe Simon e Francis Carin.
Em 1978, concebe a série Xan (depois rebaptizada Jhen), com Jean Pleyers.
A partir de 1983, desenvolve a série Arno, inicialmente desenhada por André Juillard.
Em 1990, está na origem da série Orion, cujo desenho Martin passará depois a Christophe Simon.
No ano seguinte, de novo com Pleyers, assina o argumento de Kéos, cuja acção decorre no Antigo Egipto.
Revelando um dinamismo criativo permanente, apesar dos seus problemas de vista, Jacques Martin lança, em 2003, a série histórica Loïs (desenho de Olivier Pâques); no mesmo ano, entrega o desenho de Jhen a Bernard Capo.
Na fase final da sua vida, Martin empenha-se na criação de uma equipa de jovens desenhadores, com o objectivo de assegurar a continuação das séries por ele criadas.
Morreu a 21 de Janeiro de 2010, com 88 anos.

ALIX
O INTRÉPIDO

No ano 53 a.C., as legiões romanas partem à conquista do mundo conhecido daquele tempo. Marsalla, um dos comandantes, entra na cidade conquistada de Khorsabad, onde todos os habitantes foram massacrados. Um jovem gaulês apoia-se sobre um muro para ver a passagem das tropas, mas as pedras cedem e atingem o carro do general, que fica ferido. Cercado pelos soldados, o jovem louro é interrogado por Marsalla, a quem diz chamar-se Alix. Conduz o general ao palácio imperial, onde lhe indica o caminho para o enorme tesouro deixado para trás pelos fugitivos. O general romano decide apoderar-se daquela imensa riqueza e incendeia o palácio depois de mandar prender Alix a uma coluna.
As tropas partas do general Surena não estão longe, desejosas de se vingarem. Um grupo de cavaleiros aproxima-se do palácio em chamas, detendo o jovem imediatamente depois de ele ter conseguido libertar-se e escapar a uma morte certa...

No princípio, um escravo...

"Alix é o fruto do meu amor pela Grécia e pela Antiguidade". Foi esta a resposta de Jacques Martin à pergunta ("Como nasceu Alix?") que lhe foi feita em 1973 por Jacques Glénat-Guttin e François Rivière (*Schtroumpf – Les Cahiers de la Bande Dessinée*). O criador de Alix acrescentou ainda: "Porque se eu conheci a época Hergé, conheci também a época Flaubert... E este Flaubert foi um dos grandes choques da minha vida. Abriu-me as portas de Platão, de Sócrates, de toda a Antiguidade, de todo o mundo romano."

Porquê Alix?

"No princípio, não sabia que esse nome existia na realidade. Pensei que devia dar ao herói um nome greco-romano (...) Comecei pela letra A, Abox, Abix, Abux e depois Alox, Alu, Alix! O nome apareceu de repente como sendo o ideal", explicou Martin ao seu biógrafo Michel Robert.

O herói da banda desenhada franco-belga, que vai viver em Roma, foi imaginado, à partida, como "um jovem gaulês perdido no caos [da conquista romana da Gália], e isso foi o ponto de partida de Alix", recorda Martin na entrevista publicada pelos *Les Cahiers de la Bande Dessinée*. Adoptado por um patrício romano, Alix vai participar na grande aventura da construção do império, enfrentando numerosos – e temíveis – inimigos. Travará contacto com diversas civilizações e culturas no decorrer das suas viagens pelo mundo conhecido de então.

Nesta primeira aventura da série, o desenho de Martin está, compreensivelmente, longe do apuro gráfico que viria a atingir mais tarde. Mas o que ainda pode faltar em termos formais a esta história é já amplamente compensado pela densidade e homogeneidade do argumento. Para isso contribui, de forma decisiva, a sólida exploração do modo de vida da época em que decorre a acção. O sentido, quase obsessivo, da reconstituição histórica e da fidelidade a uma época – as coisas podem não ter sido como Martin as apresenta, mas são inquestionavelmente plausíveis sob o seu traço – fazem de Alix um exemplo de como é possível integrar plenamente o herói na História.

Carlos Pessoa

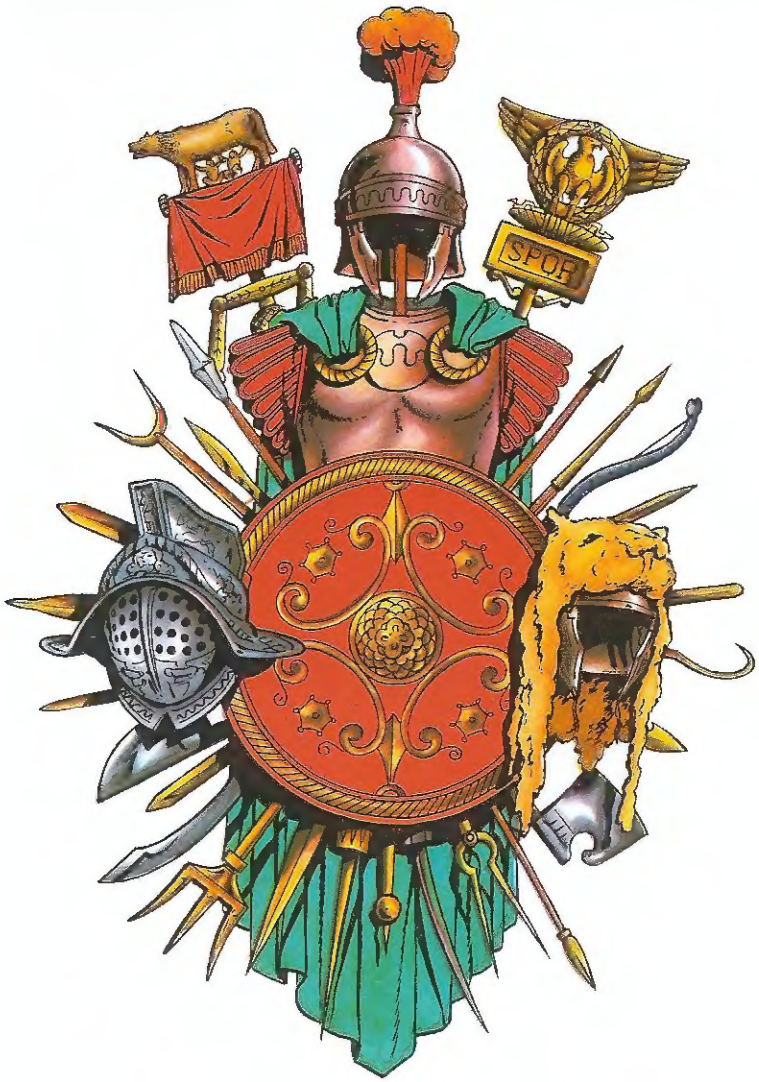
O que disse Jacques Martin...

Neste primeiro episódio, Alix torna-se o protegido de César. Mas eu não quis que este último desempenhasse um papel de primeiro plano na série, pois haveria quem não deixasse de me perguntar: "Quem é este Alix que César passeia por todo o lado na sua companhia? Se tivesse existido, nós saberíamos disso!" É por isso que, apesar dos laços privilegiados que Alix mantém com ele, César só aparece de longe em longe no enredo das aventuras. (...) Filho do falecido chefe gaulês Astorix, Alix é adoptado pelo governador romano Honorus Galla, que morre nos seus braços. O pequeno escravo insignificante dos partas adquire assim nome e fortuna.

"Avec Alix - L'Univers de Jacques Martin",
de Thierry Groensteen, A. de Kuyssche e Jacques Martin,
edição Casterman.

JACQUES
MARTIN

ALIX
O INTRÉPIDO



ASA
Público

Título original
ALIX L'INTRÉPIDE
© 1973 by Editions Casterman

Título
ALIX O INTRÉPIDO
© 2010, Edições ASA II, S.A., uma editora do grupo Leya

Editor responsável
Maria José Magalhães Pereira

Tradução
Paula Caetano

Adaptação
Maria José Magalhães Pereira

Legendagem
Produção Leya

Capa
Produção Leya

Textos
Carlos Pessoa

Impressão e acabamentos
Mirandela – Artes Gráficas, S.A.

Co-edição
Edições ASA II ·
PÚBLICO

Março de 2010
Depósito legal n.º 305 151/10
ISBN: 978-989-23-0768-8

Reservados todos os direitos

ASA

Edições ASA II, S.A.

DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide
Telef.: (+351) 21 427 22 00
Fax: (+351) 21 427 22 01
PORTUGAL

www.leya.com

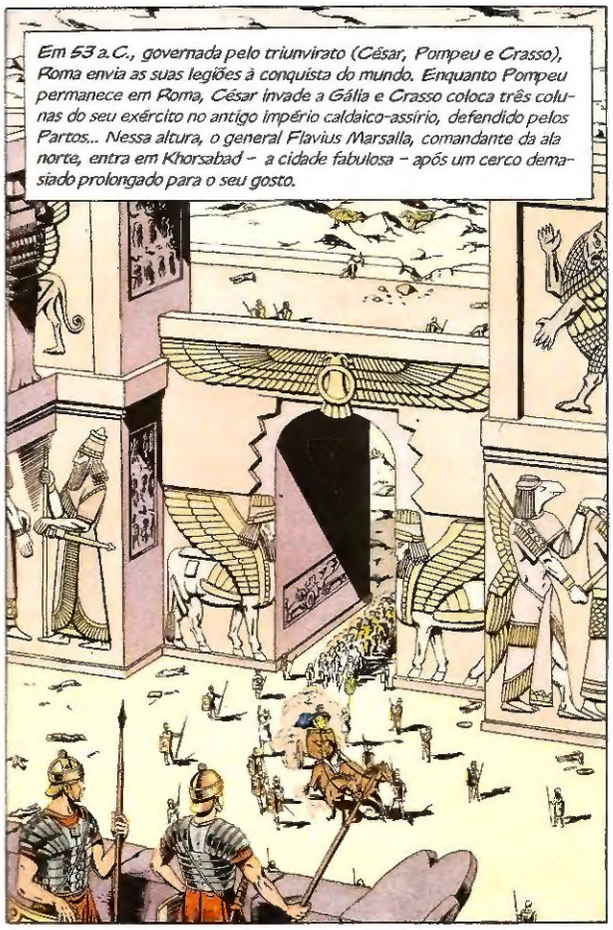
Público

Público, Comunicação Social, S.A.

LISBOA
Rua Viriato, 13
1069-135 Lisboa
Telef.: (+351) 21 011 10 00
PORTUGAL

PORTO
Rua João de Barros, 265
4150-414 Porto
Telef.: (+351) 22 615 10 00
PORTUGAL

call.center@publico.pt
www.publico.pt


Em 53 a.C., governada pelo triunvirato (César, Pompeu e Crasso), Roma envia as suas legiões à conquista do mundo. Enquanto Pompeu permanece em Roma, César invade a Gália e Crasso coloca três colunas do seu exército no antigo império caldaico-assírio, defendido pelos Partos... Nessa altura, o general Flavius Marsalla, comandante da ala norte, entra em Khorsabad – a cidade fabulosa – após um cerco demasiado prolongado para o seu gosto.

Dos numerosos defensores da fortaleza, só restam cadáveres. Desta vez, os Romanos não conseguiram novos escravos para as suas galeras.

Ébrio de orgulho, Marsalla avança pela cidade silenciosa, seguido da sua legião vitoriosa, mas morta de calor. O seu êxito será conhecido em Roma...

...e imagina já as honras supremas, sem suspeitar de que um habitante, que escapou ao massacre, o observa.
Eh!... Nervus! Para o palácio do rei Sargão... Depressa!

O exército embrenha-se por uma rua estreita e o jovem escravo, que espia os romanos, apoia-se numa balaustrada...

Apesar do perigo, sai do seu esconderijo e, para ver melhor, agarra-se a um reposteiro.
Serão do meu país?... Como hei-de saber?...

Mas apoia perigosamente a mão na borda rachada de um muro.

As pedras cedem. Para não cair, o jovem agarra-se ao reposteiro, enquanto alguns calhaus se soltam.

Por azar, as pedras caem em cima do carro do general e uma delas atinge Marsalla na nuca. O romano solta um grito e cai. Assustados com esta súbita agitação, os cavalos empinam-se, gerando-se a confusão em toda a escolta.

Mas, um centurião olha para cima e vê o rapaz antes deste se conseguir esconder.
Foi um ataque!... Olhem para cima.

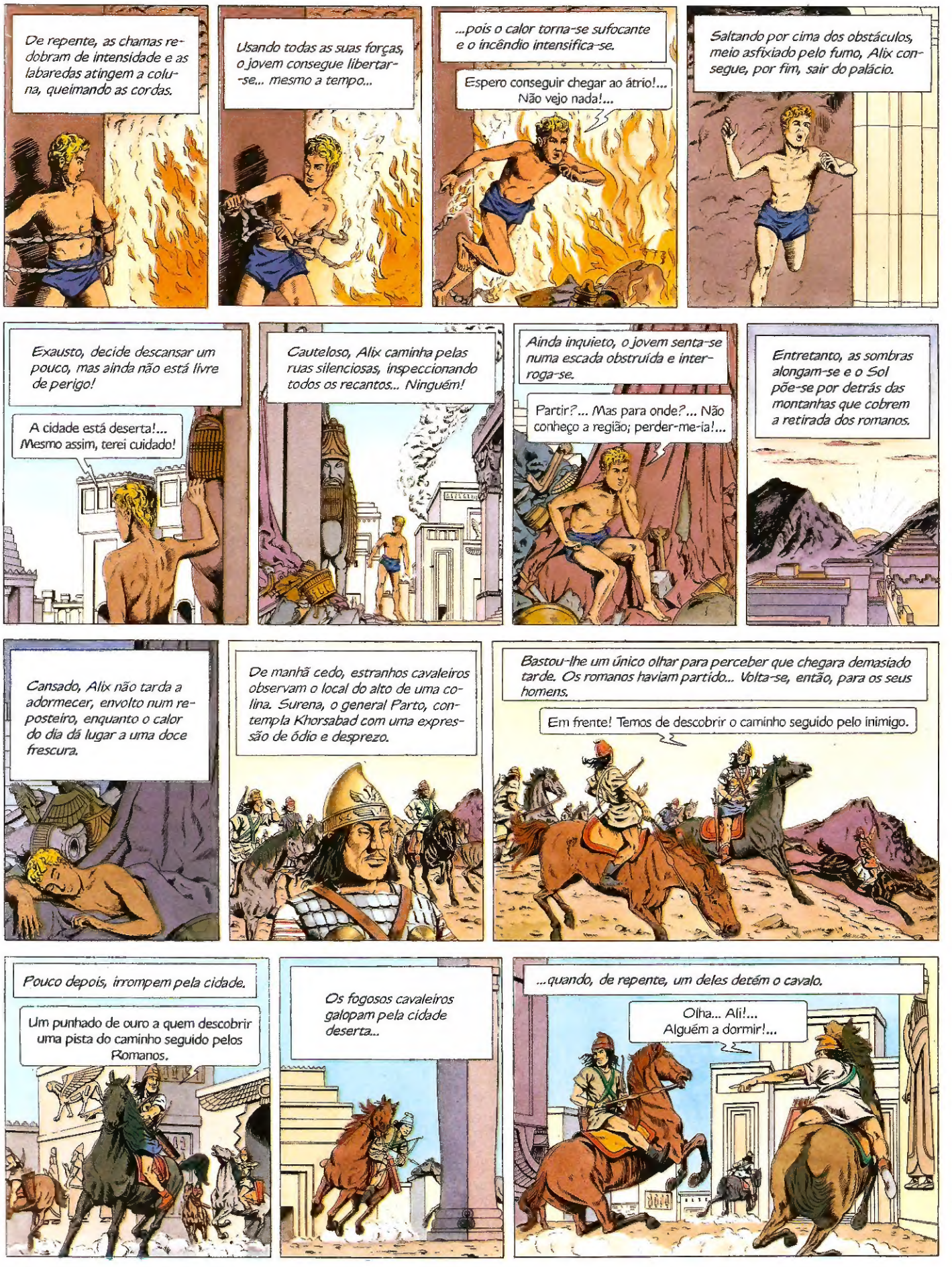
Enquanto um oficial se debruça sobre o corpo do general, ouvem-se ordens, que são de imediato cumpridas.

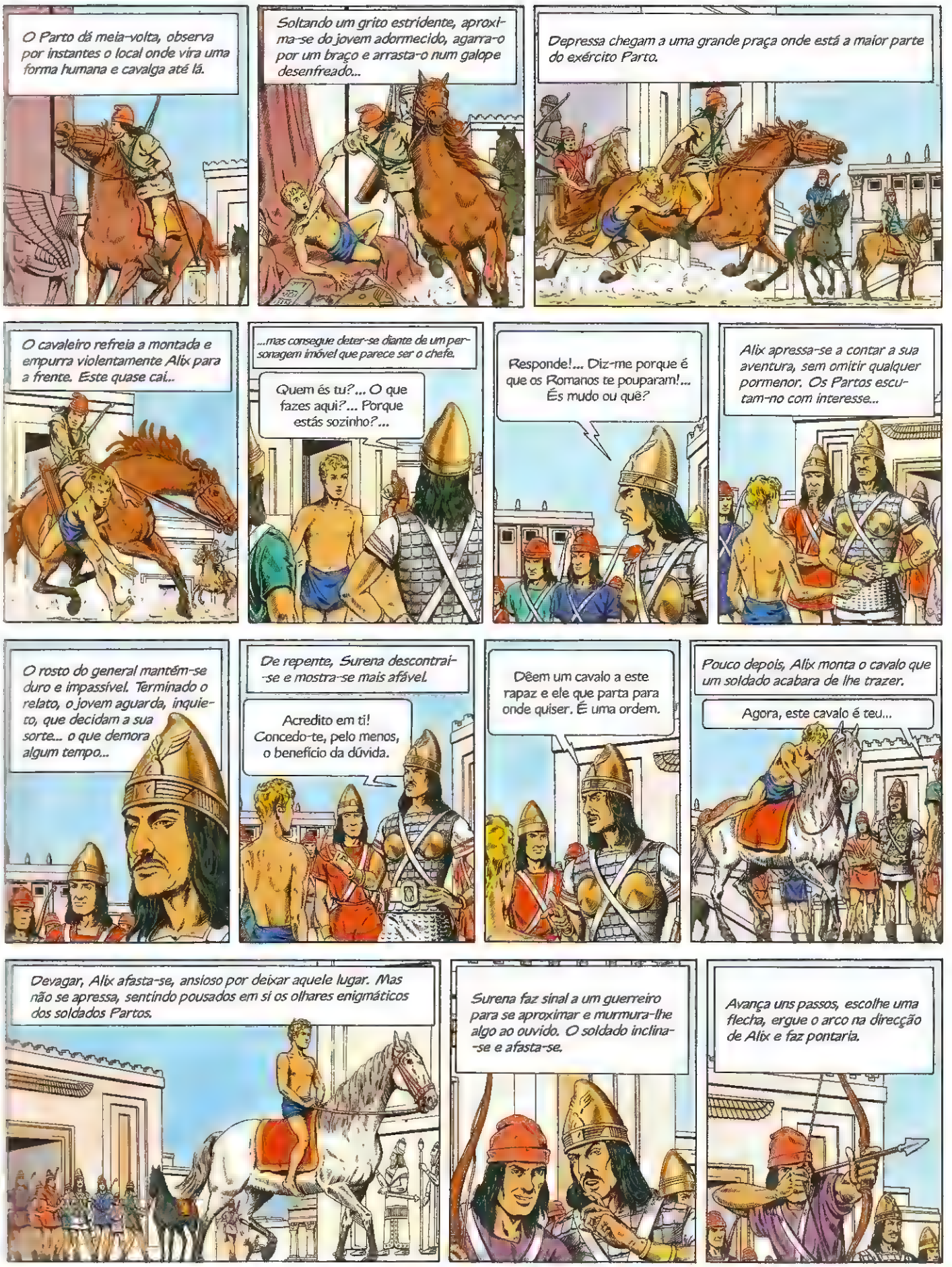
Nos terraços, os soldados depressa descobrem o fugitivo.
Por aqui!... Vai a fugir pela galeria exterior.

Após uma corrida esgotante, o jovem escravo vê-se cercado. Os legionários aproximam-se... Um deles ergue a lança...
Pára... Canalha!

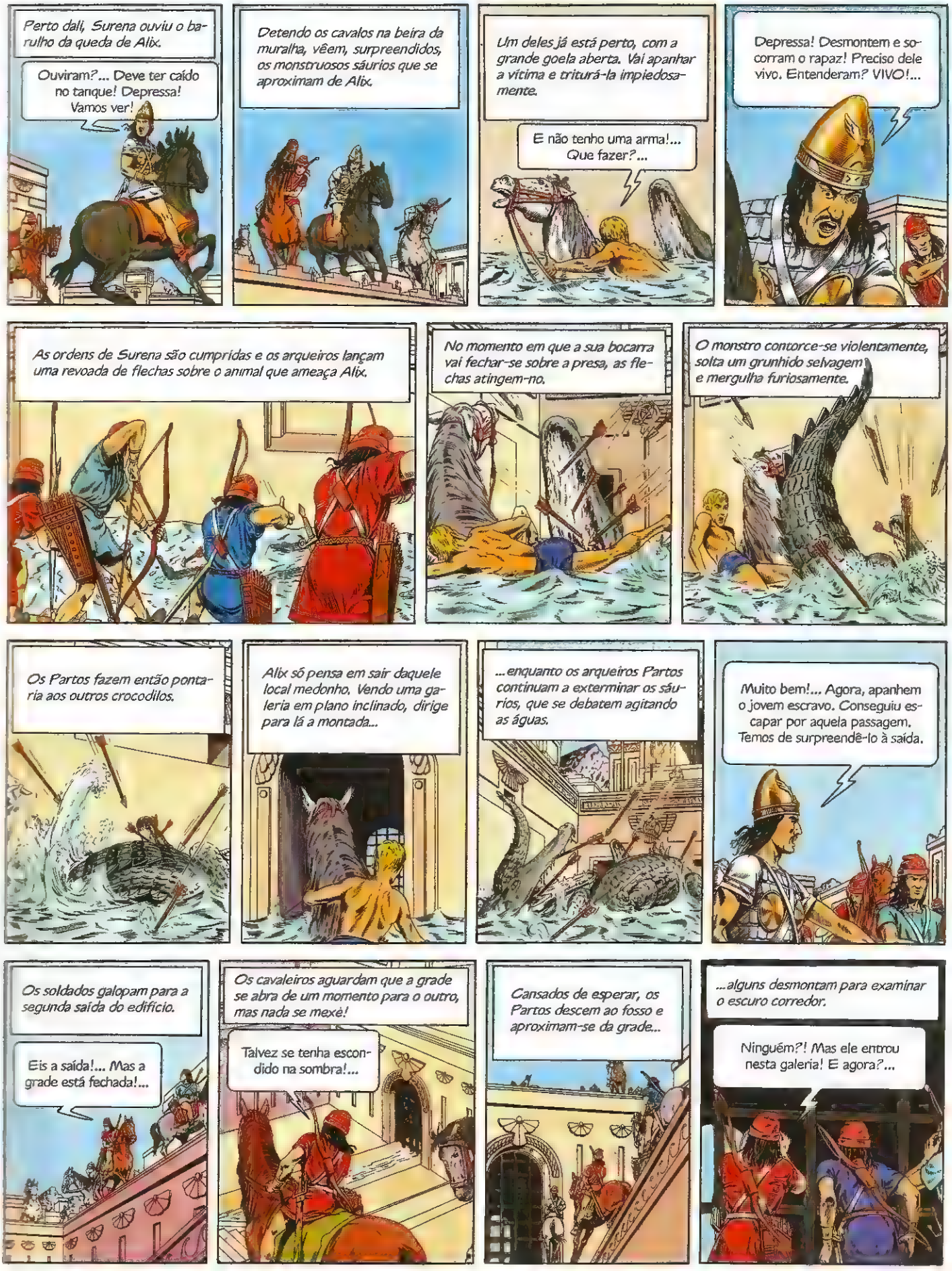
Mas no momento em que a lança ia ser lançada, um centurião agarra o braço do soldado, e esta cai.
É escusado! Não consegue fugir! Eu trato dele.
De espada em punho, o oficial avança. O tumulto deu lugar a um silêncio mortal, cortado apenas pelo ruído dos passos.
Aproximando-se do jovem escravo, o romano agarra-o brutalmente pelos cabelos.
Querias fugir?... Não se mata impunemente um general!... Cão!...
Mas Marsalla ficara apenas aturdido e exige que lhe tragam o agressor.
O general está vivo... Quer castigar o culpado!... Levem-lho!
A ordem é transmitida ao centurião.
Muito bem, levem-no! Mas depressa!
Anda!... Corre!... Depressa!... Foste mais rápido a atacar o nosso general, hem?
Furioso, Marsalla treme ainda perante a ideia de que uma pedra podia ter posto fim ao seu destino.
O escravo não tarda a chegar junto do general. Com um violento empurrão, é atirado ao chão.
Como te chamas?... Como é que ainda estás vivo?... Onde estavas escondido?
Chamo-me Alix. Estava escondido nas caves do palácio de Sargão... Não queria matar-te!
Alix! Mas é um nome gaulês! Estranho!... Se estavas no palácio de Sargão, deves saber onde se encontra o famoso tesouro!...
Leva-me já a esse esconderijo!... E não tentes fugir. Se o fizeres, morres!...
Entretanto, um cavaleiro dirige-se a galope para Khorsabad. Inquieto, vira-se várias vezes para ver se é seguido.
O cavaleiro avista a cidade. Como se estivesse ansioso por se refugiar, impõe um galope ainda mais rápido à montada...
...e, perante a surpresa das sentinelas que acabam de reconhecer um romano, transpõe velozmente o portão das muralhas.
Onde está o general?... Trago-lhe uma mensagem urgente.

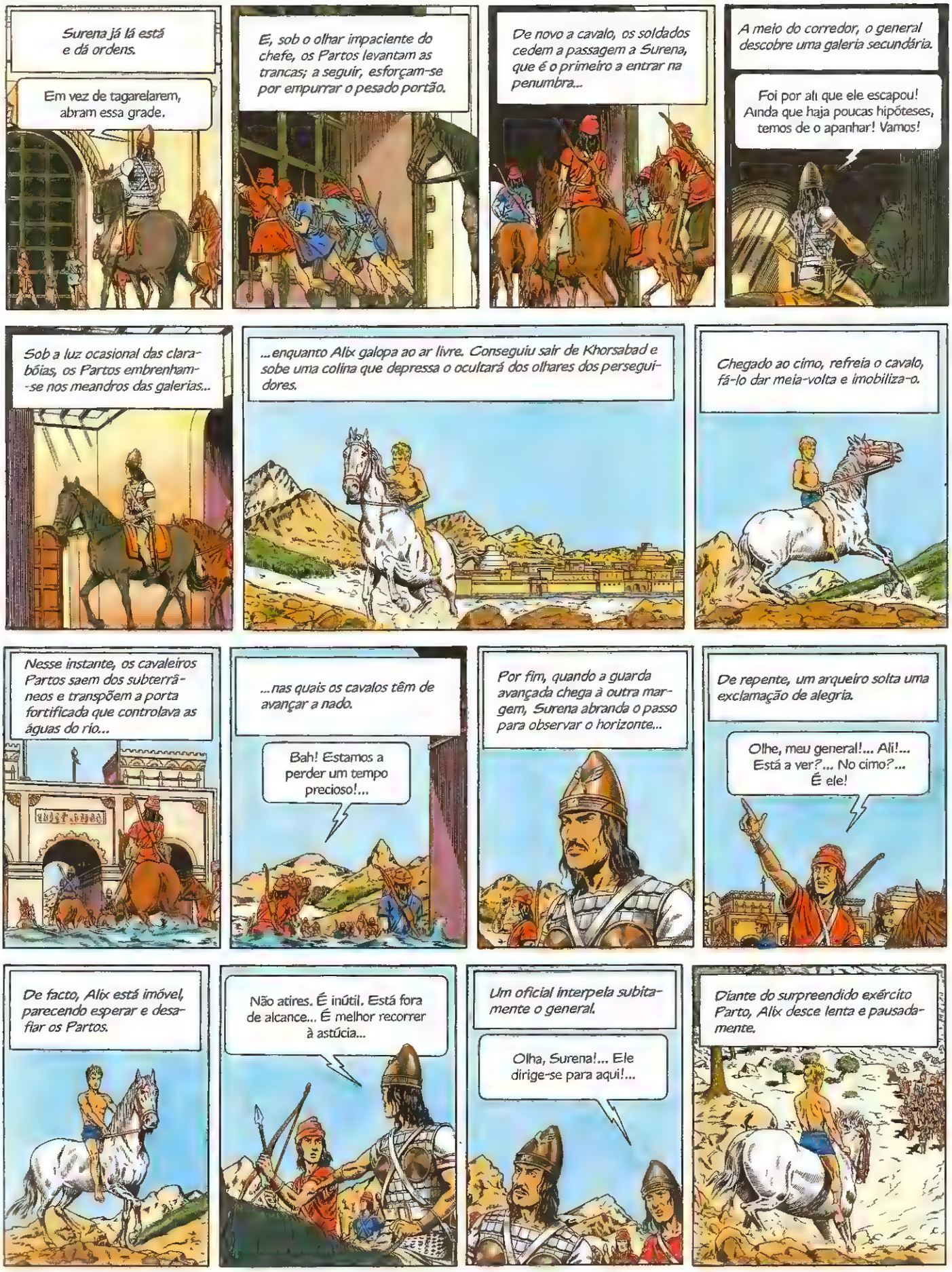
O cavaleiro desmonta e interpela um soldado:
Leva-me ao general. É urgente!
Nas caves do palácio, Marsalla descobre as fabulosas riquezas de Sargão.
E, à luz de archotes, os soldados observam o chefe que se entrega, desenfreado, à sua avidez.
Mil graças aos deuses da guerra e da fortuna! Estou rico! Fabulosamente rico!
Mas um oficial interrompe este monólogo. Surpreendido, o general vira-se e...
Trago-te um centurião do exército de Crasso. Tem uma mensagem para ti.
A situação é grave. O triúnviro Crasso foi assassinado num encontro com Orodes, o rei dos Partos. Este obrigou-o a engolir ouro, gritando: "Sacia-te deste metal de que és tão ávido!"
Sem chefe, o exército central bateu em retirada e foi dizimado perto de Antióquia. Os poucos sobreviventes dirigem-se para norte... A única hipótese de escapares aos Partos é apressares-te a fazer o mesmo.
Marsalla estremece. Sabe o que o espera em caso de derrota. Apanhado? Ainda não. O conselho é bom. Na montanha, a cavalaria Parta será menos perigosa.
Soldados, vamos sair da cidade e partir para o Ponto Euxino. Carreguem todos os tesouros que conseguirem e incendeiem o palácio.
Alix, que ouviu tudo, tenta escapar ao olhar de Marsalla... mas é demasiado tarde!
Amarrem esse patife a uma coluna. Morrerá no incêndio.
Alguns legionários rasgam um reposteiro e amarram Alix, que se debate em vão.
Crepitando, o fogo atinge os madeiramentos e as tapeçarias. Os últimos romanos saem precipitadamente da sala.
Enervados com as más notícias e com as chamas que os perseguem, os homens atropelam-se para sair do palácio.
Carregando vasos preciosos e incitados pelos oficiais, correm como podem. As primeiras coortes saem já da cidade.
Horrorizado, Alix vê-se rodeado pelo fogo... Desesperadamente, tenta libertar-se, mas está bem amarrado!...

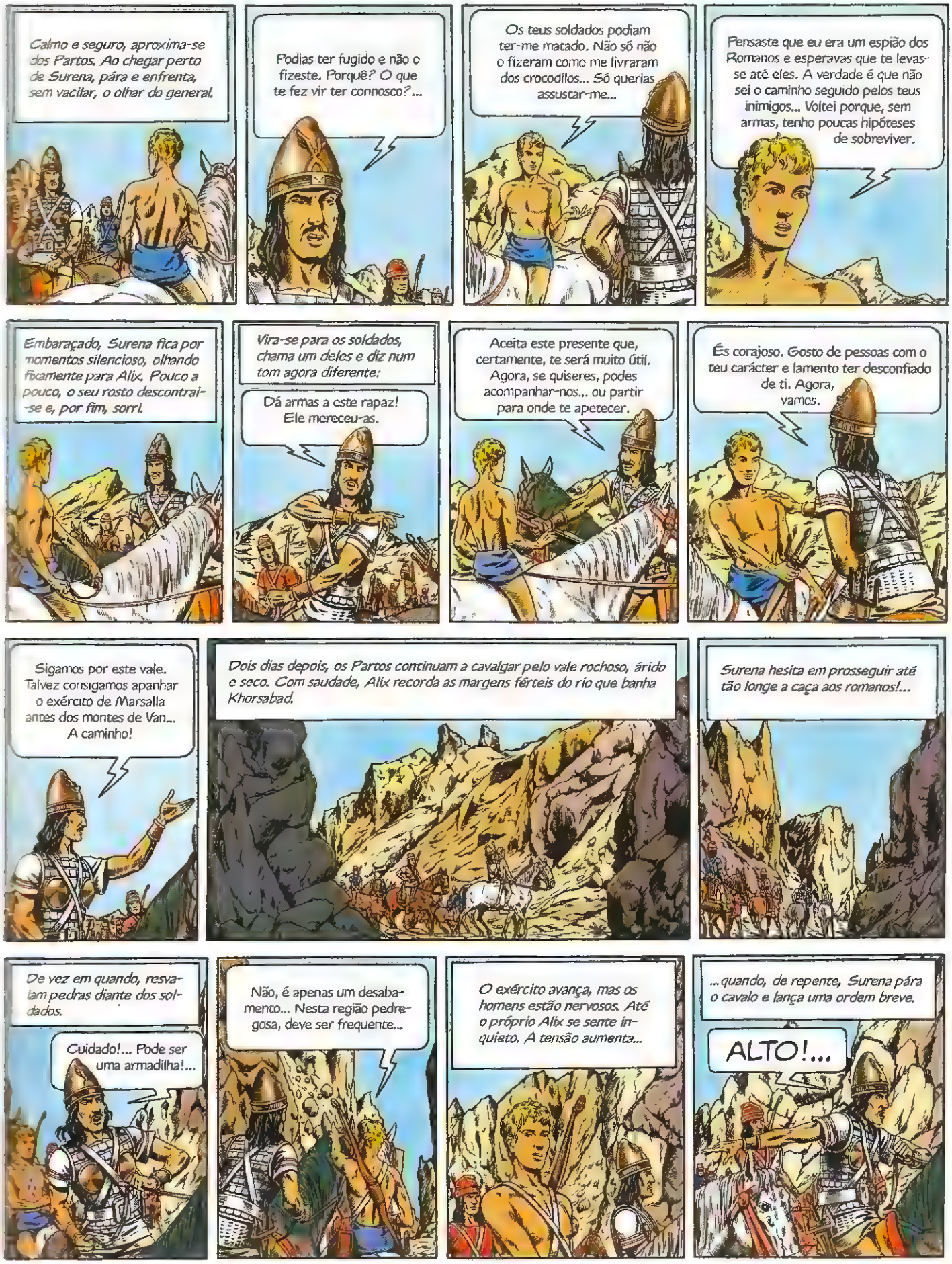

De repente, as chamas redobram de intensidade e as labaredas atingem a coluna, queimando as cordas.
Usando todas as suas forças, o jovem consegue libertar-se... mesmo a tempo...
...pois o calor torna-se sufocante e o incêndio intensifica-se.
Espero conseguir chegar ao átrio!... Não vejo nada!...
Saltando por cima dos obstáculos, meio asfixiado pelo fumo, Alix consegue, por fim, sair do palácio.
Exausto, decide descansar um pouco, mas ainda não está livre de perigo!
A cidade está deserta!... Mesmo assim, terei cuidado!
Cauteloso, Alix caminha pelas ruas silenciosas, inspeccionando todos os recantos... Ninguém!
Ainda inquieto, o jovem senta-se numa escada obstruída e interroga-se.
Partir?... Mas para onde?... Não conheço a região; perder-me-ia!...
Entretanto, as sombras alongam-se e o Sol põe-se por detrás das montanhas que cobrem a retirada dos romanos.
Cansado, Alix não tarda a adormecer, envolto num reposteiro, enquanto o calor do dia dá lugar a uma doce frescura.
De manhã cedo, estranhos cavaleiros observam o local do alto de uma colina. Surena, o general Parto, contempla Khorsabad com uma expressão de ódio e desprezo.
Bastou-lhe um único olhar para perceber que chegara demasiado tarde. Os romanos haviam partido... Volta-se, então, para os seus homens.
Em frente! Temos de descobrir o caminho seguido pelo inimigo.
Pouco depois, irrompem pela cidade.
Um punhado de ouro a quem descobrir uma pista do caminho seguido pelos Romanos.
Os fogosos cavaleiros galopam pela cidade deserta...
...quando, de repente, um deles detém o cavalo.
Olha... Ali!... Alguém a dormir!...

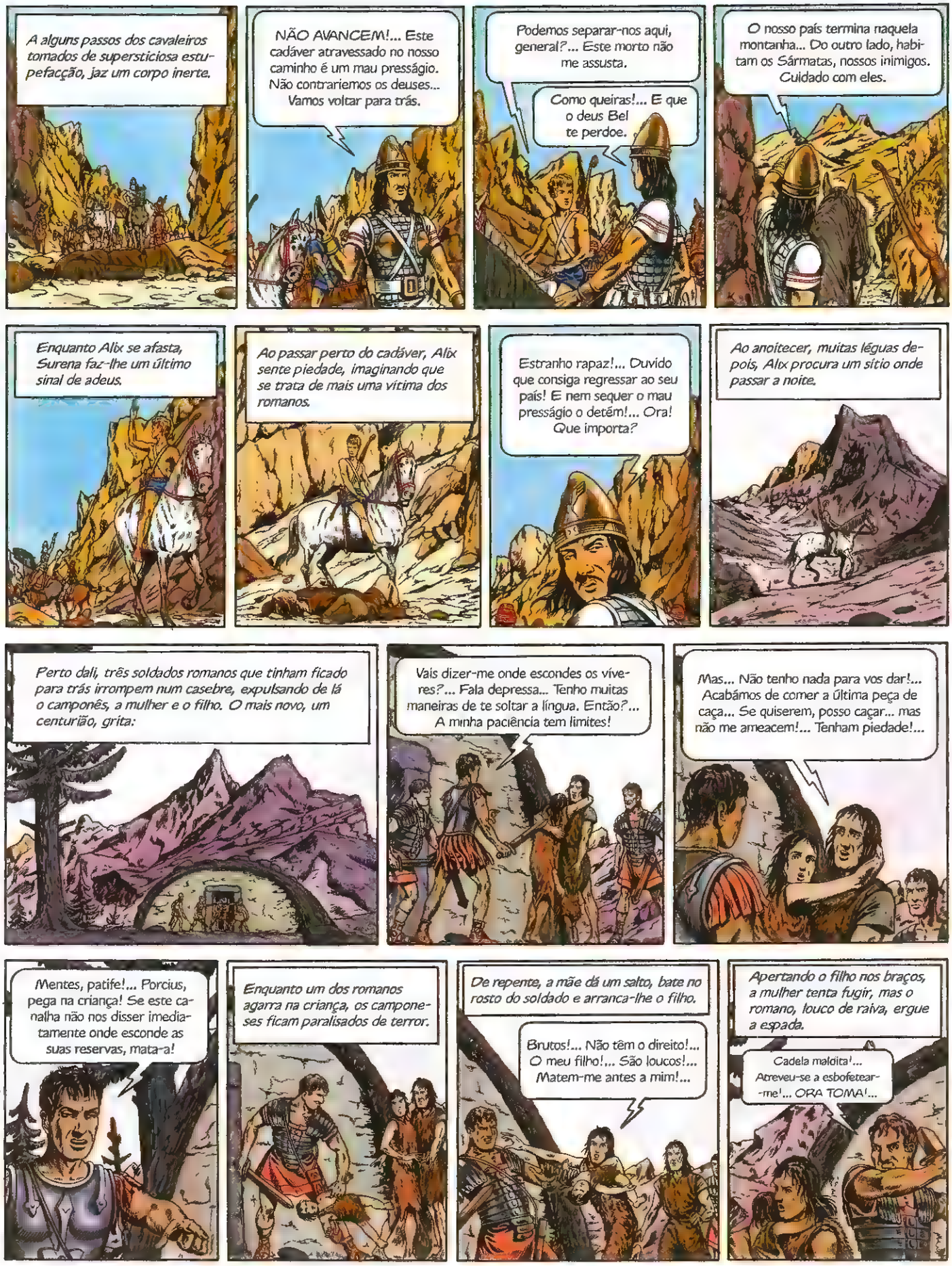

O Parto dá meia-volta, observa por instantes o local onde vira uma forma humana e cavalga até lá.
Soltando um grito estridente, aproxima-se do jovem adormecido, agarra-o por um braço e arrasta-o num galope desenfreado...
Depressa chegam a uma grande praça onde está a maior parte do exército Parto.
O cavaleiro refreia a montada e empurra violentamente Alix para a frente. Este quase cai...
...mas consegue deter-se diante de um personagem imóvel que parece ser o chefe.
Quem és tu?... O que fazes aqui?... Porque estás sozinho?...
Responde!... Diz-me porque é que os Romanos te pouparam!... És mudo ou quê?
Alix apressa-se a contar a sua aventura, sem omitir qualquer pormenor. Os Partos escutam-no com interesse...
O rosto do general mantém-se duro e impassível. Terminado o relato, o jovem aguarda, inquieto, que decidam a sua sorte... o que demora algum tempo...
De repente, Surena descontrai-se e mostra-se mais afável.
Acredito em ti! Concedo-te, pelo menos, o benefício da dúvida.
Dêem um cavalo a este rapaz e ele que parta para onde quiser. É uma ordem.
Pouco depois, Alix monta o cavalo que um soldado acabara de lhe trazer.
Agora, este cavalo é teu...
Devagar, Alix afasta-se, ansioso por deixar aquele lugar. Mas não se apressa, sentindo pousados em si os olhares enigmáticos dos soldados Partos.
Surena faz sinal a um guerreiro para se aproximar e murmura-lhe algo ao ouvido. O soldado inclina-se e afasta-se.
Avança uns passos, escolhe uma flecha, ergue o arco na direcção de Alix e faz pontaria.

O arqueiro visa lentamente... solta a corda e a flecha parte com um silvo...
...passando por cima da cabeça de Alix, que não consegue reprimir um grito de surpresa!...
O jovem desata a galopar, tentando escapar aos projécteis que se seguirão.
Não!... Deixem-no. Se me mentiu, tentará juntar-se ao exército romano, pondo-nos, assim, na pista do inimigo.
Excelente ideia, meu general!... Por medo, aquele escravo talvez nos conduza à vitória.
De facto!... Então, a cavalo e sigamo-lo à distância.
Ao chegar às muralhas, Alix olha para trás e verifica que ninguém o segue.
Surpreendido, mas mais tranquilo, segue o seu caminho sem refrear a montada...
...quando, subitamente, o cavalo, nervoso, se empina e relincha.
Rapidamente, o jovem avalia o perigo e lança a montada para o vazio. O animal tenta saltar... mas em vão!
A outra margem está muito distante. Cavalo e cavaleiro caem nas águas escuras de um tanque.
Com um violento golpe de rins, Alix consegue desmontar e mergulhar.
Ao voltar à superfície, procura o cavalo que relincha de aflição.
Onde estou? Que tanque é este?...
Com algumas braçadas, aproxima-se do cavalo que parece enlouquecido.
Aaah!... É o tanque dos crocodilos!...
Soltando grunhidos roucos que ecoam nas paredes do fosso, enormes sáurios, destinados aos sanguinários jogos dos Sátrapas, encaminham-se para aquelas inesperadas presas.
Agarrado ao cavalo, Alix lança um olhar desesperado à sua volta.
Nenhuma saída!... E os monstros aproximam-se...


Perto dali, Surena ouviu o barulho da queda de Alix.
Ouviram?... Deve ter caído no tanque! Depressa! Vamos ver!
Detendo os cavalos na beira da muralha, vêem, surpreendidos, os monstruosos sáurios que se aproximam de Alix.
Um deles já está perto, com a grande goela aberta. Vai apanhar a vítima e triturá-la impiedosamente.
E não tenho uma arma!... Que fazer?...
Depressa! Desmontem e socorram o rapaz! Preciso dele vivo. Entenderam? VIVO!...
As ordens de Surena são cumpridas e os arqueiros lançam uma revoada de flechas sobre o animal que ameaça Alix.
No momento em que a sua bocarra vai fechar-se sobre a presa, as flechas atingem-no.
O monstro contorce-se violentamente, solta um grunhido selvagem e mergulha furiosamente.
Os Partos fazem então pontaria aos outros crocodilos.
Alix só pensa em sair daquele local medonho. Vendo uma galeria em plano inclinado, dirige para lá a montada...
...enquanto os arqueiros Partos continuam a exterminar os sáurios, que se debatem agitando as águas.
Muito bem!... Agora, apanhem o jovem escravo. Conseguiu escapar por aquela passagem. Temos de surpreendê-lo à saída.
Os soldados galopam para a segunda saída do edifício.
Eis a saída!... Mas a grade está fechada!...
Os cavaleiros aguardam que a grade se abra de um momento para o outro, mas nada se mexe!
Talvez se tenha escondido na sombra!...
Cansados de esperar, os Partos descem ao fosso e aproximam-se da grade...
...alguns desmontam para examinar o escuro corredor.
Ninguém?! Mas ele entrou nesta galeria! E agora?...


Surena já lá está e dá ordens.
Em vez de tagarelarem, abram essa grade.
E, sob o olhar impaciente do chefe, os Partos levantam as trancas; a seguir, esforçam-se por empurrar o pesado portão.
De novo a cavalo, os soldados cedem a passagem a Surena, que é o primeiro a entrar na penumbra...
A meio do corredor, o general descobre uma galeria secundária.
Foi por ali que ele escapou! Ainda que haja poucas hipóteses, temos de o apanhar! Vamos!
Sob a luz ocasional das clarabóias, os Partos embrenham-se nos meandros das galerias...
...enquanto Alix galopa ao ar livre. Conseguiu sair de Khorsabad e sobe uma colina que depressa o ocultará dos olhares dos perseguidores.
Chegado ao cimo, refreia o cavalo, fá-lo dar meia-volta e imobiliza-o.
Nesse instante, os cavaleiros Partos saem dos subterrâneos e transpõem a porta fortificada que controlava as águas do rio...
...nas quais os cavalos têm de avançar a nado.
Bah! Estamos a perder um tempo precioso!...
Por fim, quando a guarda avançada chega à outra margem, Surena abranda o passo para observar o horizonte...
De repente, um arqueiro solta uma exclamação de alegria.
Olhe, meu general!... Ali!... Está a ver?... No cimo?... É ele!
De facto, Alix está imóvel, parecendo esperar e desafiar os Partos.
Não atires. É inútil. Está fora de alcance... É melhor recorrer à astúcia...
Um oficial interpela subitamente o general.
Olha, Surena!... Ele dirige-se para aqui!...
Diante do surpreendido exército Parto, Alix desce lenta e pausadamente.


Calmo e seguro, aproxima-se dos Partos. Ao chegar perto de Surena, pára e enfrenta, sem vacilar, o olhar do general.
Podias ter fugido e não o fizeste. Porquê? O que te fez vir ter connosco?...
Os teus soldados podiam ter-me matado. Não só não o fizeram como me livraram dos crocodilos... Só querias assustar-me...
Pensaste que eu era um espião dos Romanos e esperavas que te levasse até eles. A verdade é que não sei o caminho seguido pelos teus inimigos... Voltei porque, sem armas, tenho poucas hipóteses de sobreviver.
Embaraçado, Surena fica por momentos silencioso, olhando fixamente para Alix. Pouco a pouco, o seu rosto descontrai-se e, por fim, sorri.
Vira-se para os soldados, chama um deles e diz num tom agora diferente:
Dá armas a este rapaz! Ele mereceu-as.
Aceita este presente que, certamente, te será muito útil. Agora, se quiseres, podes acompanhar-nos... ou partir para onde te apetecer.
És corajoso. Gosto de pessoas com o teu carácter e lamento ter desconfiado de ti. Agora, vamos.
Sigamos por este vale. Talvez consigamos apanhar o exército de Marsalla antes dos montes de Van... A caminho!
Dois dias depois, os Partos continuam a cavalgar pelo vale rochoso, árido e seco. Com saudade, Alix recorda as margens férteis do rio que banha Khorsabad.
Surena hesita em prosseguir até tão longe a caça aos romanos!...
De vez em quando, resvalam pedras diante dos soldados.
Cuidado!... Pode ser uma armadilha!...
Não, é apenas um desabamento... Nesta região pedregosa, deve ser frequente...
O exército avança, mas os homens estão nervosos. Até o próprio Alix se sente inquieto. A tensão aumenta...
...quando, de repente, Surena pára o cavalo e lança uma ordem breve.
ALTO!...


A alguns passos dos cavaleiros tomados de supersticiosa estupefacção, jaz um corpo inerte.
NÃO AVANCEM!... Este cadáver atravessado no nosso caminho é um mau presságio. Não contrariemos os deuses... Vamos voltar para trás.
Podemos separar-nos aqui, general?... Este morto não me assusta.
Como queiras!... E que o deus Bel te perdoe.
O nosso país termina naquela montanha... Do outro lado, habitam os Sármatas, nossos inimigos. Cuidado com eles.
Enquanto Alix se afasta, Surena faz-lhe um último sinal de adeus.
Ao passar perto do cadáver, Alix sente piedade, imaginando que se trata de mais uma vítima dos romanos.
Estranho rapaz!... Duvido que consiga regressar ao seu país! E nem sequer o mau presságio o detém!... Ora! Que importa?
Ao anoitecer, muitas léguas depois, Alix procura um sítio onde passar a noite.
Perto dali, três soldados romanos que tinham ficado para trás irrompem num casebre, expulsando de lá o camponês, a mulher e o filho. O mais novo, um centurião, grita:
Vais dizer-me onde escondes os víveres?... Fala depressa... Tenho muitas maneiras de te soltar a língua. Então?... A minha paciência tem limites!
Mas... Não tenho nada para vos dar!... Acabámos de comer a última peça de caça... Se quiserem, posso caçar... mas não me ameacem!... Tenham piedade!...
Mentes, patife!... Porcius, pega na criança! Se este canalha não nos disser imediatamente onde esconde as suas reservas, mata-a!
Enquanto um dos romanos agarra na criança, os camponeses ficam paralisados de terror.
De repente, a mãe dá um salto, bate no rosto do soldado e arranca-lhe o filho.
Brutos!... Não têm o direito!... O meu filho!... São loucos!... Matem-me antes a mim!...
Apertando o filho nos braços, a mulher tenta fugir, mas o romano, louco de raiva, ergue a espada.
Cadela maldita!... Atreveu-se a esbofetear-me!... ORA TOMA!...

No momento em que a espada é lançada, ouve-se o silvo de uma flecha, que atinge a mão do soldado. O homem solta um grito de terror e larga a arma.
Apavorado, o romano foge a sete pés, perante os companheiros atónitos.
E a sua estupefacção aumenta, quando outra flecha vibra por cima da cabeça do segundo soldado...
...que também foge! O centurião esquiva-se e agarra brutalmente o camponês, mantendo-o à sua frente como escudo.
Foi Alix quem semeou a confusão. Mas, como o gesto do centurião o impede de voltar a usar o arco, desembainha a espada.
Larga esse homem e vai-te embora! Já cometeste crimes suficientes!...
O romano olha estarrecido para o recém-chegado. Depois, enfurecendo-se, atira-se a Alix, de espada erguida.
O primeiro golpe é brutal... Alix resiste com firmeza.
Por Júpiter!... Vais pagar por isto, filho de um cão!...
O combate continua, implacável. O romano é forte e experiente, mas Alix está cheio de fogosidade e coragem; ripostando, obriga o centurião a recuar.
O camponês, que empunhou uma espada, quer ir em auxílio do seu salvador, mas a mulher detém-no.
Não!... Não arrisques a vida. Não tens o direito de abandonar o teu filho!...
Entretanto, o centurião depressa se recompôs. Os seus golpes, nervosos e secos, obrigam Alix a recuar.
Tentando destruir a arma do adversário, o romano desfere golpes sucessivos, danificando o metal.
Para escapar às investidas, Alix recua, mas tropeça numa pedra e cai aos pés do adversário.
O camponês liberta-se da mulher e tenta ajudar.
Maldição!... Aquele bruto vai matá-lo.
Com o rosto crispado de ódio, o centurião já está sobre Alix. Ergue a espada...

Instintivamente, Alix baixa-se. Cego de fúria, o centurião não vê a pedra contra a qual a sua espada se quebra.
Pegando rapidamente na sua arma, Alix soergue-se e ameaça o adversário estupefacto.
Depois, ergue-se com um salto.
Larga o que resta da tua espada!...
O centurião obedece. O camponês precipita-se para matar o seu perseguidor, mas Alix interpõe-se.
Não!... Isso não!...

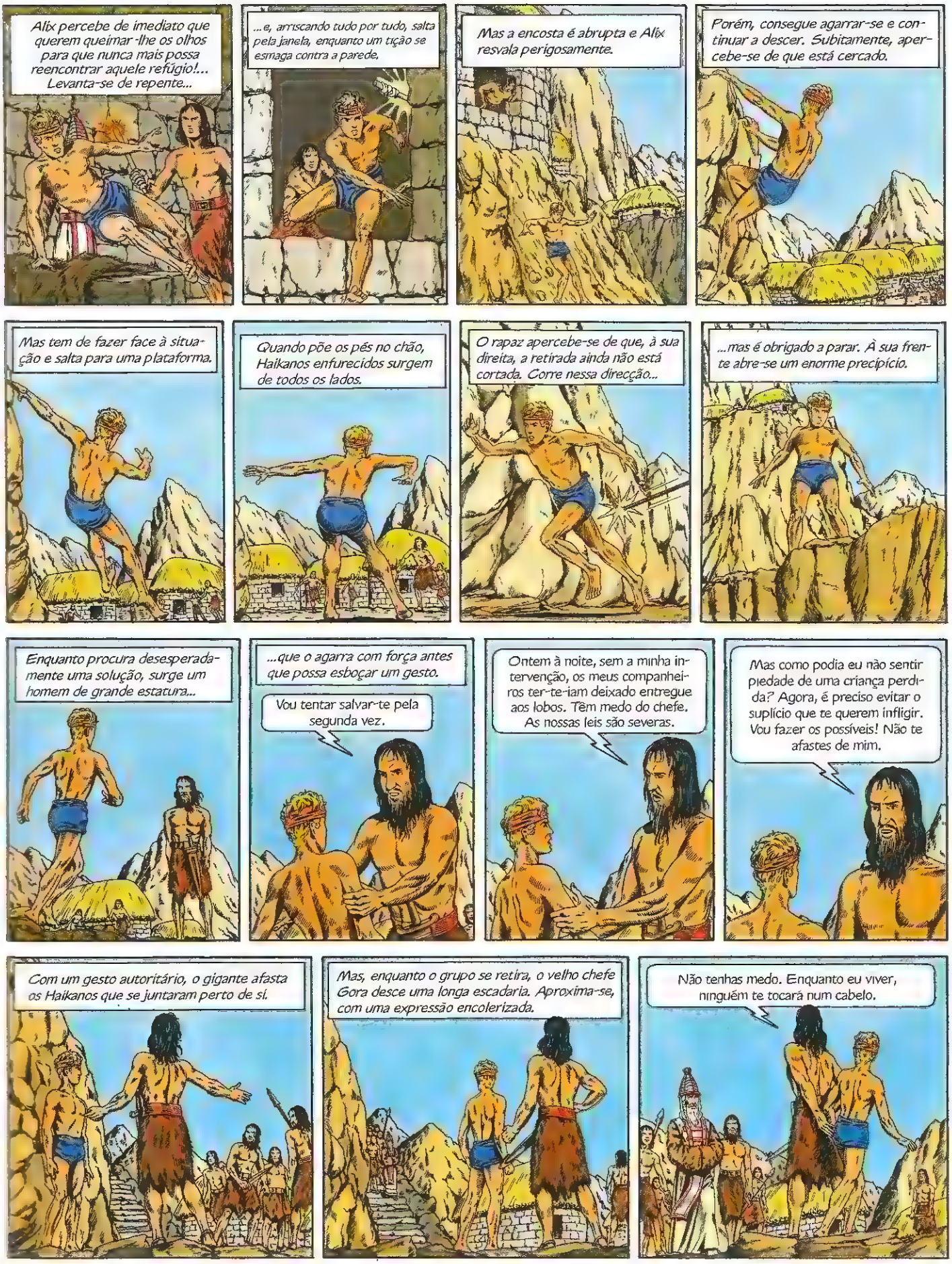
Compreendo a tua fúria, mas não posso deixar matar um homem indefeso... És livre, romano. Vai juntar-te aos teus soldados e não voltes a aparecer por aqui. Talvez não tenhas tanta sorte!
És demasiado generoso!... Se voltares a cair-lhe nas mãos, não hesitará em matar-te!
Não é razão para cometer um assassínio.
Olha!... Ele está a falar connosco!
De facto, ao longe, o centurião grita:
Pede aos deuses para não voltares a cruzar-te no meu caminho, reles escravo... Dou cabo de ti!

Deixa-o ir. É um cobarde!... Já perdemos muito tempo com aquele bruto. Anda! Vamos ter com a tua família.
Pouco depois, Alix despede-se dos camponeses, que, em sinal de agradecimento, tentam retê-lo por todos os meios... mas em vão!
Obrigado!... Hei-de encontrar um abrigo na montanha.
Então, aceita esta pele!... Vais precisar dela. É muito pouco pelo que fizeste por nós!...
Alix aceita a oferta daquela pobre gente. Após sinceros votos de felicidade, parte, muito emocionado.

Ao anoitecer, o jovem observa as margens de um lago rodeado de altas montanhas. É urgente arranjar abrigo.
Por fim, descobre uma gruta onde decide passar a noite. Mas, antes disso, é preciso fazer uma fogueira.
Depois de apanhar lenha, esforça-se por fazer lume, quando, de repente, o cavalo agita-se e relincha.
Alix apercebe-se de um ruído furtivo. Vira-se e abafa um grito de terror!...

À entrada da gruta, está uma alcateia. Ofegantes, os lobos observam os gestos de Alix, que se levanta devagar.
Pegando no arco, o jovem recua, passo a passo, enquanto os lobos avançam.
Subitamente, Alix vira-se e corre para o cavalo que, apesar de assustado, se mantém ali.
Enquanto o cavaleiro salta para a montada, os lobos atacam...
Com a esperança de afastar a alcateia, Alix encaminha o cavalo para as águas do lago e galopa ao longo das margens.
Mas os terríveis carniceiros não se deixam enganar facilmente. Alix ergue o arco e faz pontaria. Dois lobos empinam-se, feridos de morte.
Apesar das baixas, a alcateia continua a ganhar terreno, obrigando Alix, que ficou sem flechas, a voltar à margem.
Entretanto, os lobos alcançaram-no. Alix tenta afastá-los com o arco, que uma goela feroz abocanha em pleno salto.
Estão enraivecidos! A minha espada!... Depressa!...
Desembainhando a espada, desfere golpes à direita e à esquerda, interrompendo o prodigioso salto de um lobo enorme. A seguir, recomeça...
A alcateia não desiste... mas, mais adiante, há uma floresta. Alix embrenha-se nela, continuando a lutar furiosamente.
De repente, ao abater uma das feras, a espada acerta violentamente numa árvore e salta-lhe das mãos!...
O jovem puxa logo da aljava e da bainha e faz com elas um terrível moinete, enquanto a alcateia uiva cada vez mais.
Instintivamente, é atraído por uma luz. Suspensa de uma árvore, uma estranha luminária ilumina a floresta.
Precisa de se apoderar dela para afastar os lobos. Alix estende o braço, agarra-a...
...mas bate com a testa num ramo, soltando um grito terrível.
AAAH!...

Com a violência do embate, perde os sentidos. Apesar do clarão ameaçador das brasas, um lobo aproxima-se cautelosamente.
Mas, quando vai despedaçar a vítima, é mortalmente atingido na cabeça por uma pedra.
Alertados pelo barulho, surgem do meio da escuridão alguns homens. Armados de fundas e lanças, obrigam a alcateia a recuar.
Destinada a proteger uma aldeia da incursão de animais selvagens, a luminária cumpriu a sua função. Os lobos fogem.
Afastado o perigo, os homens aproximam-se de Alix. Um deles, um colosso, pega-lhe com delicadeza e ergue-o nos braços...
...e, sem uma palavra, leva-o para a aldeia. Surpreendidos, e após uma troca de olhares, os companheiros decidem segui-lo.
O dia nasce numa aldeia assente, como um ninho de águia, no flanco de um rochedo de um estreito planalto.
Ao voltar a si, Alix sente dores na cabeça e não distingue bem o que o rodeia.
Onde estou?... O que me aconteceu?... Ah! Os lobos!...
Vira-se, vê os homens e quer falar, mas...
Cala-te!... E presta atenção.
Para nós, só uma coisa importa. Entraste num local que nenhum forasteiro deve conhecer. A nossa salvação depende desse segredo!... Sou o chefe dos Haikanos. Perseguido e dizimado por constantes invasões, o nosso povo teve de se refugiar neste reduto.
Desde então, vivemos afastados do resto do mundo. Mas somos livres e estamos protegidos pela nossa lei, que é dura, mas indispensável.
Num impulso de generosidade, um dos nossos trouxe-te para aqui. Cometeu um erro, e eu devia matar-te. A tua juventude impede-me de o fazer; mas sou obrigado a tomar uma medida de precaução, cruel, mas necessária.
Então, o velho bate as palmas.
Dois homens avançam, trazendo um estranho recipiente incandescente.
Põem-no no chão, tiram dele alguns tições e aproximam-se do jovem, terrivelmente angustiado...


Alix percebe de imediato que querem queimar-lhe os olhos para que nunca mais possa reencontrar aquele refúgio!... Levanta-se de repente...
...e, arriscando tudo por tudo, salta pela janela, enquanto um tição se esmaga contra a parede.
Mas a encosta é abrupta e Alix resvala perigosamente.
Porém, consegue agarrar-se e continuar a descer. Subitamente, apercebe-se de que está cercado.
Mas tem de fazer face à situação e salta para uma plataforma.
Quando põe os pés no chão, Haikanos enfurecidos surgem de todos os lados.
O rapaz apercebe-se de que, à sua direita, a retirada ainda não está cortada. Corre nessa direcção...
...mas é obrigado a parar. À sua frente abre-se um enorme precipício.
Enquanto procura desesperadamente uma solução, surge um homem de grande estatura...
...que o agarra com força antes que possa esboçar um gesto.
Vou tentar salvar-te pela segunda vez.
Ontem à noite, sem a minha intervenção, os meus companheiros ter-te-iam deixado entregue aos lobos. Têm medo do chefe. As nossas leis são severas.
Mas como podia eu não sentir piedade de uma criança perdida? Agora, é preciso evitar o suplício que te querem infligir. Vou fazer os possíveis! Não te afastes de mim.
Com um gesto autoritário, o gigante afasta os Haikanos que se juntaram perto de si.
Mas, enquanto o grupo se retira, o velho chefe Gora desce uma longa escadaria. Aproxima-se, com uma expressão encolerizada.
Não tenhas medo. Enquanto eu viver, ninguém te tocará num cabelo.

Porquê proteger este forasteiro, Toraya?... És o mais forte dos Haikanos, mas não tens o direito de infringir as nossas leis.
São leis selvagens e injustas, Gora. Não mutiles esta criança. Mata-a! Mas não quero que lhe façam mal. A nossa liberdade é sagrada, mas não nos dá o direito de sacrificar inocentes. Tornámo-nos suficientemente fortes para nos defendermos dos inimigos! Deixemos de viver como cobardes.
O chefe solta um grito de raiva e recua alguns passos. Encolerizado, enfrenta Toraya.
Cobardes, nós?!... Vais pagar por esse insulto, Toraya! Morrerás com esse jovem tolo, e nós continuaremos a sacrificar os forasteiros que tiverem a louca ousadia de vir até aqui.
Agarrem-nos! Depressa! As suas vidas são um insulto às nossas leis... Vão!...
Toraya dá um salto para trás, empurrando violentamente Alix...
...e ambos caem no vazio.
Alix vê água, muito ao fundo. A queda parece interminável.
Depois, há um violento embate, um som atordoador... e mais nada!
Ao voltar a si, as suas têmporas parecem rebentar.
Arrastado pela corrente, regressa lentamente a superfície da água gelada.
Dando vigorosos impulsos com as pernas, emerge e respira com sofreguidão.
Os dois fugitivos rapidamente ganham pé.
Desculpa, mas teve de ser.
Alix não consegue responder. Oprime-o um estranho mal-estar, que o faz cambalear.
Toraya tenta ampará-lo, mas também vacila e cai.

Para o chão! Depressa!... A terra treme! Daí o nosso mal-estar!

Atiram-se para o chão. Entretanto, enormes rochedos rolam estrondosamente.

Mais acima, com um fragor assustador, a montanha sobranceira à aldeia desaba sobre as cabanas.

As poucas casas poupadas pelo montão de pedras caem no precipício, arrastando os infelizes sobreviventes.

O cataclismo desencadeia-se com uma violência espantosa, obrigando Alix e Toraya a imobilizarem-se.

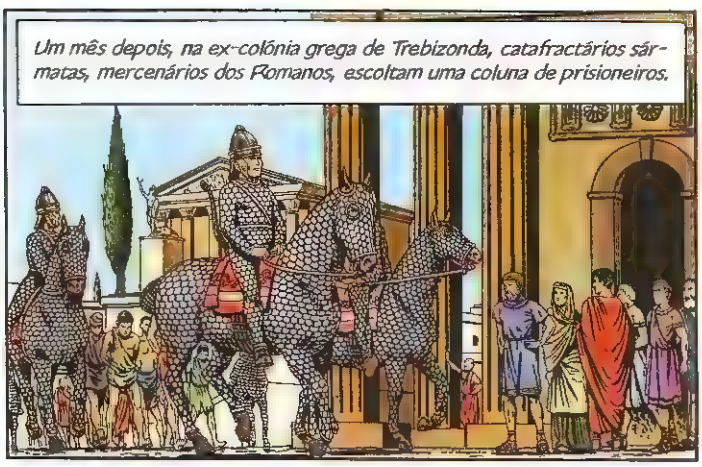
De repente, com um ruído ensurdecedor, abre-se uma fenda debaixo de Alix. Toraya mal tem tempo de o agarrar.

Depois, com um movimento enérgico, puxa-o para si, salvando-o de uma morte atroz.

A Natureza desenfreada acalma lentamente. Por fim, ouve-se apenas um fragor, que vai enfraquecendo.
Que catástrofe!... Em pouco tempo, ficou tudo reduzido a pó! É trágico!

Não!... Não me agradeças. Ajudei-te, pois lembras-me um filho que perdi. Já nada temos a fazer aqui... Anda.

E os dois amigos afastam-se em silêncio, no meio daquele cenário caótico.


Um mês depois, na ex-colónia grega de Trebizonda, catafractários sármatas, mercenários dos Romanos, escoltam uma coluna de prisioneiros.

Como todos os antigos portos helénicos, a vila alberga uma população singular.
Vai avisar Arbacés! Diz-lhe que levam o rebanho à presença do procônsul. Depressa!

Os prisioneiros são encaminhados para um palácio, no qual os espera o mais alto magistrado romano.

Salve, Quintus Arenus! Eis os últimos prisioneiros.
SPQR

O dignitário ajusta o monóculo.
Ah! Vejamos essa ralé de mais perto.

Um oficial sármata expõe, então, o caso de cada prisioneiro.
Estes são dois desertores do exército do general Marsalla.
Condenados à morte!
Este negro chegou aqui com o que restou do exército de Antióquia. Era forçado de galé num barco egípcio.
Que continue a remar... nos nossos navios.
Mas, à entrada da grande sala, aparece um curioso personagem.
Deixem passar, amigos! Deixem passar!
Os soldados afastam-se, com cortesia.
Arbacés aprecia a vossa amabilidade. Até breve, amigos.
O grego entra na sala e observa atentamente os prisioneiros. É o mais hábil mercador de Trebizonda, mas também o menos escrupuloso.
Ao ver um centurião surgir de um corredor...
Que surpresa! Salve, ó oficial mais corajoso do invencível exército romano... o de Marsalla!
Sem lhe responder, o centurião, arrogante, vira-lhe as costas e dirige-se ao procônsul. Um brilho de despeito ilumina o olhar do grego, que segue o oficial.
Nesse momento, Quintus Arenus mostra-se embaraçado.
Estes dois vagueavam pelos campos. Não sabendo quem eram, nem de onde vinham, achei por bem trazer-tos.
O centurião aproxima-se do grupo e, ao ver Alix, solta um grito de espanto. Alix reconhece o homem com quem lutou na montanha.
Este indivíduo é um espião dos Partos. Estava em Khorsabad. O general Marsalla pode confirmá-lo. Em seu nome, entrega-mo!
Um momento! E tu, jovem, que tens a dizer?...
Este homem mente! Se alguém deve ser acusado, é ele. Vi-o molestar camponeses indefesos.
E tu, Marcus, que tens a responder a isto?
Que devo justificar os meus actos apenas a Marsalla... e estou certo de que ele aprovará o que...
De repente, o romano desembainha o gládio e atira-se a Alix!

Prontamente, o grego prega uma rasteira a Marcus, que se desequilibra e cai.
E, enquanto Toraya avança para proteger Alix, o procônsul desata a rir.
AH, AH, AH! És um homem muito ágil, Arbacés!
Agora, basta! Levanta-te, Marcus... Fica sabendo que quem manda aqui sou eu. Diz ao teu chefe que lhe ordeno que parta para Roma amanhã. Aliás, já lá devia estar para prestar contas ao Senado sobre a sua retirada da Síria... Vai!

Seja! Mas lamento que um romano favoreça estrangeiros em detrimento dos seus compatriotas!... Arbacés, isto não fica assim.
E tu, não voltes a cruzar-te no meu caminho. Arrepender-te-ias.
Enquanto Marcus se afasta, Arbacés aproxima-se do procônsul.
Excelência! Autorizas o mais dedicado dos teus servos a tomar sob a sua protecção este jovem e o seu amigo? Nas condições habituais, claro!

Eis um rapaz cheio de sorte! Está bem, Arbacés! Mas não esqueças a tua promessa!
Fica descansado! Ao fim da tarde, um dos meus escravos virá trazer-te o que esperas. Até breve, Quintus Arenus.
Enquanto os prisioneiros continuam a desfilar diante do procônsul, Arbacés leva Alix e Toraya para a saída do palácio e para o que eles esperam ser a liberdade.
Na manhã seguinte, num terraço, o general Marsalla e Marcus discutem o procedimento a adoptar.

Aqui, seria imprudente livrarmo-nos desses três empecilhos!... Mas tem de ser!
Tanto mais que esse tal Alix pode dar informações sobre a nossa retirada aos nossos inimigos de Roma, que ficaram encantados.
Enquanto fala, Marcus apoia-se na balaustrada.
Quanto a Arbacés, tenciona usar os dois homens para nos prejudicar.
Oh! Esta agora! Os céus estão do nosso lado. Vem ver, general! Depressa!

Mas... Estão a embarcar!... E achas que é uma ajuda divina?
Claro!...

Já to disse: parece-me impossível dar sumiço a três homens em Trebizonda. Mas, no alto mar... pode haver um acidente! Nunca se saberá como é que o barco naufragou. Percebes?
Perfeitamente!

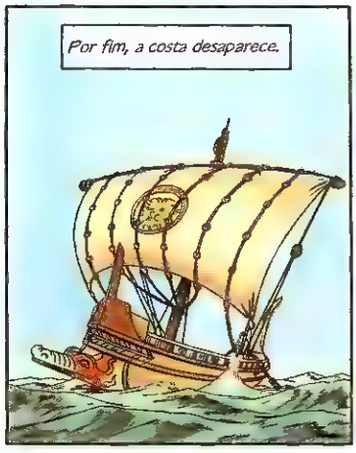
Entretanto, o "Libúrnia" de Arbacés afasta-se lentamente do cais.

Phileas, levaste o ouro ao procônsul?... Óptimo!... Mantém-te atento durante a minha ausência. Adeus!

O navio que leva Alix e Toraya atravessa o porto.

Com este vento, depressa chegaremos a Rodes... Mas vistam roupas mais quentes. Há algumas na cabina.

Passado o canal, o "Libúrnia" dirige-se para o mar alto.


Por fim, a costa desaparece.

Ouviste?... Ouro para o procônsul! Será que nos comprou?...
...Ou pagou uma dívida?!...

Não foi pelos nossos lindos olhos que o grego nos arrancou das garras do procônsul. O que estará a tramar?

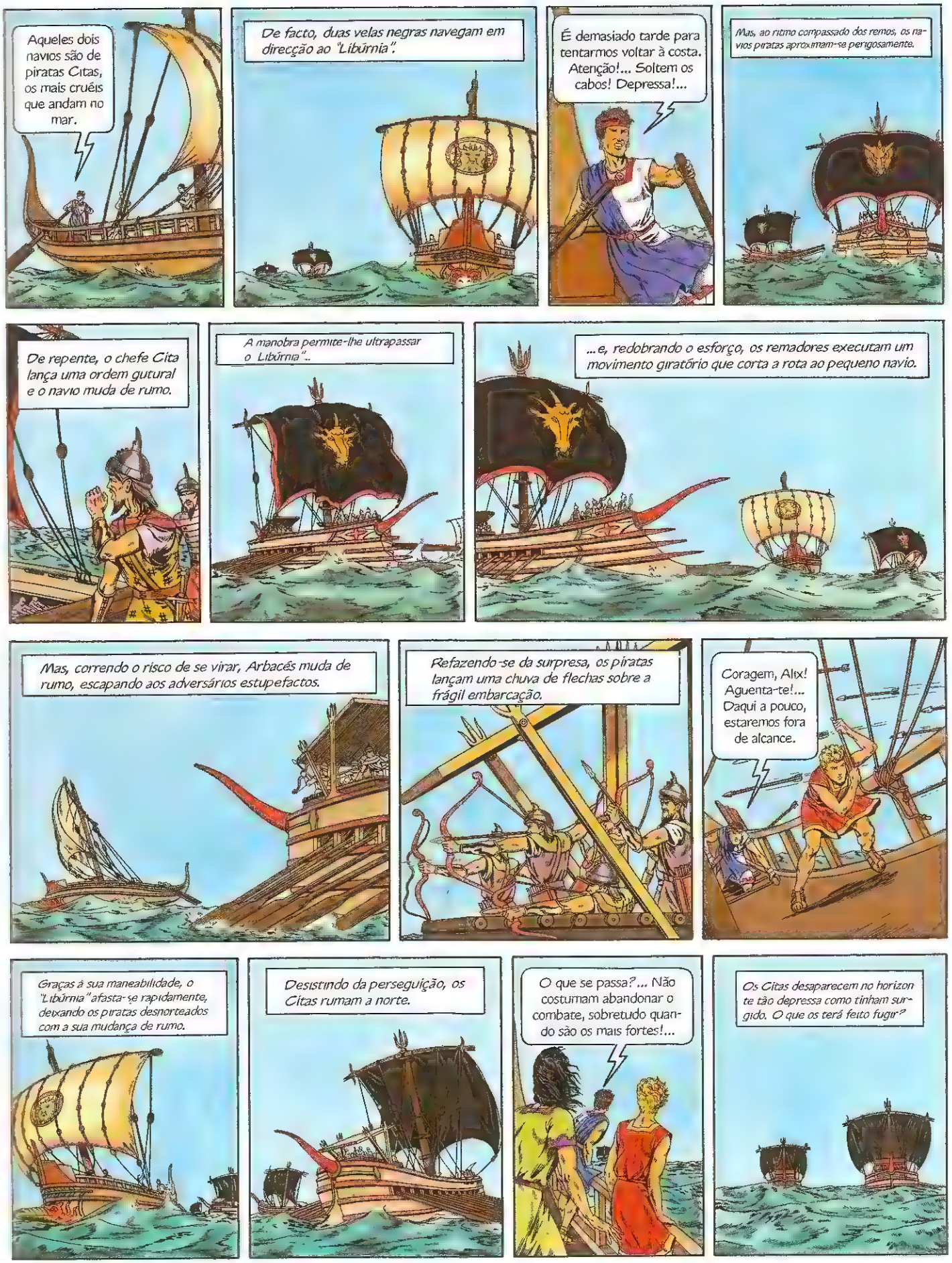
Tens razão... Cuidado!... Chiu!... Está a olhar para nós.

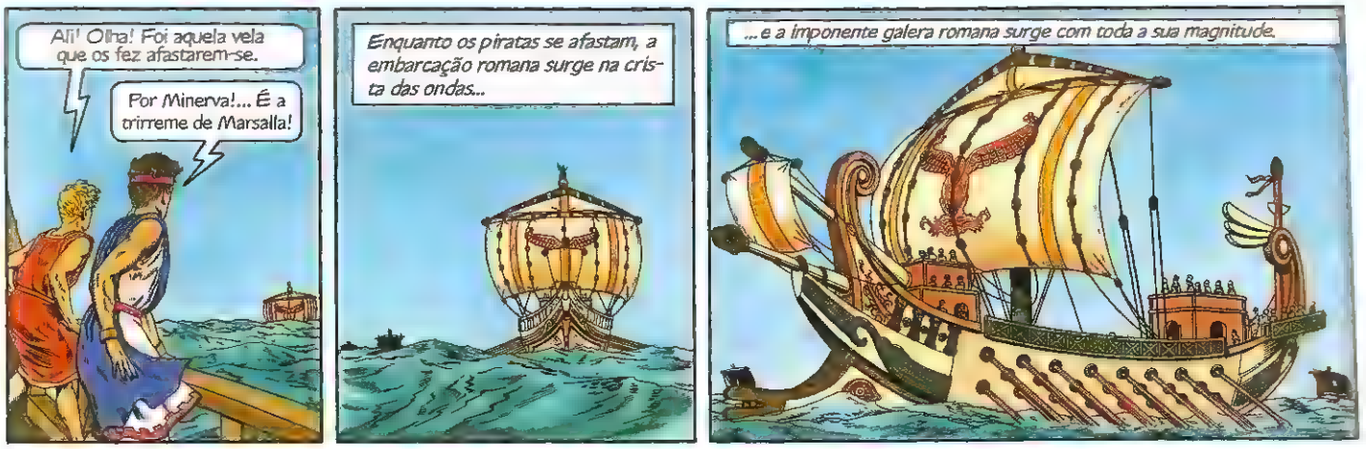
Que bela transformação, amigos!... Agora, ajudem-me a governar o barco. Vamos revezar-nos ao leme, concordam?...
Conta connosco!

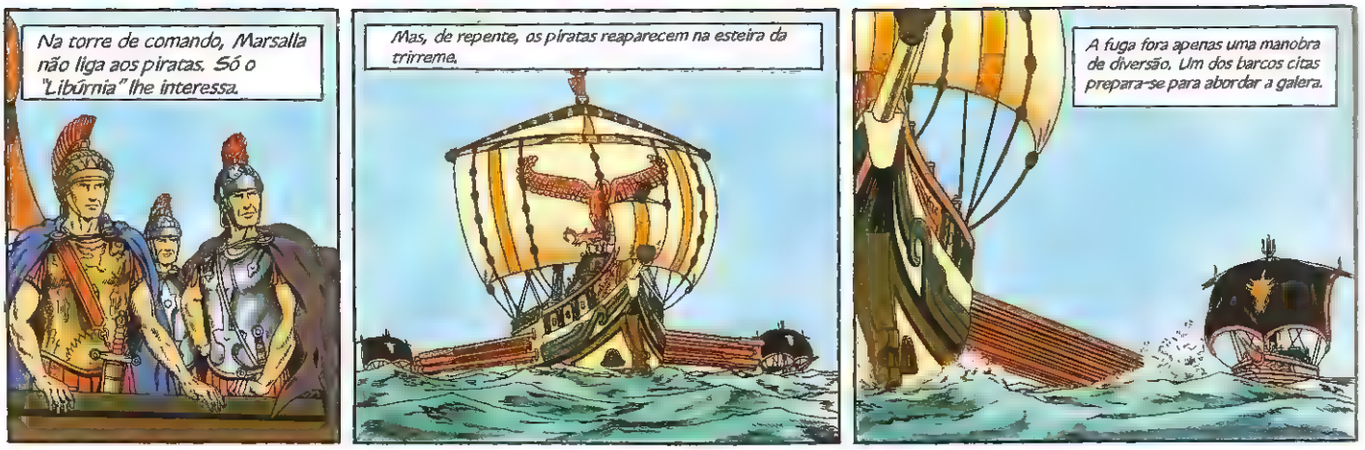
Alix e Toraya manobram com cuidado, quando...

Ah! O vento está a mudar!... Por Minerva! Vamos ter sarilhos!

Depressa! Estiquem a vela e baixem o cabo do mastro. Se não navegarmos mais depressa, estamos perdidos.

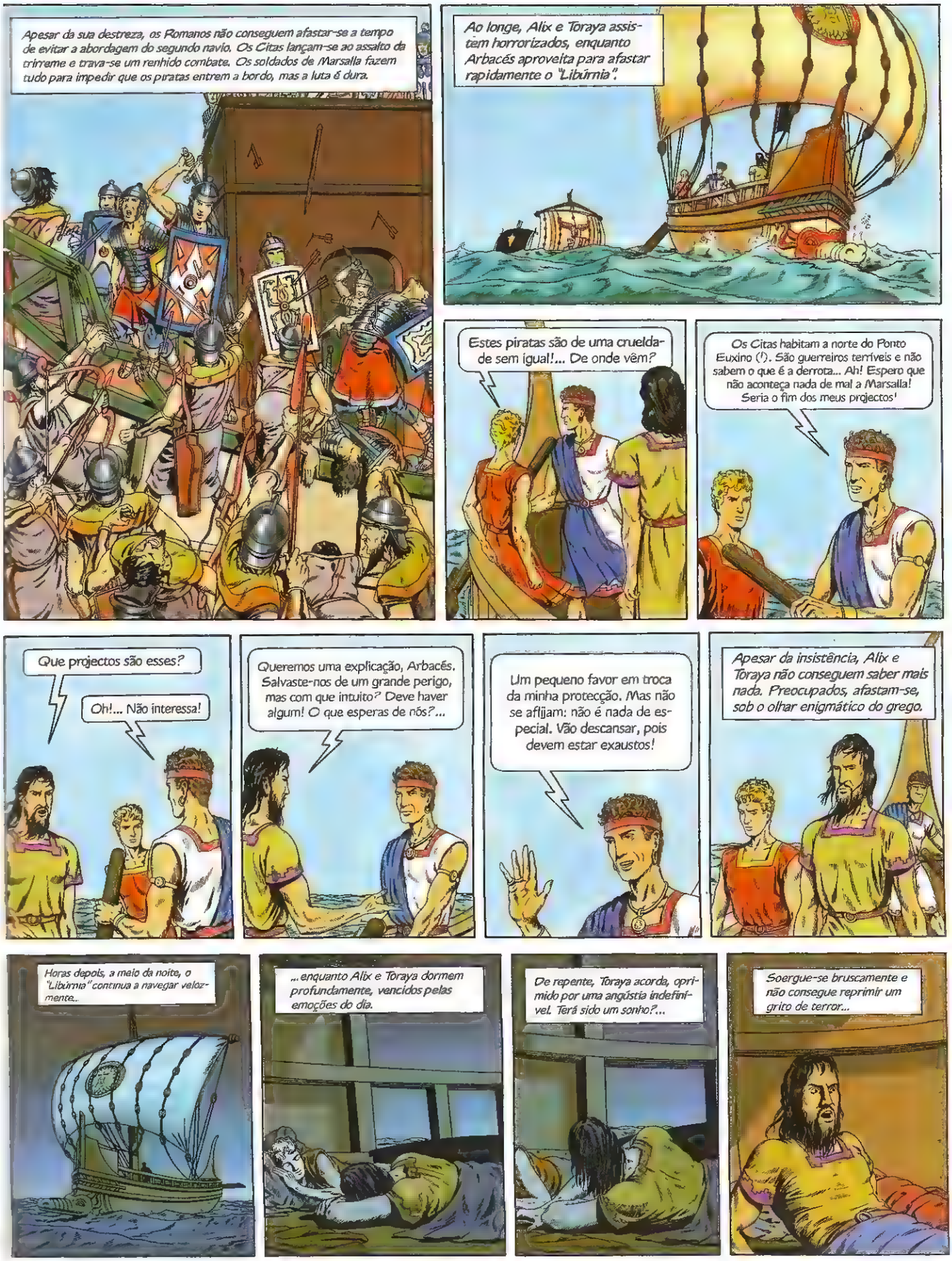

Aqueles dois navios são de piratas Citas, os mais cruéis que andam no mar.
De facto, duas velas negras navegam em direcção ao "Libúrnia".
É demasiado tarde para tentarmos voltar à costa. Atenção!... Soltem os cabos! Depressa!...
Mas, ao ritmo compassado dos remos, os navios piratas aproximam-se perigosamente.
De repente, o chefe Cita lança uma ordem gutural e o navio muda de rumo.
A manobra permite-lhe ultrapassar o "Libúrnia"...
...e, redobrando o esforço, os remadores executam um movimento giratório que corta a rota ao pequeno navio.
Mas, correndo o risco de se virar, Arbacés muda de rumo, escapando aos adversários estupefactos.
Refazendo-se da surpresa, os piratas lançam uma chuva de flechas sobre a frágil embarcação.
Coragem, Alix! Aguenta-te!... Daqui a pouco, estaremos fora de alcance.
Graças à sua maneabilidade, o "Libúrnia" afasta-se rapidamente, deixando os piratas desnorteados com a sua mudança de rumo.
Desistindo da perseguição, os Citas rumam a norte.
O que se passa?... Não costumam abandonar o combate, sobretudo quando são os mais fortes!...
Os Citas desaparecem no horizonte tão depressa como tinham surgido. O que os terá feito fugir?


Ali! Olha! Foi aquela vela que os fez afastarem-se.
Por Minerva!... É a trirreme de Marsalla!
Enquanto os piratas se afastam, a embarcação romana surge na crista das ondas...
...e a imponente galera romana surge com toda a sua magnitude.


Na torre de comando, Marsalla não liga aos piratas. Só o "Libúrnia" lhe interessa.
Mas, de repente, os piratas reaparecem na esteira da trirreme.
A fuga fora apenas uma manobra de diversão. Um dos barcos citas prepara-se para abordar a galera.

Dado o alarme a bordo do grande navio, os remadores imobilizam-se.
Recuar!... Mais depressa!... Chicoteiem esses mandriões, por Júpiter!...
E chovem chicotadas nas costas dos remadores.

Quando o barco pirata se atravessa à sua frente, Marsalla inverte a manobra e a temível trirreme avança...
...abalroando o inimigo, com um fragor aterrador. A trirreme romana afasta-se, pois logo surge o outro navio pirata.
Quanto ao "Libúrnia", já está longe.
Oh!... Que horror!...


Apesar da sua destreza, os Romanos não conseguem afastar-se a tempo de evitar a abordagem do segundo navio. Os Citas lançam-se ao assalto da trirreme e trava-se um renhido combate. Os soldados de Marsalla fazem tudo para impedir que os piratas entrem a bordo, mas a luta é dura.
Ao longe, Alix e Toraya assistem horrorizados, enquanto Arbacés aproveita para afastar rapidamente o "Libúrnia".
Estes piratas são de uma crueldade sem igual!... De onde vêm?
Os Citas habitam a norte do Ponto Euxino (!). São guerreiros terríveis e não sabem o que é a derrota... Ah! Espero que não aconteça nada de mal a Marsalla! Seria o fim dos meus projectos!
Que projectos são esses?
Oh!... Não interessa!
Queremos uma explicação, Arbacés. Salvaste-nos de um grande perigo, mas com que intuito? Deve haver algum! O que esperas de nós?...
Um pequeno favor em troca da minha protecção. Mas não se aflijam: não é nada de especial. Vão descansar, pois devem estar exaustos!
Apesar da insistência, Alix e Toraya não conseguem saber mais nada. Preocupados, afastam-se, sob o olhar enigmático do grego.
Horas depois, a meio da noite, o "Libúrnia" continua a navegar velozmente..
...enquanto Alix e Toraya dormem profundamente, vencidos pelas emoções do dia.
De repente, Toraya acorda, oprimido por uma angústia indefinível. Terá sido um sonho?...
Soergue-se bruscamente e não consegue reprimir um grito de terror...

Mar Negro.

Assustei-te! Desculpa! Queria que vissem o nascer do Sol.
Obrigado. Já vou!... Tu, Alix, fica deitado. Deves estar muito cansado.
Não! Prefiro ir contigo.
De facto, é lindo. Que paisagem é esta?
O Helesponto (1).

Ao sair da cabina, Alix encontra um punhal cravado no chão.
Fica desconfiado. A arma não estava ali no dia anterior!... Quem a teria lá posto?
Este punhal é teu, Toraya?... Estava ao pé da tua cama.
Não! Sabes que não tenho armas.

É teu, Arbacés?...
Não! De modo algum!
Se não pertence a ninguém... para o mar!
Nunca devemos desfazer-nos de uma arma. Nunca se sabe! Mas esqueçamos este pequeno incidente e, sobretudo, mantenhamos o bom humor!
Passamos a dormir por turnos, Alix. Estou convencido de que o grego queria apunhalar um de nós. Temos de nos acautelar!
Sim, devemos estar atentos.

O tempo passa. Alix e Toraya vivem num ambiente de desconfiança e angústia.
Dias depois, o pequeno barco chega a uma das mais belas ilhas do Mediterrâneo: Rodes.
De repente, Alix grita:
Toraya, olha!...

(1) Bósforo.

A entrada do porto, ergue-se, imponente, o célebre colosso de Rodes, representando Apolo, o Deus do Sol.
Enquanto o "Libúrnia" ladeia lentamente o cais, Alix e Toraya contemplam a gigantesca estátua.
Por fim, o barco imobiliza-se.
Depois de o terem amarrado solidamente, os três homens dirigem-se a cidade.
Fazemos escala aqui durante uns dias.
Tens cá amigos?
Sim, tenho uma casa... Viva, Hertia.
Entrem, amigos. Esta casa é vossa.
Enquanto procuro o meu criado, vão para o terraço, ao fundo do átrio. A vista é maravilhosa
Ah!... De facto, o panorama é magnífico.
Pouco depois, o grego junta-se aos hóspedes. Vem com um escravo corcunda e zarolho que traz uma bandeja com bebidas.
O criado dirige-se logo a Toraya, a quem oferece uma taça, fitando-o intensamente com o único olho são.
Então, Toraya, não bebes?... O que tens?...
Nada!... Desculpa, mas estava distraído!...
Então, sob um estranho olhar de Arbacés, Toraya leva a taça aos lábios.

De repente, levanta-se, deixando cair a taça que se entorna em cima da mesa.
Alix, olha para aquela trirreme à entrada do porto! Marsalla conseguiu escapar aos piratas.
O grande navio entra no porto e dirige-se para o cais.
Arbacés!? Mas onde está ele? Porque terá desaparecido?
Bebeste o vinho, Toraya?
Não! Porquê? Com mil diabos, foi por um triz. Esta mistura desfez as uvas! Veneno! E tu, Alix, bebeste da tua taça? Despeja o teu vinho em cima do outro cacho.
Os frutos ficaram intactos!... Era a mim que Arbacés queria matar.
E os dois amigos elaboram rapidamente um plano para escapar da armadilha que lhes montaram. Para terem mais hipóteses, decidem separar-se. Alix partirá pelos jardins.
Agarra-te a esta videira; parece-me sólida.
E, para Alix, tudo corre bem.
Tranquilizado, Toraya entra em casa, atento e pronto a defender a vida.
De repente, na penumbra, brilha fugazmente uma lâmina metálica.
Toraya imobiliza rapidamente o agressor.
Mas o corcunda é robusto, e trava se uma luta feroz.
Horas depois, a noite, diante da casa de Arbacés...
É aqui!... Chiu!... Em silêncio!...
Uma porta abre-se devagar.
Está tudo às escuras!... É estranho!... Sigam-me.
De repente, o grego tropeça num corpo estendido no chão e não consegue reprimir um grito.
OH!

O que é, Arbaces?
Por Minerva! O meu velho criado!... Amarrado!
Vê como estes escravos revoltados são perigosos!... Ontem à tarde, tornaram-se ameaçadores. Por isso, achei prudente chamar-te para que os prendesses.
Onde estarão?
Devem andar para os lados do porto, à procura de uma embarcação... Mais uma coisa!... Poupa o mais novo. Age a mando do mais velho, que te entrego. Ajuda-me e verás que não estás a lidar com um ingrato.
Logo que liberte o criado vou ter contigo. Até já, e boa sorte.
Os soldados partem. Arbaces volta para casa.
Preparei o golpe com todo o cuidado e tu, imbecil, fizeste-o falhar.
A derrota enerva o grego.
O que fazer?... Se os dois idiotas caem nas garras de Marsalla, está tudo perdido!... Aah!...
Toraya será preso!... Mas conseguirei que me entreguem Alix? Preciso dele. Vai buscar os punhais e segue-me.
Entretanto, no porto...
Alix!... Vai partir um barco egípcio, e nós podemos embarcar.
Óptimo!... Eu falei com um capitão fenício que aceita levar-nos no seu barco.
O que preferes?
O egípcio, pois está de partida!... Mas... Soldados!... Estão a observar-nos... Peguemos nestas armas.
Corre, Alix! Eu protejo a tua retirada! Foge!
Não, Toraya! Fico contigo!
Trava-se um duro combate. Toraya faz estragos.
Mas, apesar do seu vigor, cede perante o número e é brutalmente espancado.
Alix defende-se com a força do desespero quando... duas espadas se erguem sobre ele.

Corajosamente, investe contra o primeiro agressor que vacila com a pancada.
Livre de um, Alix tenta fugir, mas o outro soldado vira-se.
Alix esquiva-se da espada e corre, mas o romano enraivecido atira-lhe a espada.
Cujo punho acerta na nuca do rapaz, que cai.
Por Júpiter! Mataste-o, Carlus!... Afinal, é apenas um escravo!... Aí vem o dono.
Seguido pelo corcunda, Arbacés chega ao local.
Deviam ter morto o outro!... Vou levar o corpo deste para minha casa.
Lamento! Estes homens pertencem-te, mas infringiram a lei ao lutarem contra soldados romanos. A sua sorte depende agora do governador da ilha, a quem vou entregá-los.
Soldados, levem-nos!
Eh!... Prometi-te uma recompensa. Duplico-a, se me entregares o mais novo.
Não!... Entende-te com o governador! Eu cumpro o meu dever... Adeus!
Porque recorri eu a este idiota emplumado!?... O que acontecerá se o governador os interrogar? Está tudo comprometido.
Ora! Não vale a pena lamentar-me. Tu, segue-os e traz-me o maior número possível de informações... sobretudo sobre a atitude do governador. Quando voltares, logo verei.
Pouco depois, pensativo e cabisbaixo, o grego chega a casa...
...na qual entra com os olhos postos no chão.
De repente, a porta fecha-se, e a ponta de uma espada pica-lhe as costas.
Avança!... Anda!...
Mas isto é um atentado!
Avança!... Mais depressa!
Ao chegar ao terraço, a sua surpresa é grande.
Eis-te finalmente, canalha!...

Rodeados de soldados, Marsalla e Marcus ficam o grego surpreendido.
Aproxima-te!... Quero falar contigo!

Vou direito ao assunto! O que fizeste a Alix? Onde está?

Garantiram-me que acaba de ser preso!... É verdade?

Em silêncio, Arbacés aproxima-se.
Hum! Que linda taça! É de ouro!... Fala! Estou à espera!...

De repente, Marcus dá um salto e levanta o manto de Arbacés.

Um punhal! Para me matar!... Canalha... Onde está Alix?... Querias usá-lo contra mim, em Roma?

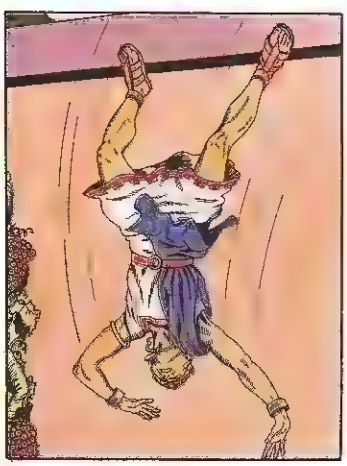
Sim!... Queria usá-lo. Tencionava fazer com que obtivesse a cidadania romana para que pudesse depor contra ti, Marsalla, e também contra ti, Marcus. Ele deve saber muita coisa sobre a vossa conduta no Oriente. Mais tarde ou mais cedo, ficaram à minha mercê, pois necessito de soldados sem escrúpulos para um senhor poderoso.

BASTA! Marcus, livra-me deste canalha!

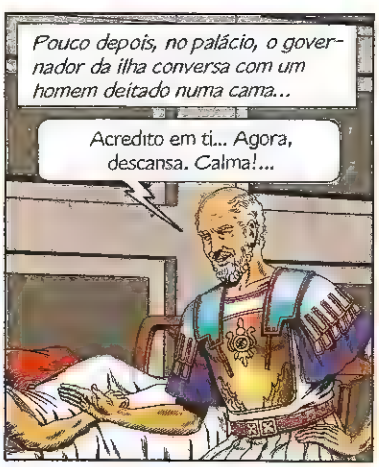
Eh! Eh! Tínhamos contas para ajustar!
Marcus! Talvez te arrependas desse gesto!

Arrepender-me?!... Um crápula da tua lata... Estás a brincar!... Recua. Vou mostrar-te como se elimina um ser pernicioso... Recua. Mais.

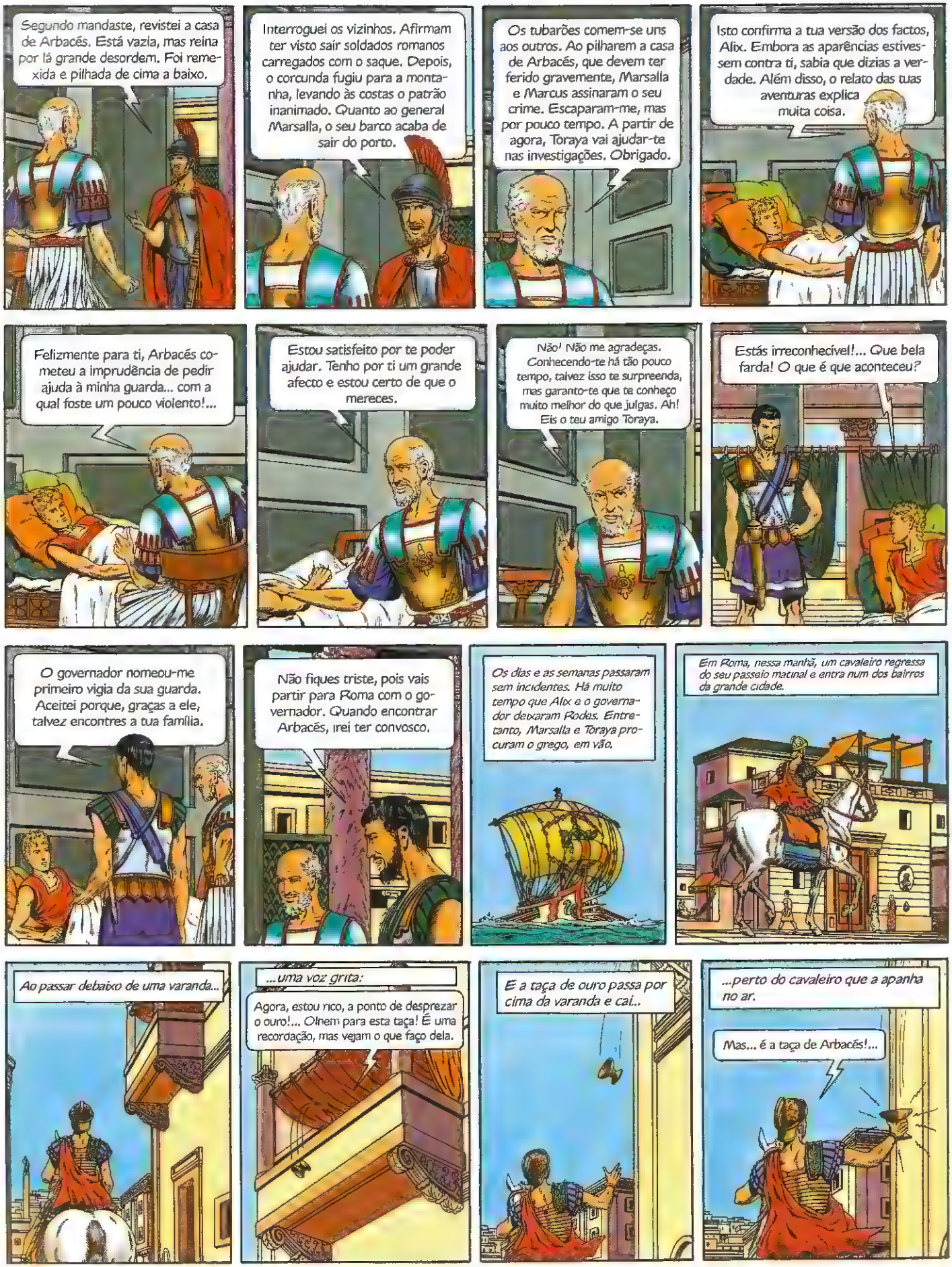
De repente, o grego bate no parapeito, desequilibra-se e cai, soltando um grito terrível.



Pronto! Livres deste, Alix torna-se menos perigoso. Mas devíamos ter-lhe perguntado quem era o tal "senhor poderoso". Ora! Não interessa!


Pouco depois, no palácio, o governador da ilha conversa com um homem deitado numa cama...
Acredito em ti... Agora, descansa. Calma!...

...mas é interrompido.
Excelência!
O que é?...


Segundo mandaste, revistei a casa de Arbacés. Está vazia, mas reina por lá grande desordem. Foi remexida e pilhada de cima a baixo.
Interroguei os vizinhos. Afirmam ter visto sair soldados romanos carregados com o saque. Depois, o corcunda fugiu para a montanha, levando às costas o patrão inanimado. Quanto ao general Marsalla, o seu barco acaba de sair do porto.
Os tubarões comem-se uns aos outros. Ao pilharem a casa de Arbacés, que devem ter ferido gravemente, Marsalla e Marcus assinaram o seu crime. Escaparam-me, mas por pouco tempo. A partir de agora, Toraya vai ajudar-te nas investigações. Obrigado.
Isto confirma a tua versão dos factos, Alix. Embora as aparências estivessem contra ti, sabia que dizias a verdade. Além disso, o relato das tuas aventuras explica muita coisa.
Felizmente para ti, Arbacés cometeu a imprudência de pedir ajuda à minha guarda... com a qual foste um pouco violento!...
Estou satisfeito por te poder ajudar. Tenho por ti um grande afecto e estou certo de que o mereces.
Não! Não me agradeças. Conhecendo-te há tão pouco tempo, talvez isso te surpreenda, mas garanto-te que te conheço muito melhor do que julgas. Ah! Eis o teu amigo Toraya.
Estás irreconhecível!... Que bela farda! O que é que aconteceu?
O governador nomeou-me primeiro vigia da sua guarda. Aceitei porque, graças a ele, talvez encontres a tua família.
Não fiques triste, pois vais partir para Roma com o governador. Quando encontrar Arbacés, irei ter convosco.
Os dias e as semanas passaram sem incidentes. Há muito tempo que Alix e o governador deixaram Rodes. Entretanto, Marsalla e Toraya procuram o grego, em vão.
Em Roma, nessa manhã, um cavaleiro regressa do seu passeio matinal e entra num dos bairros da grande cidade.
Ao passar debaixo de uma varanda...
...uma voz grita:
Agora, estou rico, a ponto de desprezar o ouro!... Olhem para esta taça! É uma recordação, mas vejam o que faço dela.
E a taça de ouro passa por cima da varanda e cai...
...perto do cavaleiro que a apanha no ar.
Mas... é a taça de Arbacés!...

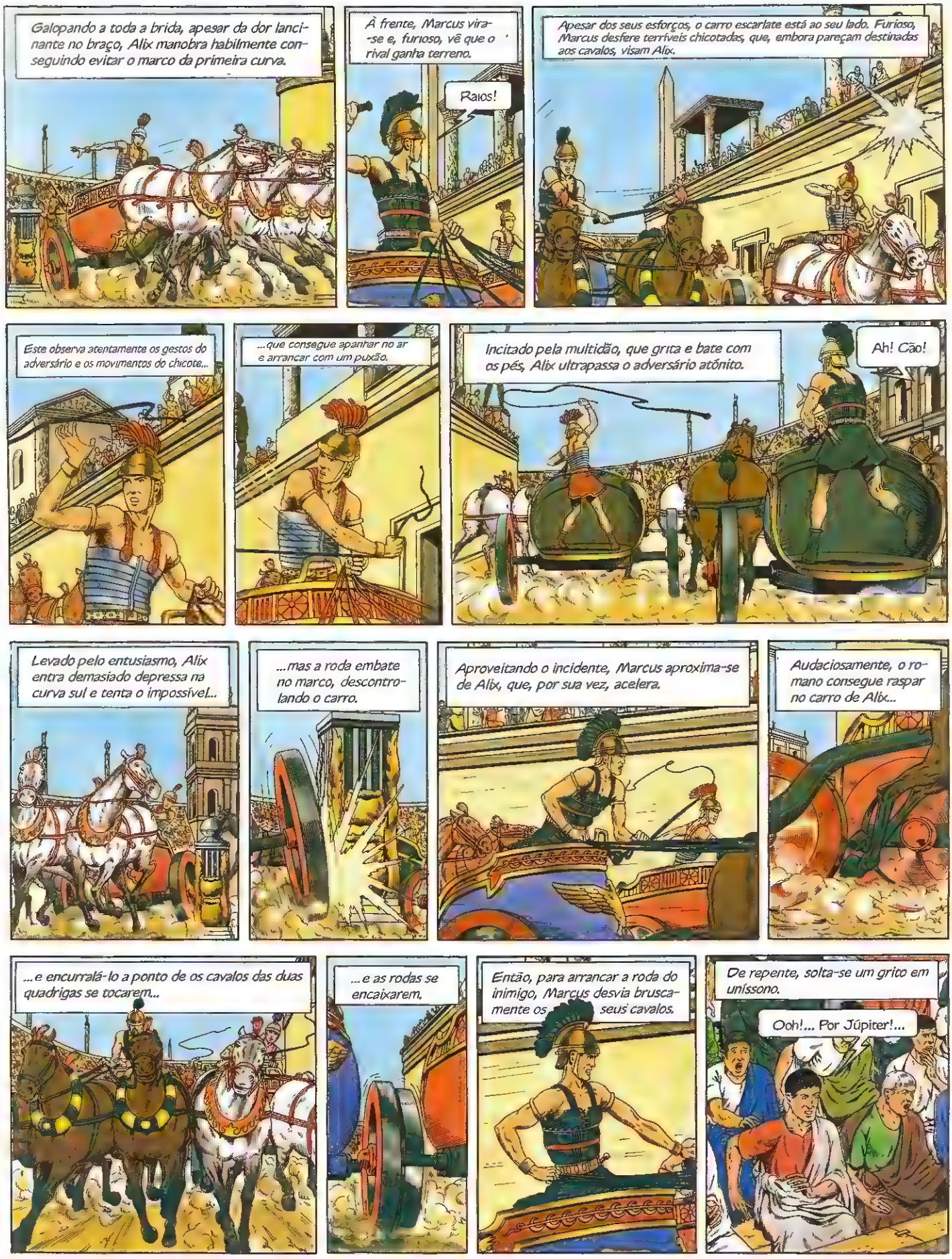
Será mesmo? Há muitas taças iguais!
Mas, lá em cima, um dos convivas levanta-se.
Não ouvi barulho! Será que acertei na cabeça de um transeunte?
Por Júpiter! Alix!... Aqui!... Com a taça de Ar...
De Arbacés! Sim, Marcus! Obrigado!
Se voltares a ter a veleidade de atirar objectos preciosos pela janela, guarda os que te comprometem!
Mas estou encantado com este presente e o meu pai adoptivo vai gostar de ouvir o relato do nosso encontro.
Adeus e até à vista!
Enquanto Alix se afasta, Marcus vira-se, furioso.
Aquele traste está sempre a cruzar-se no meu caminho! Vamos eliminá-lo!
Foi adoptado pelo governador Honorus Galla. Conheço-o: for-me apresentado quando chegou a Roma.
Ah!... E onde mora?
No palácio dos Galla, perto da Via Ápia... Não percebo a tua preocupação: o Senado ilibou-vos, a ti e a Marsalla, de todas as suspeitas.
Aquele patife sabe o suficiente para fazer com que o Senado mude de ideias. Mas não lhe darei tempo. Vou explicar-te.
E, nessa noite...
É agora, Milon... e não falhes.
O homem avança, fazendo rodopiar uma funda. A pedra silva, e o guarda cai, sem um grito.
Perfeito. Levemo-lo para dentro. Sem fazer barulho!
No átrio, à luz de uma lamparina, Honorus Galla e Alix conversam tranquilamente, quando...
Chiu! Não ouviste nada?...
Não!... Está descansado. Há um guarda em cada porta. Presta atenção, pois ainda tenho muito para te dizer.
De repente, algo corta o ar, atingindo a lamparina, que se apaga.
Cuidado!

Em frente!... Enquanto eu trato destes dois, procurem o objecto que nos interessa.
Um assalto!... Pai, como estás desarmado, dá o alarme. Eu protejo-te.
Limitado pela toga, Honorus Galla tanta apressar-se para chegar à galeria.
E ao chegar perto do gongo, é apanhado por um agressor.
Alix, determinado, enfrenta o chefe da expedição...
Vou desmascarar-te!...
...O qual com um violento golpe de espada desequilibra Alix, que cai para trás.
O homem atira-se ao rapaz... mas Alix reage vivamente.
Com um salto, este ergue-se e enfrenta novos agressores.
Isto está a correr mal! Fujamos!... E tu, patife, não te mexas, senão...
Os criados acordaram! Depressa!... Alix, não te aproximes!
De facto, alertados pelo barulho, os criados aparecem.
Ali! Fogem!
Mas os mascarados já estão na rua.
Entretanto, Alix não desiste e persegue-os.
Obcecado pela ideia de desmascarar o agressor, desata a correr...
...quando, de repente, é detido por uma mão que surge da escuridão.
Pára, Alix!...

Surpreendido, o jovem depara com uma mulher velada.
Perdoa a minha intromissão, mas era necessário.
O chefe dos agressores era Marcus. Se o apanhasses, o castigo que lhe irias infligir não seria, a meu ver, suficientemente severo. Foi por isso que intervim.
Quem és tu?... E porque o deixaste atacar-me?
Fui avisada demasiado tarde, mas posso proporcionar-te uma vingança terrível.
Amanhã, os cônsules organizam uma corrida de carros. Marcus participará sob as cores de Marsalla. Empenharam toda a sua fortuna nessa prova. Queres conduzir a minha quadriga e vencer?... Eu ajudo-te.
Não quero vingar-me! E quem me prova a tua boa-fé?...
Alix, um dos indivíduos roubou a taça de ouro que trouxeste ontem!
Então, era Marcus. Mas não posso aceitar a tua proposta.
Como queiras!... Mas, se pensares melhor talvez mudes de ideias. Os meus criados esperam-te no circo, à segunda hora... Até amanhã!
No dia seguinte, ao amanhecer, Honorus Galla sente que, pouco a pouco, as forças o abandonam.
Onde está Alix? Porque demora tanto?... Quero falar-lhe imediatamente.
Foram acordá-lo, senhor. Não deve tardar.
Alix! Finalmente! Aproxima-te, meu filho. Quero falar-te.
O que se passa?
Há muito tempo que sofro do coração, e as emoções desta noite afligiram-me. Sinto que a morte se aproxima. Não fales! Ouve...
Há uns anos, no início da conquista da Gália, comandava uma legião de César. Incapaz de vencer uma tribo gaulesa, decidi usar um estratagema para a dominar.
Preparei uma cilada ao chefe da tribo. Confiando na minha palavra, compareceu, com a família e os guardas. Fi-los prisioneiros.
Entretanto, os meus soldados atacaram o campo inimigo que, sem o seu chefe, foi derrotado. Venci, graças a uma traição.
O que aconteceu ao chefe?...
Não ousei mandar matá-lo. Mandei-os para a retaguarda, a ele e à família... Depois, entreguei-os a um mercador de escravos egípcio.
A mãe morreu pouco depois, de desgosto... Restava a criança!... Foi vendida a uns fenícios que a levaram num navio... No ano seguinte, fui nomeado governador de Rodes, e o cargo fez-me esquecer um pouco esse duplo crime.
Quem era esse chefe gaulês?...
Chamava-se Astorix... e o filho dele... Aah!

Exausto, Honorus Galla fala com dificuldade.
O filho... chamava-se... A... Alix... És tu!
Eu?... E adoptaste-me?...
Sim, para tentar redimir-me... Reconheci-te logo. Pareces-te muito com o teu pai. Perdoas-me?...
Sim... mas não posso ficar em tua casa. Parto amanhã para a Gália.
Espera! Ainda não! Não vou durar muito mais.
Está bem. Sossega. Virei ver-te daqui a pouco.
Emocionado, Alix sai lentamente do quarto, sem saber o que fazer.
De repente, uma voz interrompe-lhe os pensamentos.
Alix!... O meu amo está a morrer!
Como?... O que dizes?...
Está agonizante.
Alix acorre.
Espero que não seja demasiado tarde!
Acabou-se! Ah! Porque me fez tais confidências antes de morrer? Amava-o e respeitava-o como a um pai!
Quais são as tuas ordens, Alix? Agora, és o nosso amo!
Reúne os criados e avisa os amigos. Vamos dar ao meu pai adoptivo um funeral digno.
Horas depois, no grande circo... Vai ser dada a partida, e os concorrentes bebem uma última taça.
Marcus, reparaste naquela quadriga escarlate?... Sabes quem é o auriga?
Não.
Intrigado, Marcus sobe para o seu carro, observando a misteriosa quadriga, junto da qual se reuniram alguns homens.
Eh! Vocês! Porque se escondem?... Mostrem a cara, que diabo!
Mas o seu sorriso desaparece, quando alguém lhe responde:
Com certeza, Marcus... Estás desconcertado, mas as surpresas mal começaram.

Marcus está boquiaberto!...
Consta que empenhaste a tua fortuna nesta corrida! Estás assim tão certo da vitória?
Mas um escravo interpela o misterioso personagem.
Senhor, o auriga da tua quadriga acaba de chegar. Está a vestir-se.
De facto, Alix mudou de ideias e equipa-se para participar na grande corrida.
Vou ver como estão os preparativos!
Despacha-te!
Senhor, ele está aqui!
Eu sei. Fecha essa porta e vem comigo. Preciso de te falar.
O desconhecido senta-se a uma mesa e...
Está tudo a correr bem... mas Alix não pode ver-me aqui. Não o deixes sair antes de eu me ir embora.
O ferrador fez o que lhe pedi?... Não o chames já!... Tenho de confundir as pistas. Espera!... Pronto! Já podes mandá-lo entrar.
Cumpri à risca a minha missão. Vai haver um acidente.
Perfeito! Se tudo correr como previsto, recebes 10.000 sestércios. Senão, morres.
Pouco depois, uma mulher muito elegante chega às bancadas destinadas aos dignitários romanos. Antes de se sentar, faz um sinal discreto a um dos cônsules.
César, está na altura de dar a partida! A multidão impacienta-se.
Tens razão, Pompeu. Transmite a ordem ao pretor.
O povo espera, Labienus. Se os concorrentes estão prontos, que a corrida comece.
Ladeado por dois edis que seguram uma pesada coroa, Labienus avança e agita um lenço verde.
O momento é solene!... Alix acorre, sobe para o carro e segura as rédeas. Marcus reconhece-o.
Por Júpiter!... Alix!...
O lenço cai de repente e os carros arrancam tumultuosamente, saudados por uma multidão delirante...
...e o grito de Alix perde-se na algazarra. Um terrível golpe de chicote fá-lo largar o seu!...

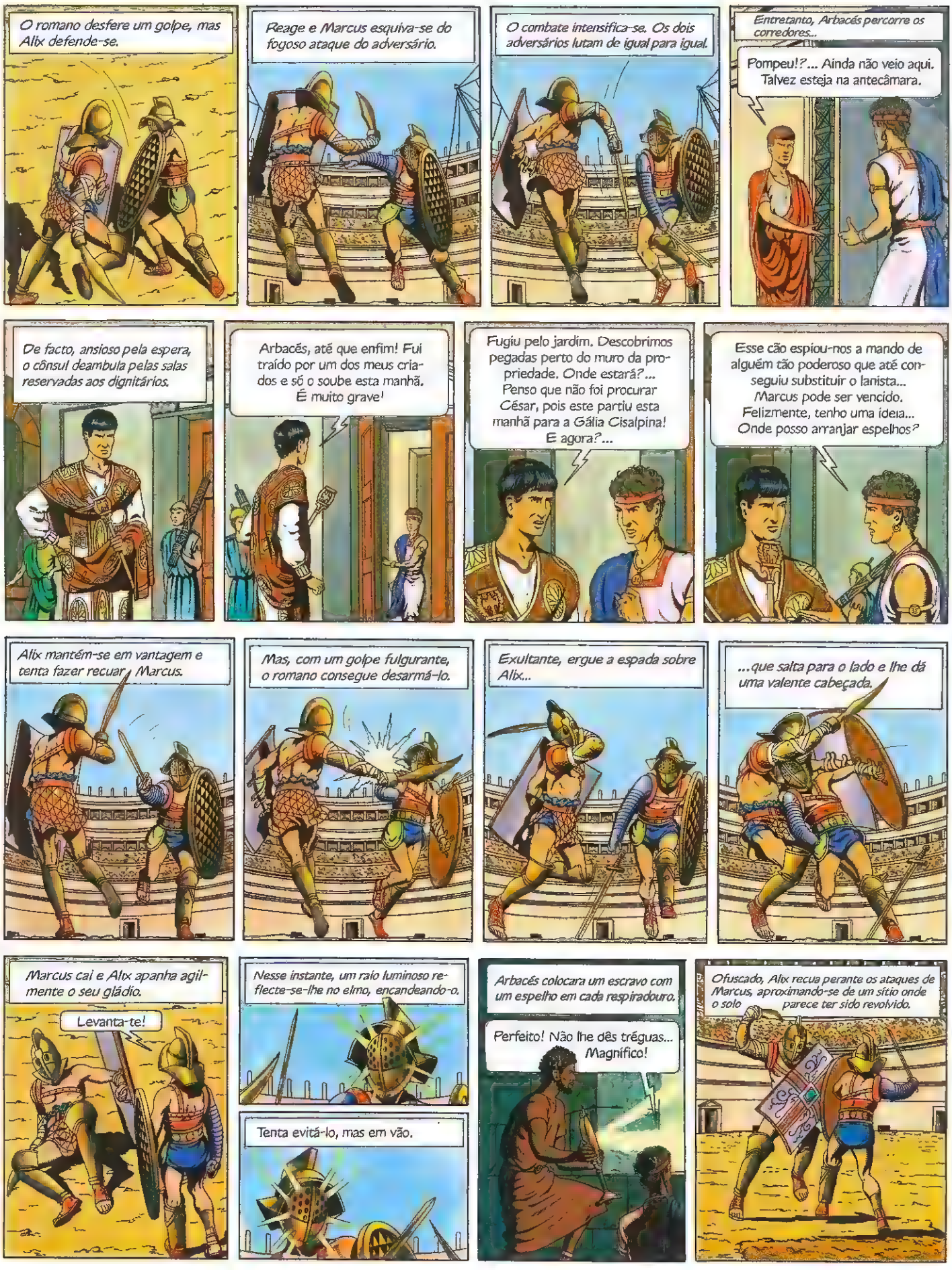

Galopando a toda a brida, apesar da dor lancinante no braço, Alix manobra habilmente conseguindo evitar o marco da primeira curva.
À frente, Marcus vira-se e, furioso, vê que o rival ganha terreno.
Raios!
Apesar dos seus esforços, o carro escarlate está ao seu lado. Furioso, Marcus desfere terríveis chicotadas, que, embora pareçam destinadas aos cavalos, visam Alix.
Este observa atentamente os gestos do adversário e os movimentos do chicote...
...que consegue apanhar no ar e arrancar com um puxão.
Incitado pela multidão, que grita e bate com os pés, Alix ultrapassa o adversário atônito.
Ah! Cão!
Levado pelo entusiasmo, Alix entra demasiado depressa na curva sul e tenta o impossível...
...mas a roda embate no marco, descontrolando o carro.
Aproveitando o incidente, Marcus aproxima-se de Alix, que, por sua vez, acelera.
Audaciosamente, o romano consegue raspar no carro de Alix...
...e encurralá-lo a ponto de os cavalos das duas quadrigas se tocarem...
...e as rodas se encaixarem.
Então, para arrancar a roda do inimigo, Marcus desvia bruscamente os seus cavalos.
De repente, solta-se um grito em uníssono.
Ooh!... Por Júpiter!...

Perante a surpresa geral, o eixo do carro de Marcus parte-se, libertando Alix.
Marcus corta febrilmente as correias que o prendem ao carro.
Mas não tem tempo de as cortar todas. O veículo vira-se ruidosamente, enquanto os cavalos se afastam.
Depois, o carro vira-se sobre o condutor, que grita como um louco.
Entretanto, um concorrente que se aproxima a toda a brida tenta evitar o obstáculo!...
Não consegue!... O choque é terrível e Alix olha para trás, horrorizado.
Embora preocupado com a sorte de Marcus, prossegue a corrida.
Que horror! Oxalá não tenha acontecido nada de grave!...
Ao sair da curva norte, depara-se com um cenário atroz: uma amálgama de cavalos e destroços, deixando apenas uma estreita passagem.
Impassível, o pretor levanta-se de novo, com um lenço vermelho na mão...
...o qual lança para a pista à passagem da quadriga de Alix. A multidão, em delírio, aplaude o jovem herói.
Depois, precedido de um lictor e seguido dos portadores dos prémios, Pompeu desce à pista.
Entretanto, Alix dá a volta de honra sob os gritos entusiasmados da multidão...
...enquanto, vigiados por um edil, escravos põem de pé os carros acidentados.
De repente, o ferrador exclama:
Olha para isto!...

Esta agora! O eixo foi serrado!... Vai buscar a roda.
Não há dúvida de que Marcus foi alvo de um atentado. Era inevitável que este eixo se partisse.
Entretanto, Alix pára diante do grupo presidido por Pompeu.
Ao descer do carro, espera-o um edil para o apresentar ao cônsul.
Pompeu vai falar e a multidão silencia-se.
Muito bem, jovem. A tua corrida foi notável. Mereces estes louros.
Mas, quando ergue a coroa de ouro, uma voz detém-no.
Excelência, a corrida não foi justa.
Veja esta roda!... Serraram o eixo para que se partisse durante a corrida. É um acto desleal e odioso... Felizmente, Marcus sofreu apenas ferimentos ligeiros.
Pompeu observa Alix, mal dissimulando um sorriso satisfeito, e...
Aí vem o interessado!... Marcus, fala! De quem suspeitas?
Amparado por um escravo, Marcus aproxima-se a coxear.
Foi ele! Foi esse cão que me roubou a vitória. Maldito seja!
Excelência, estas acusações são falsas. Na verdade, eu queria arruinar este homem, que é responsável pela morte do meu pai adoptivo, mas não cometi nenhum crime. A justiça romana deve ser imparcial.
Mentes, infame! E, depois do que fizeste hoje, ainda ousas acusar-me?
Calem-se!... Sendo assim, amanhã, vão combater no grande teatro, como gladiadores. Quem ganhar será proclamado vencedor desta corrida. Guardas, levem estes dois homens.
Excelência, posso provar que...
Basta! Nunca volto atrás numa decisão. Estás com medo?
Não!... E vê-lo-ás, se assistires ao combate.
Escoltado pelos guardas, Alix afasta-se sob os insultos da multidão que pouco antes o aclamava.
Entretanto, César sai do circo.
Ao passar por um corredor, murmura a um indivíduo que está encostado à parede.
Segue-me, Rufus. Quero falar-te.

Horas depois, Pompeu fala com um confidente...
Excelente ideia! Ninguém suspeita de que possuímos os fios da intriga.
...que não é outro senão Arbacés.
Não precisas de continuar a disfarçar-te de mulher. Marsalla aceitará as nossas condições e Marcus matará esse Alix.
Tenho a certeza de que Marsalla aceitará o teu ultimato. A derrota arruinou-o. Precisa de dinheiro!... Mas estás assim tão certo de que Marcus vencerá Alix?
Estou, pois dar-lhe-ão um gládio "inofensivo". Além disso, o lanista que vai controlar o combate é dos meus.
Perfeito!... Vem aí um criado.
Missão cumprida, Excelência. Marsalla veio comigo.
Que entre!
Bem-vindo, general... Eh! Conheces, com certeza, o meu amigo Arbacés?
Ao ouvir este nome, o recém-chegado ergue a cabeça e estremece.
Oh! Pensava que...
Calma! Vamos ser aliados... Julgavas-me aniquilado, mas eu sou duro de roer. Depois da minha queda em Rodes, vivi na clandestinidade para me julgarem morto. Agora, chegou o momento de reaparecer.
Marsalla, mandei chamar-te para te propor um acordo. Amanhã, farei com que Marcus derrote Alix. Em troca, submetes-te à minha vontade e ficas rico... Se recusares, Alix vencerá, e ficarás arruinado para sempre.
Perto dali, há quem não perca uma palavra da conversa.
É uma boa proposta, Pompeu. Aceito.
Pouco depois, o homem sai do esconderijo, corre pelos corredores...
...e atravessa os jardins do palácio, evitando cautelosamente as sentinelas.
Ágil, salta o muro da propriedade, do qual cai um fragmento.
Do outro lado, um cúmplice aguarda-o.
Até que enfim!... Fizeste muito barulho. Fujamos!
E, de madrugada.
Alix, a quem tiraram a roupa, enregela numa masmorra do anfiteatro. Mal dormiu e não pára de pensar no combate que o espera.
De repente, estremece: o corredor ilumina-se e ouvem-se passos.
Ainda não está na hora!... O que...

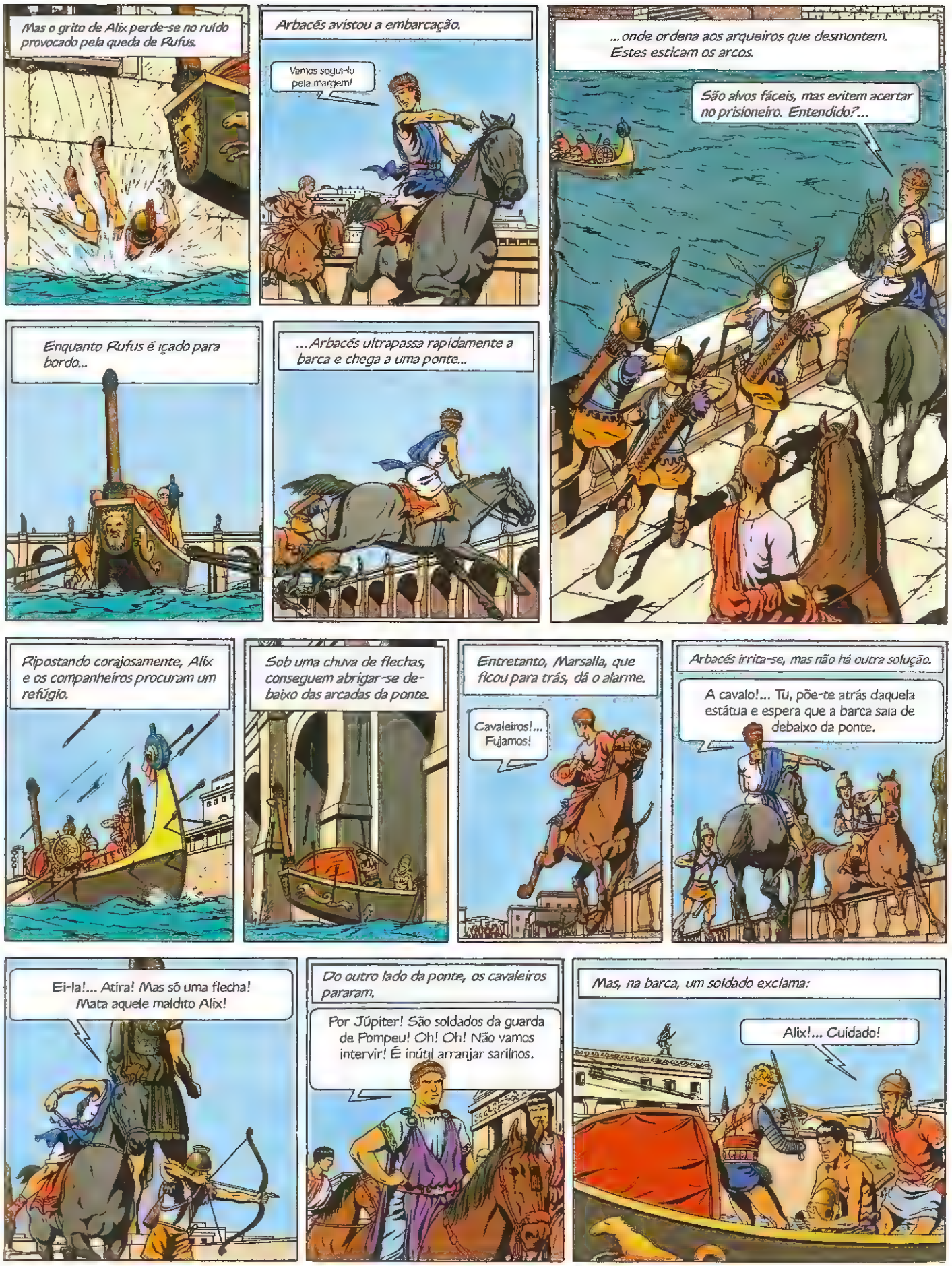
Escoltado por portadores de tochas, um homem encapuçado chega à cela.
Desce rapidamente as escadas e, ao chegar perto de Alix, tira o capuz.
Tem calma. Sou o cônsul Júlio César e venho como amigo. Sei que foste vítima de uma intriga e que estás inocente.
Rufus informou-me. O destino de Roma depende do resultado do teu combate.
Depois, explico-te melhor. Primeiro, conta-me como conheceste Marsalla e Arbacés. A seguir, ponderaremos as decisões a tomar.
E as horas passam... Ao amanhecer, César sai do anfiteatro.
O Sol está agora no zénite e os espectadores acorrem para assistir aos combates dos gladiadores.
No átrio, Alix espera pela sua vez. As primeiras lutas desenrolam-se sob um entusiasmo delirante.
O sobrevivente saúda os cônsules, enquanto os cadáveres dos vencidos são arrastados para os subterrâneos do enorme edifício.
Em breve, serás tu. Prepara-te. Quando o lanista te fizer sinal, põe o elmo.
Pouco depois, com o coração apertado pela emoção, Alix entra na arena...
...enquanto Marcus, armado dos pés à cabeça, surge no outro extremo.
O lanista inspecciona as armas dos dois adversários.
As vossas armas estão conformes... Saúdem o cônsul e iniciem o combate.
Os dois adversários olham-se nos olhos antes de desferirem o primeiro golpe.
De repente, na tribuna de honra...
Marsalla, passa-se algo de anormal. Tenho de ir ter com Pompeu.
Imprudentemente, Alix baixa a guarda, e Marcus atira-se a ele de gládio erguido.

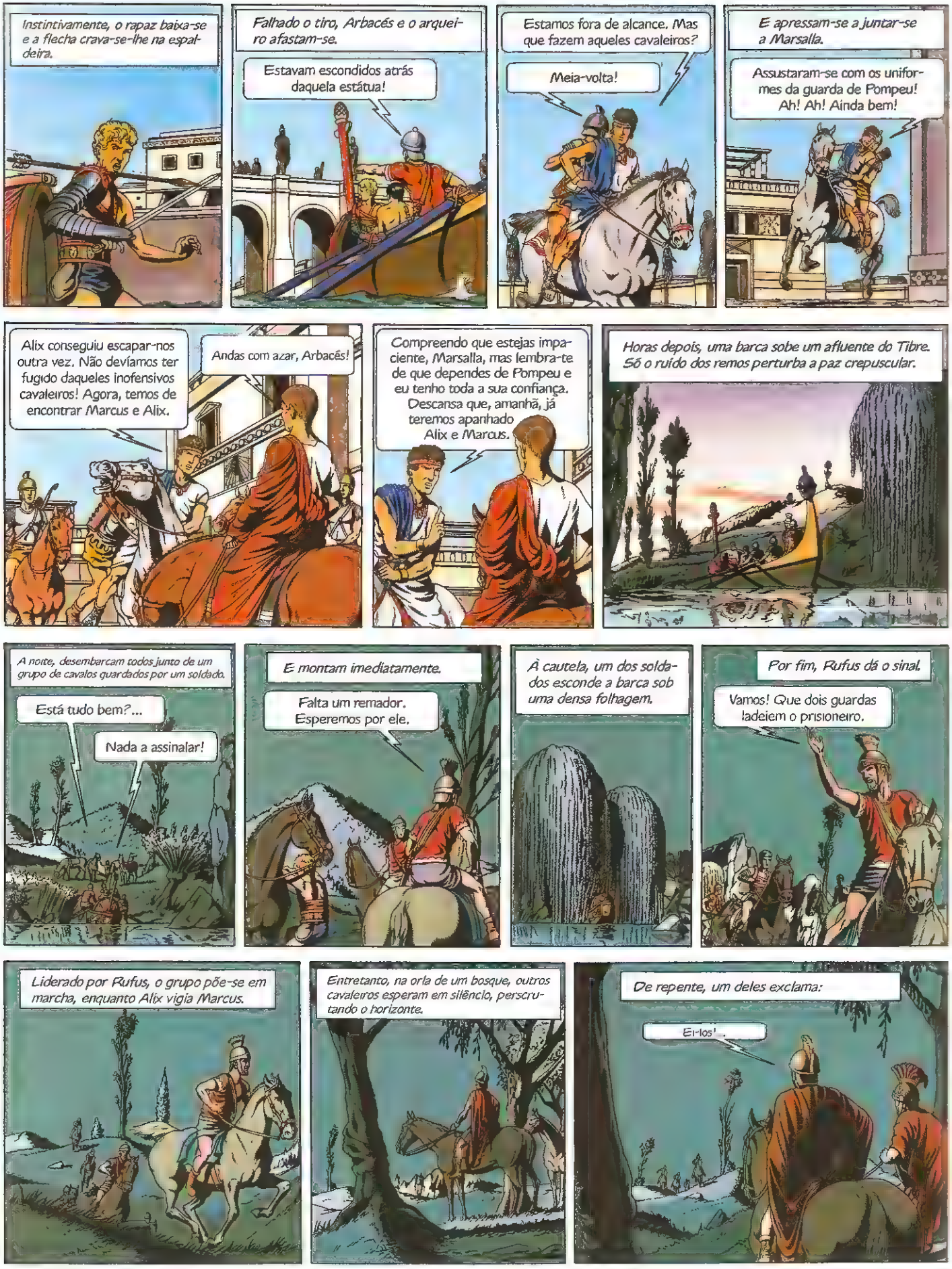

O romano desfere um golpe, mas Alix defende-se.
Reage e Marcus esquiva-se do fogoso ataque do adversário.
O combate intensifica-se. Os dois adversários lutam de igual para igual.
Entretanto, Arbacés percorre os corredores...
Pompeu!?... Ainda não veio aqui. Talvez esteja na antecâmara.
De facto, ansioso pela espera, o cônsul deambula pelas salas reservadas aos dignitários.
Arbacés, até que enfim! Fui traído por um dos meus criados e só o soube esta manhã. É muito grave!
Fugiu pelo jardim. Descobrimos pegadas perto do muro da propriedade. Onde estará?... Penso que não foi procurar César, pois este partiu esta manhã para a Gália Cisalpina! E agora?...
Esse cão espiou-nos a mando de alguém tão poderoso que até conseguiu substituir o lanista... Marcus pode ser vencido. Felizmente, tenho uma ideia... Onde posso arranjar espelhos?
Alix mantém-se em vantagem e tenta fazer recuar Marcus.
Mas, com um golpe fulgurante, o romano consegue desarmá-lo.
Exultante, ergue a espada sobre Alix...
...que salta para o lado e lhe dá uma valente cabeçada.
Marcus cai e Alix apanha agilmente o seu gládio.
Levanta-te!
Nesse instante, um raio luminoso reflecte-se-lhe no elmo, encandeando-o.
Tenta evitá-lo, mas em vão.
Arbacés colocara um escravo com um espelho em cada respiradouro.
Perfeito! Não lhe dês tréguas... Magnífico!
Ofuscado, Alix recua perante os ataques de Marcus, aproximando-se de um sítio onde o solo parece ter sido revolvido.

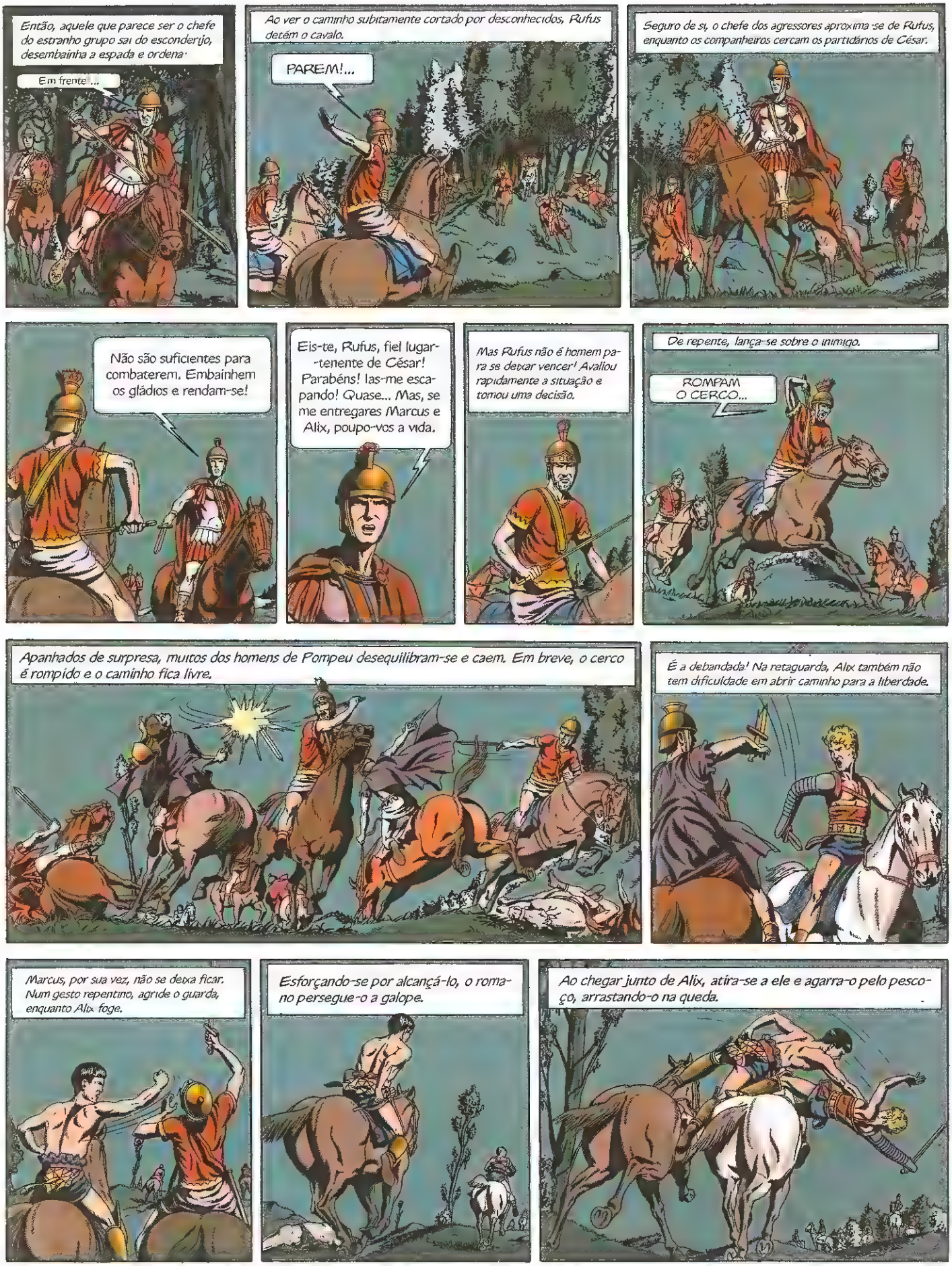
Alix salta para trás e defende-se do golpe do romano.
De repente, sente o solo ceder debaixo do pé.
Então, desvia-se e vira-se para Marcus, que é apanhado de surpresa.
Agora, é o centurião que está perto do local onde o solo foi revolvido.
Alix ataca. Os escudos chocam-se, mas nenhum dos adversários recua.
Na varanda da antecâmara, irritado, pois o reflexo dos espelhos não surte o efeito esperado, Pompeu acompanha o desenrolar da luta. Entretanto, Alix começa a dar sinais de cansaço.
O cônsul é surpreendido por uma voz.
Este duelo preocupa-me, Pompeu! A vitória de Marcus parece-me incerta. Não me garantiste que o gládio de Alix era inofensivo?
Fui traído por um criado, Marsalla, e as minhas ordens foram contrariadas. Felizmente, Arbacés tomou as medidas necessárias. Seja como for, acho que Marcus vencerá o adversário. Alix parece ceder.
De novo ofuscado pelos espelhos, Alix recua. Marcus intensifica o ataque.
Inebriado pela perspectiva do triunfo, Arbacés comete a imprudência de gritar:
Força, Marcus! Tem-lo à tua mercê!...
Aproveitando a vantagem, Marcus desfere golpe atrás de golpe sobre o adversário atordoado.
Exausto, Alix afasta o escudo por momentos... O romano investe impetuosamente...
...mas o jovem atira-se para o chão e Marcus estatela-se ao comprido.
Perante a surpresa geral, o solo cede sob o seu peso e Marcus desaparece no meio de tábuas partidas.
Alix levanta-se e desafia o cônsul na tribuna.
Tive medo, Pompeu?
Depois, sob os gritos frenéticos da multidão, salta para o buraco onde Marcus acabara de cair.

A abertura dá para uma das galerias subterrâneas que levam a água do Tibre ao anfiteatro quando se travam os combates navais ou "naumaquias". Comandados por Rufus, alguns soldados de César estão à espera de Alix...
...cuja queda é amortecida pela água.
Largando o escudo, junta-se aos companheiros.
Depressa!... Temos pouco tempo... Um arqueiro vai cobrir-nos a retirada.
Lá em cima, Arbacés sai do respiradouro, soltando um grito de raiva...
...enquanto Pompeu grita as suas ordens.
Que ninguém saia daqui! Mandem um destacamento de gladiadores atrás dos fugitivos! E que os combates recomecem! Depressa!...
Arbacés vai atirar-se para o buraco, mas uma flecha passa-lhe perto da cabeça, refreando-lhe o entusiasmo.
Nesse momento, os gladiadores acorrem.
Vamos! Saltem e apanhem-nos... Despachem-se!...
De repente, Pompeu exclama:
Existe uma planta do anfiteatro!... Domitius, procura-a nos arquivos e traz-ma. Ah! Ah! Aqueles canalhas não irão longe.
Entretanto, para acalmar a multidão, iniciam-se outros combates.
Nos sombrios subterrâneos, Alix e os soldados de César que escoltam Marcus avançam penosamente, pois o nível das águas não pára de subir.
A planta é entregue a Pompeu.
Cacei-os!... Estas galerias só têm duas saídas: uma que dá para o Tibre e outra que dá para a Via Flávia. Chegaremos primeiro.
Entretanto, o arqueiro que cobre a retirada dos amigos de Alix perde terreno perante o número de gladiadores.

O avanço do pequeno grupo torna-se difícil, quando, de repente, se ouve um grito.
O arqueiro!... Temos de o socorrer!
É inútil!... esse homem sacrificou a vida pela causa de César. Não percamos tempo!
E chegados a uma enorme porta de bronze:
Tranquei-a. Lá em cima, ninguém conseguirá abrir as comportas. Sigam-me.
Antes de partir com Marsalla e uma escolta, Arbacés ouve as instruções de Pompeu.
Conta comigo!...
Depois, a toda a brida, conduz os seus cavaleiros pelas ruas de Roma.
Mais adiante, o vigia das comportas dormita. Desconhece o drama que se desenrola sob os seus pés, até que...
...surge um cavaleiro.
Três homens! Depressa!
Estremunhado, o vigia assiste a um espectáculo singular.
É inútil. Trancaram a comporta. Vamos!...
O grego está já a cavalo.
Tu, nem uma palavra! Senão...
Entretanto, os fugitivos chegam ao Tibre, onde uma embarcação os espera.
Depois, com um forte golpe de rins, Rufus empurra a grade...
...e tranca-a no momento em que surgem os seus perseguidores.
O primeiro gladiador desfere um golpe furioso através da grade. Rufus esquiva-se.
E, nesse momento...
Oh! Ali!...


Mas o grito de Alix perde-se no ruído provocado pela queda de Rufus.
Arbacés avistou a embarcação.
Vamos segui-lo pela margem!
...onde ordena aos arqueiros que desmontem. Estes esticam os arcos.
São alvos fáceis, mas evitem acertar no prisioneiro. Entendido?...
Enquanto Rufus é içado para bordo...
...Arbacés ultrapassa rapidamente a barca e chega a uma ponte...
Ripostando corajosamente, Alix e os companheiros procuram um refúgio.
Sob uma chuva de flechas, conseguem abrigar-se debaixo das arcadas da ponte.
Entretanto, Marsalla, que ficou para trás, dá o alarme.
Cavaleiros!... Fujamos!
Arbacés irrita-se, mas não há outra solução.
A cavalo!... Tu, põe-te atrás daquela estátua e espera que a barca saia de debaixo da ponte.
Ei-la!... Atira! Mas só uma flecha! Mata aquele maldito Alix!
Do outro lado da ponte, os cavaleiros pararam.
Por Júpiter! São soldados da guarda de Pompeu! Oh! Oh! Não vamos intervir! É inútil arranjar sarilhos.
Mas, na barca, um soldado exclama:
Alix!... Cuidado!


Instintivamente, o rapaz baixa-se e a flecha crava-se-lhe na espaldeira.
Falhado o tiro, Arbacés e o arqueiro afastam-se.
Estavam escondidos atrás daquela estátua!
Estamos fora de alcance. Mas que fazem aqueles cavaleiros?
Meia-volta!
E apressam-se a juntar-se a Marsalla.
Assustaram-se com os uniformes da guarda de Pompeu! Ah! Ah! Ainda bem!
Alix conseguiu escapar-nos outra vez. Não devíamos ter fugido daqueles inofensivos cavaleiros! Agora, temos de encontrar Marcus e Alix.
Andas com azar, Arbacés!
Compreendo que estejas impaciente, Marsalla, mas lembra-te de que dependes de Pompeu e eu tenho toda a sua confiança. Descansa que, amanhã, já teremos apanhado Alix e Marcus.
Horas depois, uma barca sobe um afluente do Tibre. Só o ruído dos remos perturba a paz crepuscular.
A noite, desembarcam todos junto de um grupo de cavalos guardados por um soldado.
Está tudo bem?...
Nada a assinalar!
E montam imediatamente.
Falta um remador. Esperemos por ele.
À cautela, um dos soldados esconde a barca sob uma densa folhagem.
Por fim, Rufus dá o sinal.
Vamos! Que dois guardas ladeiem o prisioneiro.
Liderado por Rufus, o grupo põe-se em marcha, enquanto Alix vigia Marcus.
Entretanto, na orla de um bosque, outros cavaleiros esperam em silêncio, perscrutando o horizonte.
De repente, um deles exclama:
Ei-los!


Então, aquele que parece ser o chefe do estranho grupo sai do esconderijo, desembainha a espada e ordena:
Em frente!...
Ao ver o caminho subitamente cortado por desconhecidos, Rufus detém o cavalo.
PAREM!...
Seguro de si, o chefe dos agressores aproxima-se de Rufus, enquanto os companheiros cercam os partidários de César.
Não são suficientes para combaterem. Embainhem os gládios e rendam-se!
Eis-te, Rufus, fiel lugar-tenente de César! Parabéns! Ias-me escapando! Quase... Mas, se me entregares Marcus e Alix, poupo-vos a vida.
Mas Rufus não é homem para se deixar vencer! Avaliou rapidamente a situação e tomou uma decisão.
De repente, lança-se sobre o inimigo.
ROMPAM O CERCO...
Apanhados de surpresa, muitos dos homens de Pompeu desequilibram-se e caem. Em breve, o cerco é rompido e o caminho fica livre.
É a debandada! Na retaguarda, Alix também não tem dificuldade em abrir caminho para a liberdade.
Marcus, por sua vez, não se deixa ficar. Num gesto repentino, agride o guarda, enquanto Alix foge.
Esforçando-se por alcançá-lo, o romano persegue-o a galope.
Ao chegar junto de Alix, atira-se a ele e agarra-o pelo pescoço, arrastando-o na queda.

Antes que o jovem percebesse o que estava a acontecer, o adversário atirou-o ao chão.
Rufus parara mais à frente e assiste, preocupado, ao desenrolar da luta.
Reagrupam-se, e estamos demasiado longe.
Entretanto, Alix já se recompusera. Defendendo-se com vigor, obriga Marcus a largá-lo.
E levantando-se de um salto, empurra violentamente o romano, que cai de costas.

Entretanto, um cavaleiro que ficara para trás, aproxima-se a galope.
Depressa, Marsalla... Depressa!...
Antes de ter tempo de o enfrentar, Alix leva uma violenta pancada na cabeça e cai.
Por todos os deuses do Inferno! A partida está perdida! Somos poucos para os enfrentar! Vamos embora!

Enquanto Rufus se afasta, Marcus não consegue conter a surpresa ao ver o homem que está ao pé de Alix.
Sim, sou eu!... Mas vai procurar o teu cavalo. Marsalla explica-te o resto!...
Arbacés!
Dois dias depois, o acampamento de César, que devia ter sido levantado, continua no mesmo sítio!... O general atrasa a partida para a Cisalpina e fecha-se na sua tenda durante horas a conferenciar com Rufus.
Acabo de saber que Pompeu mandou prender Alix no anfiteatro de Vulsini, a umas léguas daqui. Não se atreveu a transferi-lo para Roma com receio de um contra-ataque.
Como conseguiu Arbacés armar aquela cilada?
Ao ver a barca subir o Tibre, calculou que tentasses juntar-te a mim! Arriscou a sua sorte, colocando-se entre o afluente mais próximo e o meu acampamento. E conseguiu!... É esperto. É um adversário temível!... Agora, vou apresentar-te alguém que te ajudará a libertar Alix.

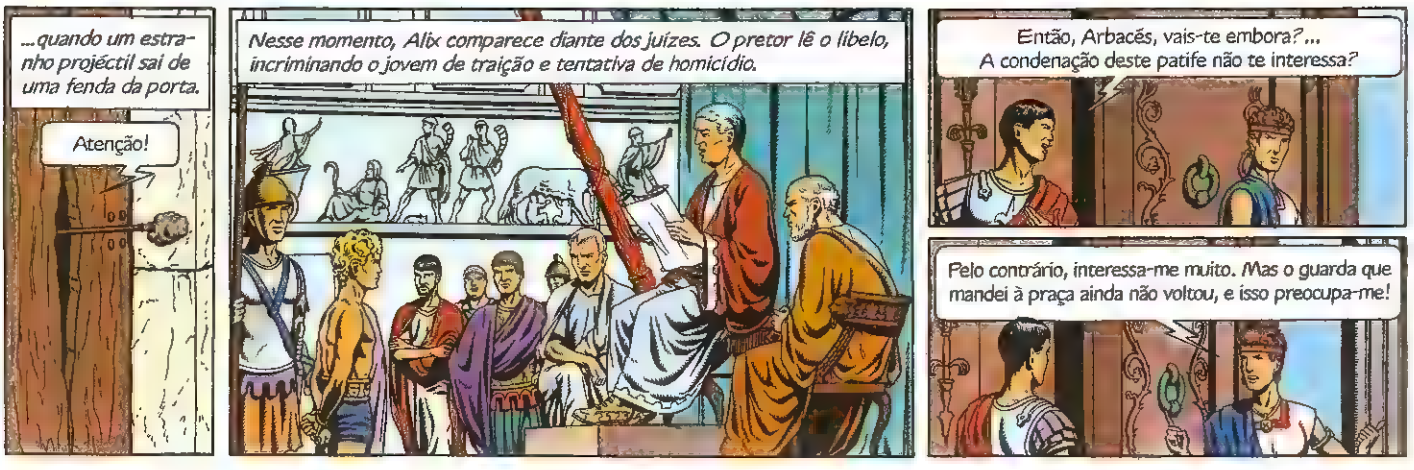
Esse homem deseja sinceramente salvá-lo!... Guarda, manda entrar o visitante.
Aliás, os dois não serão demais. Informaram-me de que Alix será condenado à morte por espionagem e traição. O julgamento é amanhã, seguindo-se de imediato a execução. Como vês, não há tempo a perder.
Nesse instante, surge um homem de porte atlético.
Rufus, eis quem te ajudará na missão.
Prazer em conhecer-te. Vamos conseguir!... Como te chamas?...

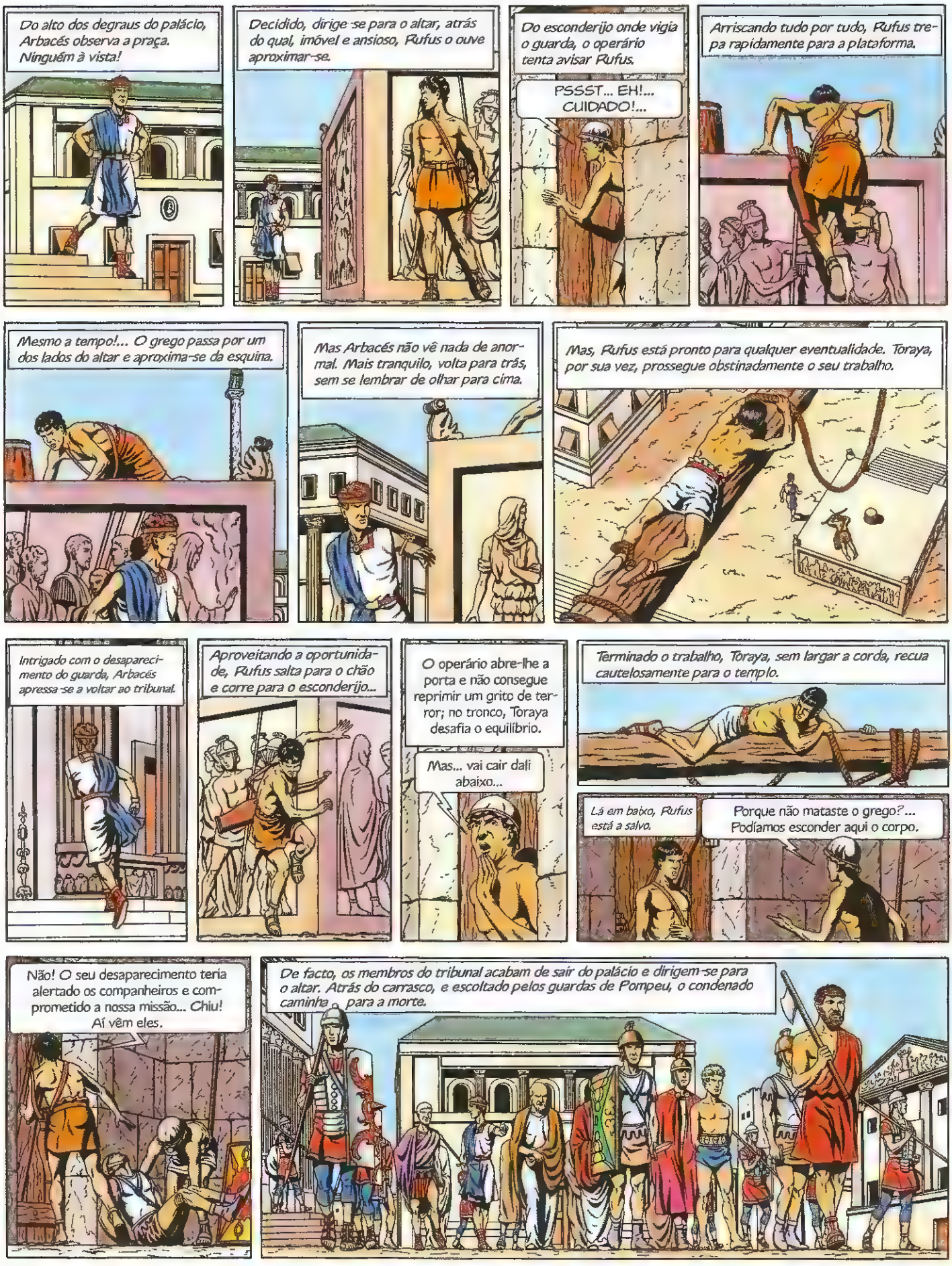
Chama-se Toraya e vem de Rodes onde Honorus Galla o encarregou de encontrar Arbacés. As suas buscas trouxeram-no até aqui, e acabou de saber da captura de Alix... Vai expor-te o seu plano.
As pessoas que têm Alix estão de pé atrás e espalharam guardas por Vulsini. Com a precipitação, esqueceram-se de um local. Vamos aproveitar-nos disso... mas, primeiro, temos de disfarçar-nos.
Não resistiram ao prazer de contemplar o cadafalso. Por precaução, em cada esquina há sentinelas a impedir o acesso a praça.
T-MINERV.-S·P·Q·R·D·E·T-HORATIUS-C
Está tudo pronto. . Já trouxeram o cepo. Quanto ao julgamento, é apenas uma formalidade para satisfazer César.
Pouco depois, na tenda de Rufus, os dois novos amigos barbeiam-se cuidadosamente.
E as horas passam!... Na manhã seguinte, Marcus e Arbacés aguardam impacientemente a execução.
Mas, em cima do telhado do templo, um homem observa o trio.
De repente, lá em baixo, um trabalhador grita:
Então?... Estás a dormir, aí em cima?...
Surpreendidos, Arbacés e os comparsas trocam olhares irados. O grego reage rapidamente.
Esperem. Vou ver o que se passa!
E, contornando o altar...
Eh!... O que estás aí a fazer?... Não sabes que ninguém pode estar aqui?...
No telhado, o homem rasteja e...
Toraya, Arbacés descobriu o nosso ajudante. Se ele fala, estamos perdidos!
Desde quando é que aqueles troncos estão lá em cima?...
Há muito tempo, senhor!... Servem para consolidar os andaimes. O homem que me contratou ontem à tarde, di...
O homem não tem tempo para dizer mais... Apanha com um grande vaso de barro na cabeça...

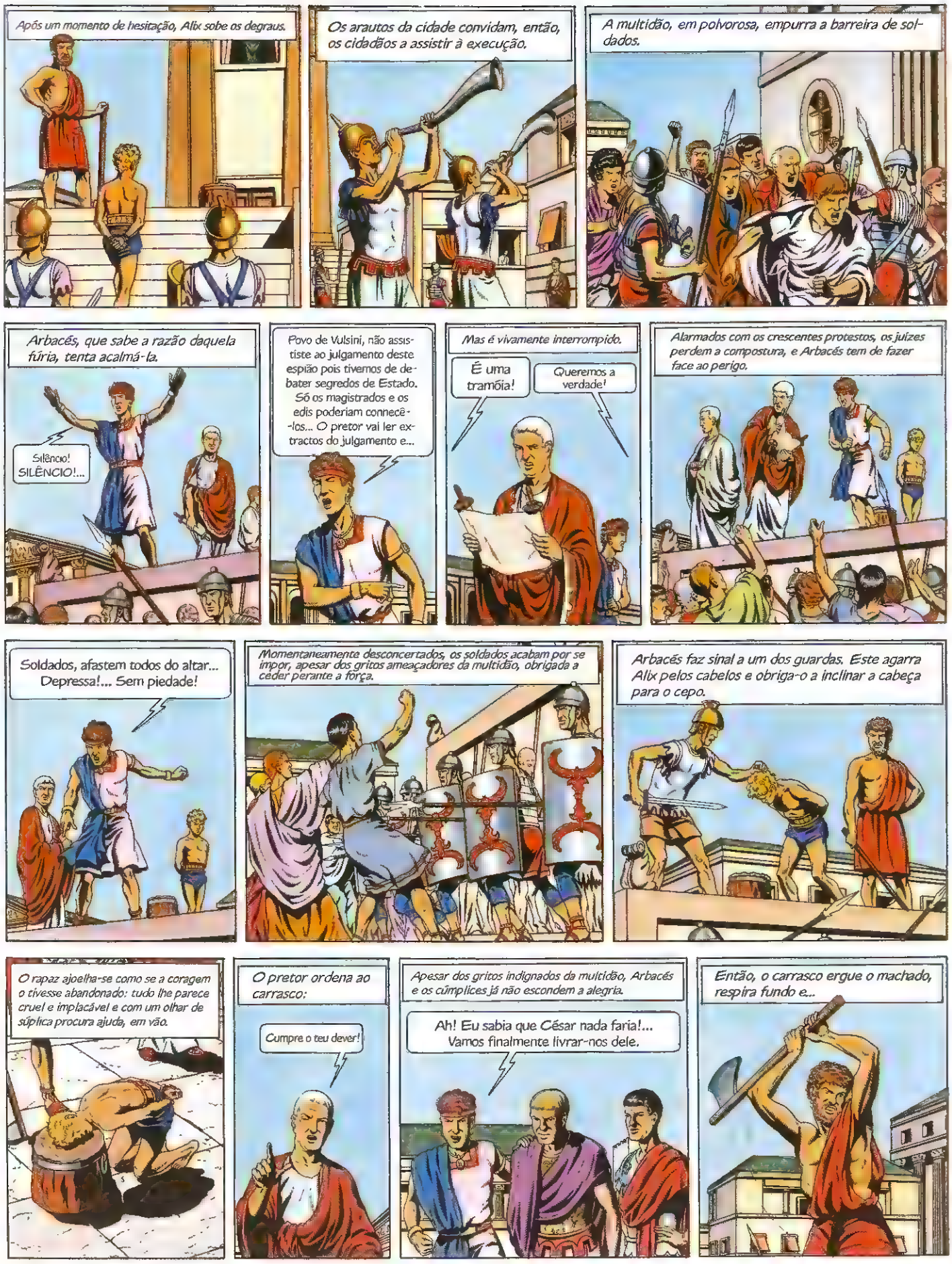
...e cai redondo. Arbacés recua precipitadamente.
Mas!?... O que estás a fazer aí em cima?
Na beira do telhado, Rufus finge-se aterrado...
Oh!... Que fiz eu?...
Desce imediatamente, ou mando guardas buscar-te.
Rufus obedece e sai do templo, sem ser reconhecido pelo grego.
Pega no teu colega e desaparece. Escusas de levar as ferramentas.

Rufus põe o corpo às costas e afasta-se.
Proíbo-te de voltares aqui antes do anoitecer. Entendido?
Entretanto, deitado no telhado para não ser visto, Toraya continua febrilmente o trabalho.
Marsalla, Marcus e Arbacés chegam ao palácio onde Alix vai ser julgado.
Tu, vigia o altar e o templo de Minerva. Se for preciso, não hesites em usar as armas e vem contar-me o que vires.

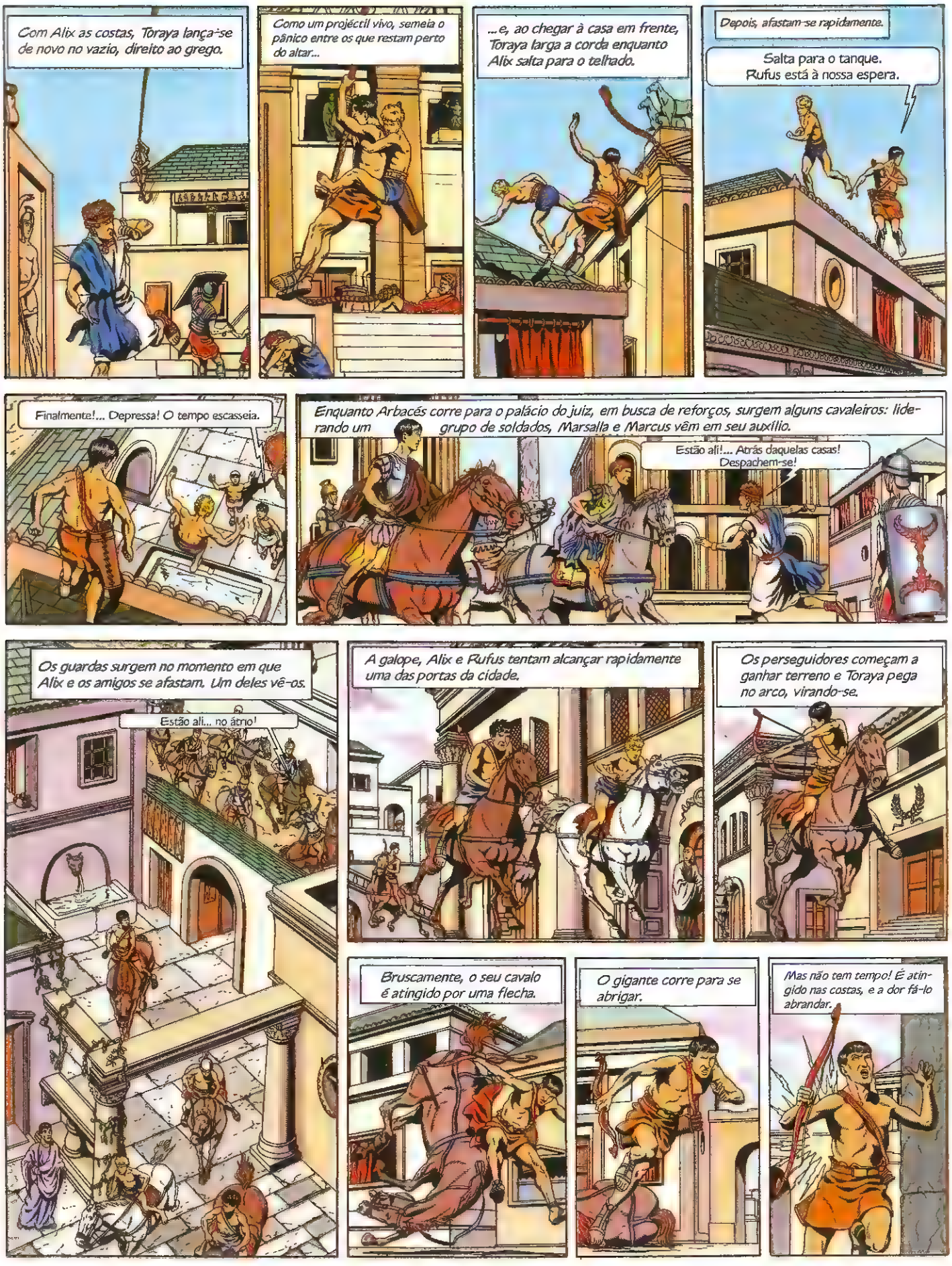
O soldado atravessa a praça sem suspeitar de que Rufus o observa através das fendas de uma porta carcomida.
Lamento ter-te atingido, companheiro!... Mas teve de ser!... A propósito, és a favor ou contra César?
A favor, como qualquer bom romano.
Então, ajuda-me... Dá-me o arco e as flechas que estão ali ao fundo, à esquerda.
Está bem, mas podias ter-te explicado!
Rufus apanha um pouco de terra húmida e faz uma bola.
Despacha-te!... Vamos!
Sem desconfiar, o soldado cumpre escrupulosamente a sua missão...

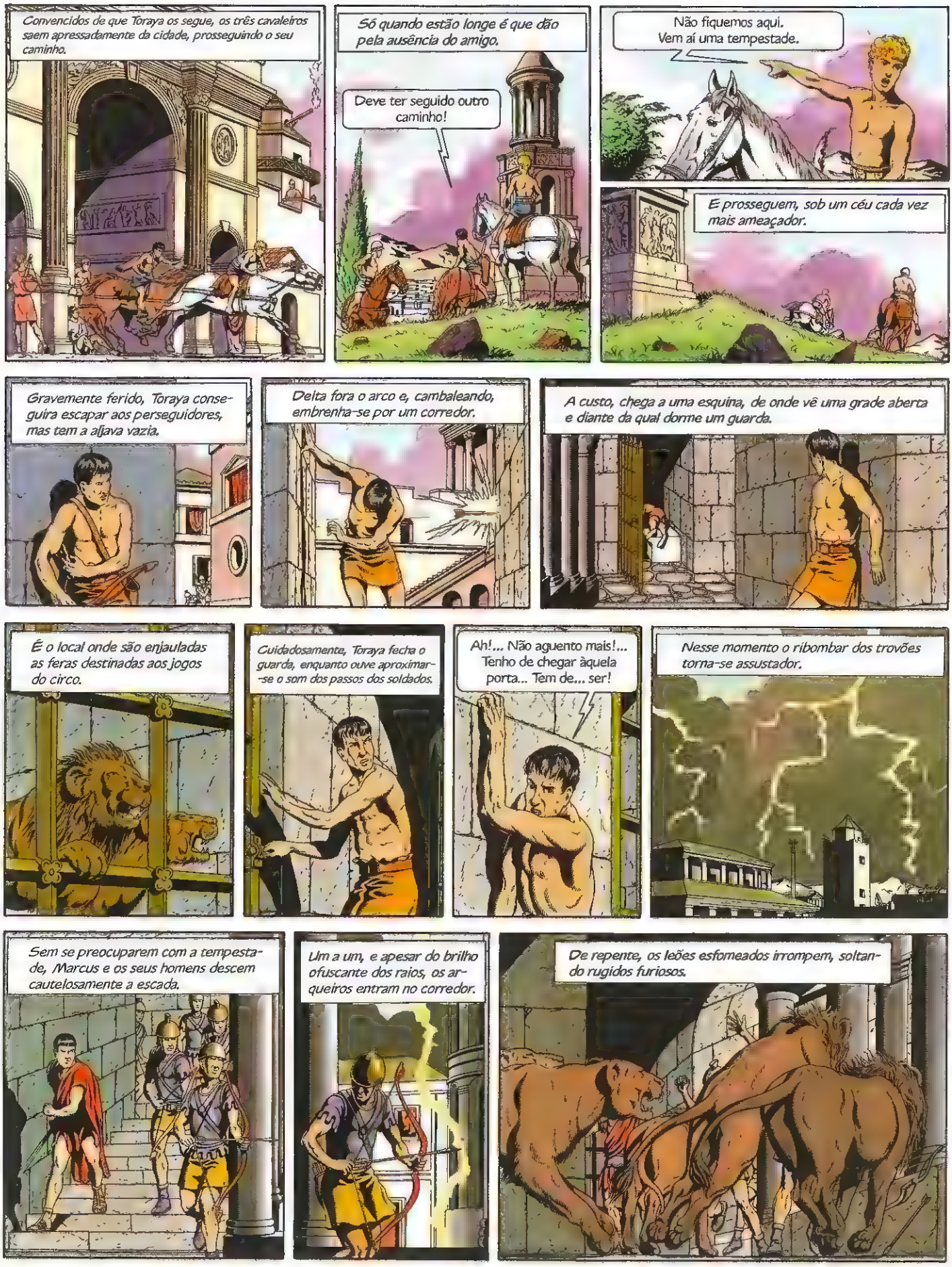

...quando um estranho projéctil sai de uma fenda da porta.
Atenção!
Nesse momento, Alix comparece diante dos juízes. O pretor lê o libelo, incriminando o jovem de traição e tentativa de homicídio.
Então, Arbacés, vais-te embora?... A condenação deste patife não te interessa?
Pelo contrário, interessa-me muito. Mas o guarda que mandei à praça ainda não voltou, e isso preocupa-me!


Do alto dos degraus do palácio, Arbacés observa a praça. Ninguém à vista!
Decidido, dirige-se para o altar, atrás do qual, imóvel e ansioso, Rufus o ouve aproximar-se.
Do esconderijo onde vigia o guarda, o operário tenta avisar Rufus.
PSSST... EH!... CUIDADO!...
Arriscando tudo por tudo, Rufus trepa rapidamente para a plataforma.
Mesmo a tempo!... O grego passa por um dos lados do altar e aproxima-se da esquina.
Mas Arbacés não vê nada de anormal. Mais tranquilo, volta para trás, sem se lembrar de olhar para cima.
Mas, Rufus está pronto para qualquer eventualidade. Toraya, por sua vez, prossegue obstinadamente o seu trabalho.
Intrigado com o desaparecimento do guarda, Arbacés apressa-se a voltar ao tribunal.
Aproveitando a oportunidade, Rufus salta para o chão e corre para o esconderijo...
O operário abre-lhe a porta e não consegue reprimir um grito de terror; no tronco, Toraya desafia o equilíbrio.
Mas... vai cair dali abaixo...
Terminado o trabalho, Toraya, sem largar a corda, recua cautelosamente para o templo.
Lá em baixo, Rufus está a salvo.
Porque não mataste o grego?... Podíamos esconder aqui o corpo.
Não! O seu desaparecimento teria alertado os companheiros e comprometido a nossa missão... Chiu! Aí vêm eles.
De facto, os membros do tribunal acabam de sair do palácio e dirigem-se para o altar. Atrás do carrasco, e escoltado pelos guardas de Pompeu, o condenado caminha para a morte.


Após um momento de hesitação, Alix sobe os degraus.
Os arautos da cidade convidam, então, os cidadãos a assistir à execução.
A multidão, em polvorosa, empurra a barreira de soldados.
Arbacés, que sabe a razão daquela fúria, tenta acalmá-la.
Silêncio! SILÊNCIO!...
Povo de Vulsini, não assististe ao julgamento deste espião pois tivemos de debater segredos de Estado. Só os magistrados e os edis poderiam conhecê-los... O pretor vai ler extractos do julgamento e...
Mas é vivamente interrompido.
É uma tramóia!
Queremos a verdade!
Alarmados com os crescentes protestos, os juízes perdem a compostura, e Arbacés tem de fazer face ao perigo.
Soldados, afastem todos do altar... Depressa!... Sem piedade!
Momentaneamente desconcertados, os soldados acabam por se impor, apesar dos gritos ameaçadores da multidão, obrigada a ceder perante a força.
Arbacés faz sinal a um dos guardas. Este agarra Alix pelos cabelos e obriga-o a inclinar a cabeça para o cepo.
O rapaz ajoelha-se como se a coragem o tivesse abandonado: tudo lhe parece cruel e implacável e com um olhar de súplica procura ajuda, em vão.
O pretor ordena ao carrasco:
Cumpre o teu dever!
Apesar dos gritos indignados da multidão, Arbacés e os cúmplices já não escondem a alegria.
Ah! Eu sabia que César nada faria!... Vamos finalmente livrar-nos dele.
Então, o carrasco ergue o machado, respira fundo e...

...de repente, um projéctil corta o ar e atinge-o no meio da testa!... Soa de imediato um imenso clamor.
Acertei-lhe em cheio!... Espero que Toraya intervenha agora, pois não há tempo a perder.
Furioso, Arbacés ordena a um dos guardas:
Corta-lhe a cabeça.
Quando o soldado se aproxima, Alix ergue-se, aterrorizado, e tenta fugir. Mas para onde?...
Subitamente, é agarrado por uma força irresistível que o ergue, varrendo os indivíduos que estão em cima do altar.
Ao ver Alix escapar-lhe de novo, Arbacés solta um longo grito de raiva.
Com o balanço, Alix e Toraya aterram no telhado de uma casa.
Sem largar a corda, o gigante agarra-se firmemente à cornija.
Mas, Arbacés grita...
Soldados, mandem evacuar a praça e cerquem aquela casa!... Não podem escapar-nos.
Fazendo rodopiar as espadas, os guardas de Pompeu dispersam os espectadores.
Entretanto, no telhado, Toraya já libertara Alix e contorna a casa.
Mas... Estou a reconhecer-te!... És o Toraya!
Sim! O tempo escasseia. Aproxima-te de mim.
Depois dos soldados terem dispersado a multidão, junto ao altar, Arbacés ergue a cabeça e...
Por Minerva! Aaah!...


Com Alix as costas, Toraya lança-se de novo no vazio, direito ao grego.
Como um projéctil vivo, semeia o pânico entre os que restam perto do altar...
...e, ao chegar à casa em frente, Toraya larga a corda enquanto Alix salta para o telhado.
Depois, afastam-se rapidamente.
Salta para o tanque. Rufus está à nossa espera.
Finalmente!... Depressa! O tempo escasseia.
Enquanto Arbacés corre para o palácio do juiz, em busca de reforços, surgem alguns cavaleiros: liderando um grupo de soldados, Marsalla e Marcus vêm em seu auxílio.
Estão ali!... Atrás daquelas casas! Despachem-se!
Os guardas surgem no momento em que Alix e os amigos se afastam. Um deles vê-os.
Estão ali... no átrio!
A galope, Alix e Rufus tentam alcançar rapidamente uma das portas da cidade.
Os perseguidores começam a ganhar terreno e Toraya pega no arco, virando-se.
Bruscamente, o seu cavalo é atingido por uma flecha.
O gigante corre para se abrigar.
Mas não tem tempo! É atingido nas costas, e a dor fá-lo abrandar.


Convencidos de que Toraya os segue, os três cavaleiros saem apressadamente da cidade, prosseguindo o seu caminho.
Só quando estão longe é que dão pela ausência do amigo.
Deve ter seguido outro caminho!
Não fiquemos aqui. Vem aí uma tempestade.
E prosseguem, sob um céu cada vez mais ameaçador.
Gravemente ferido, Toraya conseguira escapar aos perseguidores, mas tem a aljava vazia.
Deita fora o arco e, cambaleando, embrenha-se por um corredor.
A custo, chega a uma esquina, de onde vê uma grade aberta e diante da qual dorme um guarda.
É o local onde são enjauladas as feras destinadas aos jogos do circo.
Cuidadosamente, Toraya fecha o guarda, enquanto ouve aproximar-se o som dos passos dos soldados.
Ah!... Não aguento mais!... Tenho de chegar àquela porta... Tem de... ser!
Nesse momento o ribombar dos trovões torna-se assustador.
Sem se preocuparem com a tempestade, Marcus e os seus homens descem cautelosamente a escada.
Um a um, e apesar do brilho ofuscante dos raios, os arqueiros entram no corredor.
De repente, os leões esfomeados irrompem, soltando rugidos furiosos.

Enquanto isso, Arbacés, que fora buscar reforços, surge liderando um destacamento...
Por Júpiter!...

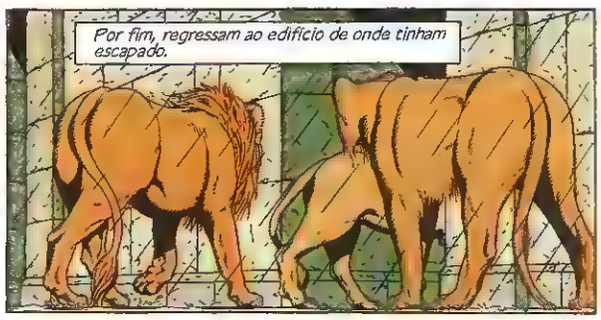
Quem soltou estes leões? E estes homens caídos... São guardas!...

Ao sentirem o grupo aproximar-se os animais impacientam-se...

Soldados, estes leões têm de voltar às jaulas... Diria que aconteceu algo de anormal.

Repelidas pelas lanças, as feras recuam lentamente...

...e rugindo de fúria abandonam, de má vontade, as suas presas.


Por fim, regressam ao edifício de onde tinham escapado.

Os legionários entram, prudentemente, no sinistro corredor...

...onde o centurião encontra o corpo de Marsalla terrivelmente mutilado.
Arbaces!... vem ver!...

Marsalla!... Morto!... Aposto que este idiota deixou fugir Alix e os seus cúmplices!...

Onde está o teu respeito pelos mortos, Arbacés?...
Só respeito quem em vida foi respeitável... Nada mais!...

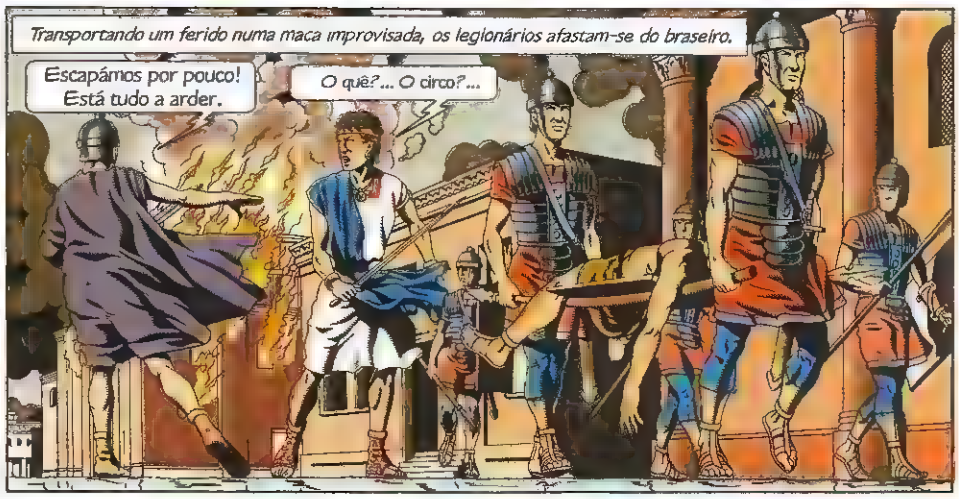
Entretanto, alguns cavaleiros galopam em direcção à cidade, tão depressa quanto a tempestade lhes permite.

Pouco depois, entram na cidade.

De repente, ouve-se um forte trovão.

O raio caiu naquele edifício... Vamos!

O incêndio propaga-se com uma aterradora rapidez. Já atingiu o circo, de onde Arbacés acaba de sair.

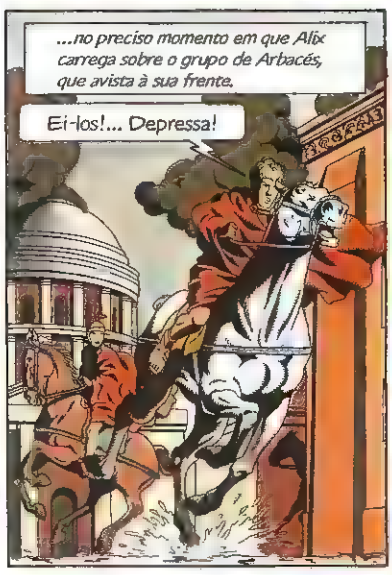

Transportando um ferido numa maca improvisada, os legionários afastam-se do braseiro.
Escapámos por pouco! Está tudo a arder.
O quê?... O circo?...

Soldados, apressem-se! É preciso ir buscar socorros. Vamos!

Nesse momento, os cavaleiros aproximam-se.
Eis o circo. Talvez Toraya...

Ao som do galope, o centurião vira-se, surpreendido.
Mas... São cavalos!... Aqui?!...

De súbito, a parede do edifício em chamas fende-se com um ranger sinistro...

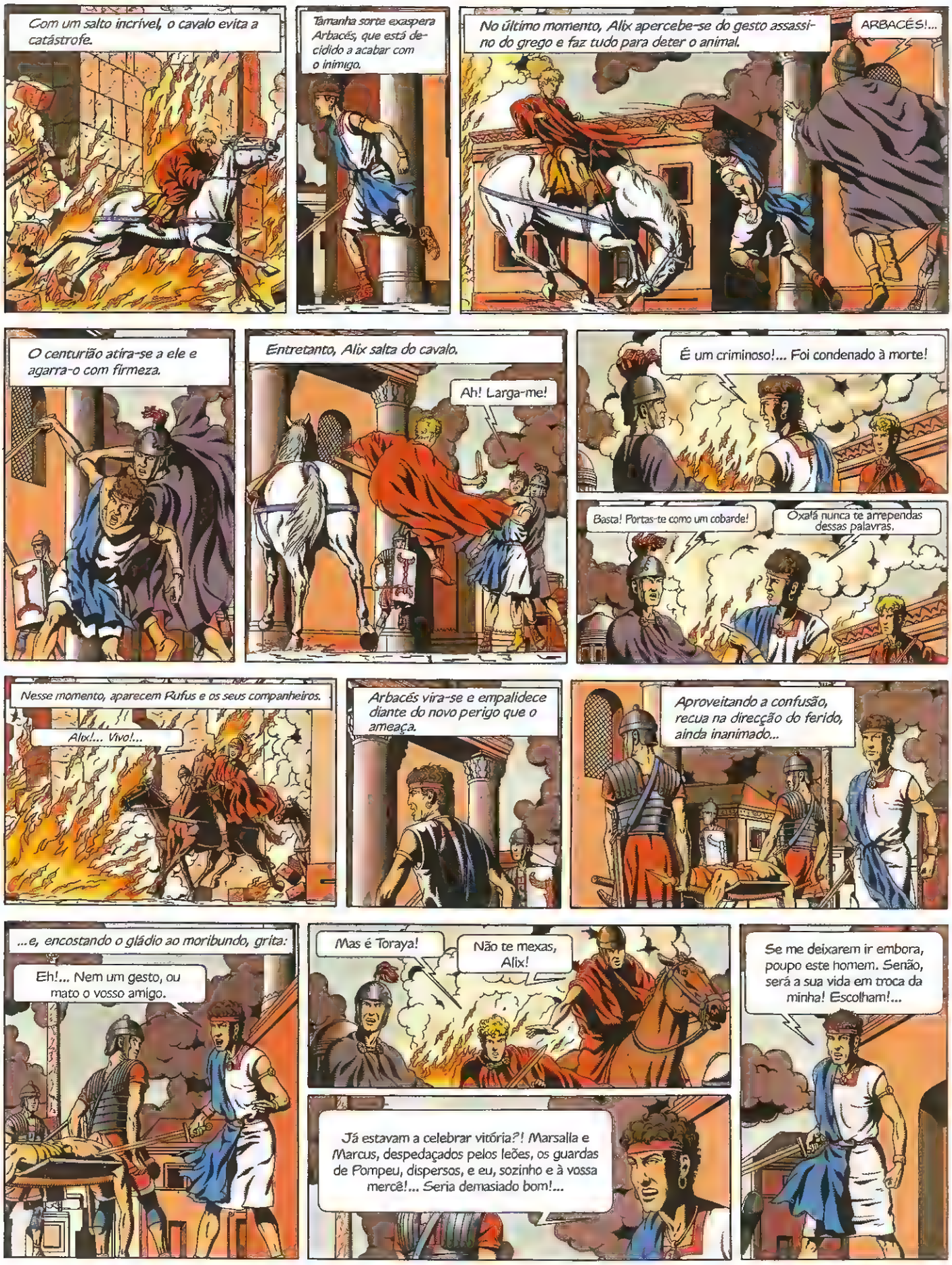

...no preciso momento em que Alix carrega sobre o grupo de Arbacés, que avista à sua frente.
Ei-los!... Depressa!

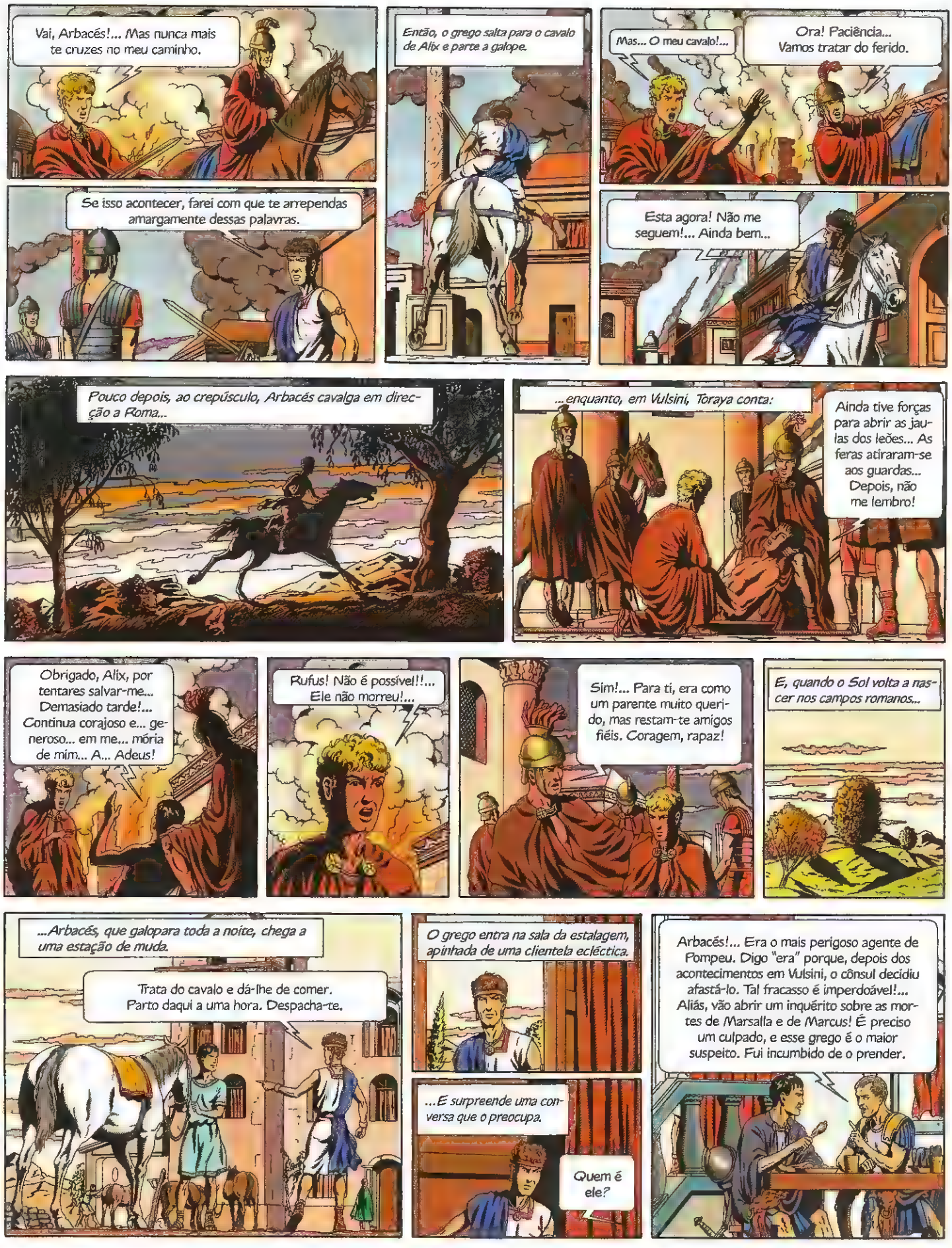
Alix!... CUIDADO!...

Alix!?!...
Oh!... A parede!..

Apercebendo-se do perigo, o rapaz acelera o galope, mas é demasiado tarde. A muralha começa a ceder...

...acabando por se desmoronar num turbilhão de pedras e de fogo.


Com um salto incrível, o cavalo evita a catástrofe.
Tamanha sorte exaspera Arbacés, que está decidido a acabar com o inimigo.
No último momento, Alix apercebe-se do gesto assassino do grego e faz tudo para deter o animal.
ARBACÉS!...
O centurião atira-se a ele e agarra-o com firmeza.
Entretanto, Alix salta do cavalo.
Ah! Larga-me!
É um criminoso!... Foi condenado à morte!
Basta! Portas-te como um cobarde!
Oxalá nunca te arrependas dessas palavras.
Nesse momento, aparecem Rufus e os seus companheiros.
Alix!... Vivo!...
Arbacés vira-se e empalidece diante do novo perigo que o ameaça.
Aproveitando a confusão, recua na direcção do ferido, ainda inanimado...
...e, encostando o gládio ao moribundo, grita:
Eh!... Nem um gesto, ou mato o vosso amigo.
Mas é Toraya!
Não te mexas, Alix!
Se me deixarem ir embora, poupo este homem. Senão, será a sua vida em troca da minha! Escolham!...
Já estavam a celebrar vitória?! Marsalla e Marcus, despedaçados pelos leões, os guardas de Pompeu, dispersos, e eu, sozinho e à vossa mercê!... Seria demasiado bom!...


Vai, Arbacés!... Mas nunca mais te cruzes no meu caminho.
Se isso acontecer, farei com que te arrependas amargamente dessas palavras.
Então, o grego salta para o cavalo de Alix e parte a galope.
Mas... O meu cavalo!...
Ora! Paciência... Vamos tratar do ferido.
Esta agora! Não me seguem!... Ainda bem...
Pouco depois, ao crepúsculo, Arbacés cavalga em direcção a Roma...
...enquanto, em Vulsini, Toraya conta:
Ainda tive forças para abrir as jaulas dos leões... As feras atiraram-se aos guardas... Depois, não me lembro!
Obrigado, Alix, por tentares salvar-me... Demasiado tarde!... Continua corajoso e... generoso... em me... mória de mim... A... Adeus!
Rufus! Não é possível!!... Ele não morreu!...
Sim!... Para ti, era como um parente muito querido, mas restam-te amigos fiéis. Coragem, rapaz!
E, quando o Sol volta a nascer nos campos romanos...
...Arbacés, que galopara toda a noite, chega a uma estação de muda.
Trata do cavalo e dá-lhe de comer. Parto daqui a uma hora. Despacha-te.
O grego entra na sala da estalagem, apinhada de uma clientela ecléctica.
...E surpreende uma conversa que o preocupa.
Quem é ele?
Arbacés!... Era o mais perigoso agente de Pompeu. Digo "era" porque, depois dos acontecimentos em Vulsini, o cônsul decidiu afastá-lo. Tal fracasso é imperdoável!... Aliás, vão abrir um inquérito sobre as mortes de Marsalla e de Marcus! É preciso um culpado, e esse grego é o maior suspeito. Fui incumbido de o prender.

Não receias que te escape?... Não pareces muito apressado!
Não! De quê e de quem desconfiaria? Ignora o que o espera!
De repente, o homem repara num vulto que passa diante da janela.
Com licença, amigo. Tenho de ir falar com o ferrador.
Com certeza.
O homem corre para o pátio.
O meu cavalo, depressa!
E, pouco depois, ruma para sul.
Em breve, vê Arbacés e esforça-se por alcançá-lo.
Pára, por Júpiter!... Quero falar-te. Nada receies, não estou armado.
Não! Larga a espada, Arbacés, e ouve-me.
Então, fala!...
Vamos para trás daquela árvore.
Ouviste uma conversa na estalagem. O homem dizia a verdade: recebeu ordens para te prender, mas Pompeu encarregou-me de o espiar. Quer que escapes à justiça romana e que vás para o Egipto, onde aguardarás as suas ordens. Julgar-te-ão desaparecido, e Pompeu reconquistará a confiança de César.
Eis as ordens pormenorizadas. Decora-as e destrói-as.
Está um navio em Óstia à tua espera. É "O Mercúrio"... Vai.
Pouco depois, o mensageiro chega à estalagem.
Aqui estou! Demorei-me muito, não?
É pena. Gostava de acabar a refeição contigo, mas tenho de partir.
Entretanto, a muitas léguas dali, César está nervoso.
De repente, exclama.
Já esperei muito... Levantem o acampamento. Vamos embora.

Ao sair da tenda com César, um oficial aponta para o horizonte e diz:
Ei-los, meu general! Olhe! Vêem-se os mantos vermelhos.
Uma coluna dirige-se para o acampamento: quatro soldados transportam o corpo de Toraya.
Depois, destacando-se do grupo, Rufus e Alix aproximam-se do cônsul.
Meu general! Toraya morreu como um herói, depois de enfrentar os guardas de Pompeu. Marsalla e Marcus morreram, mas Arbacés conseguiu fugir. Corre o rumor de que Pompeu o mandou prender.
Duvido!
Dêem a Toraya um funeral digno. Rufus, encarrega-te disso. Tu, Alix, vem comigo.
Gostaria de fazer algo por ti, rapaz!... Queres acompanhar-me até às fronteiras da Gália?
A Gália!... Toraya também queria levar-me até lá! Mas nunca poderei agradecer-lhe a sua generosidade.
Aceito a proposta, meu general. Graças a si, voltarei finalmente ao meu país... Quando partimos?
De madrugada.
Dias depois, o exército romano atravessa os Alpes. No meio da neve e do frio, uma fila interminável de homens e animais avança lentamente.
À frente da coluna, César e os seus lugar-tenentes observam as imediações, pois as emboscadas dos Gauleses são temíveis.
Alix acompanha os legionários e as mulas que formam a retaguarda.
De repente, um soldado grita:
Estarei com visões?...
É ele, não é?
Sem dúvida!...

Espera, Alix... Este soldado é o operário que ajudou Toraya em Vulsini.
E esqueceu-se de te dizer que é centurião nessa cidade.

Entre a aventura com Pompeu e a glória com César... Escolhemos este exército!

Obrigado por tudo. Guardarei uma recordação inesquecível dos meus amigos romanos.

Entretanto, chega à retaguarda um apelo da frente da coluna.
César chama Alix!...

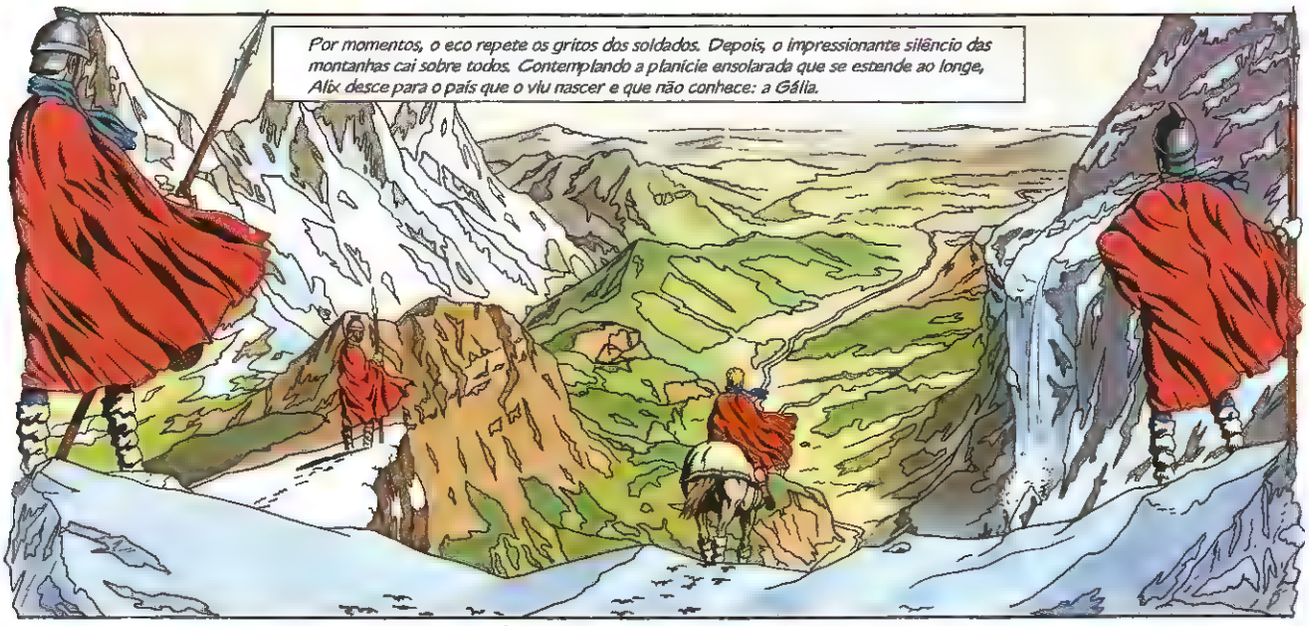
O rapaz percorre o mais depressa possível a longa fila e aproxima-se do general.

Alix, eis a fronteira da Gália. Vamos separar-nos... Espero que continuemos amigos!

Juro-o, general!... Lamento a luta que vai travar-se na Gália, mas jamais esquecerei o que lhe devo.

Eis uma resposta digna de um romano... Ao fundo deste vale, pisarás a terra do teu país... Até à vista!

Alix vira-se para um último adeus, ao qual todo o exército responde com uma grande ovação.

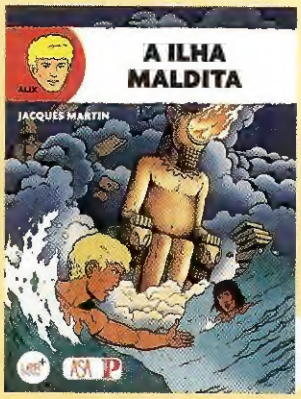

Por momentos, o eco repete os gritos dos soldados. Depois, o impressionante silêncio das montanhas cai sobre todos. Contemplando a planície ensolarada que se estende ao longe, Alix desce para o país que o viu nascer e que não conhece: a Gália.

FIM

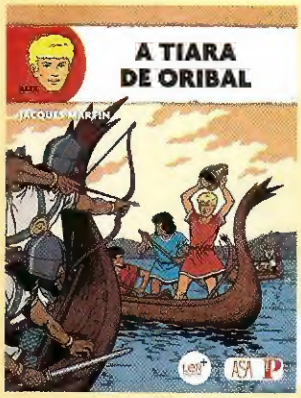
Inserida na Bedeteca PÚBLICO/ASA a Colecção Alix, editada entre Março e Junho de 2010, inclui 16 títulos de referência deste personagem, considerado um dos mais célebres da História da BD.

1

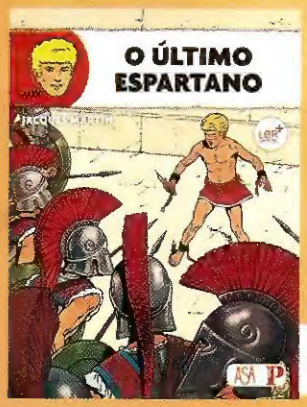
2



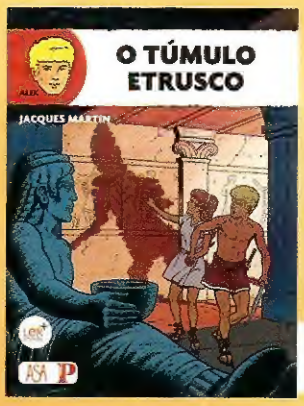
3



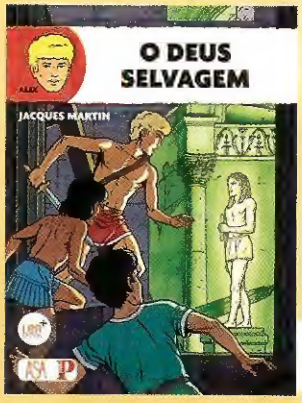
4



7



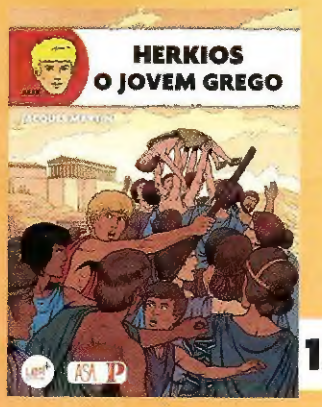
8



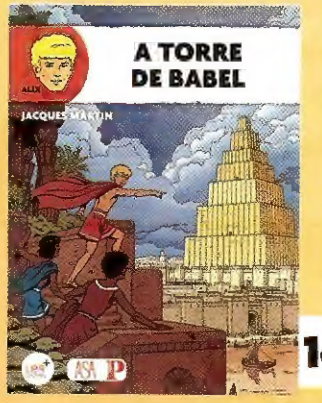
9

10

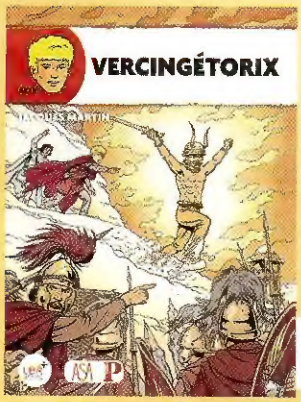
12



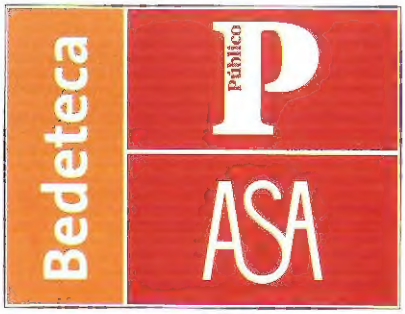
13



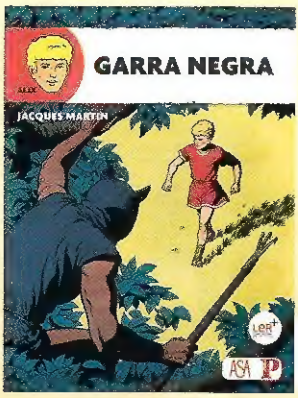
14



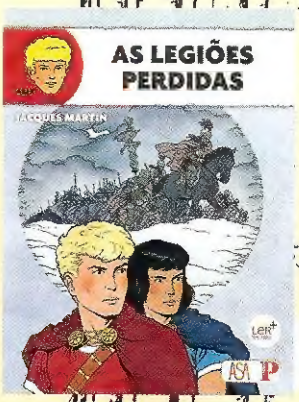
15



As mais célebres personagens da BD

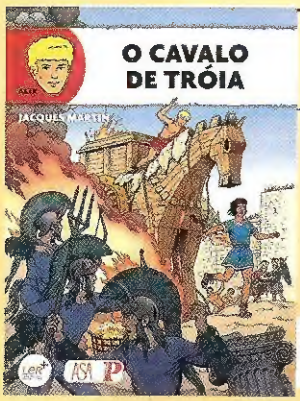


5



6

11

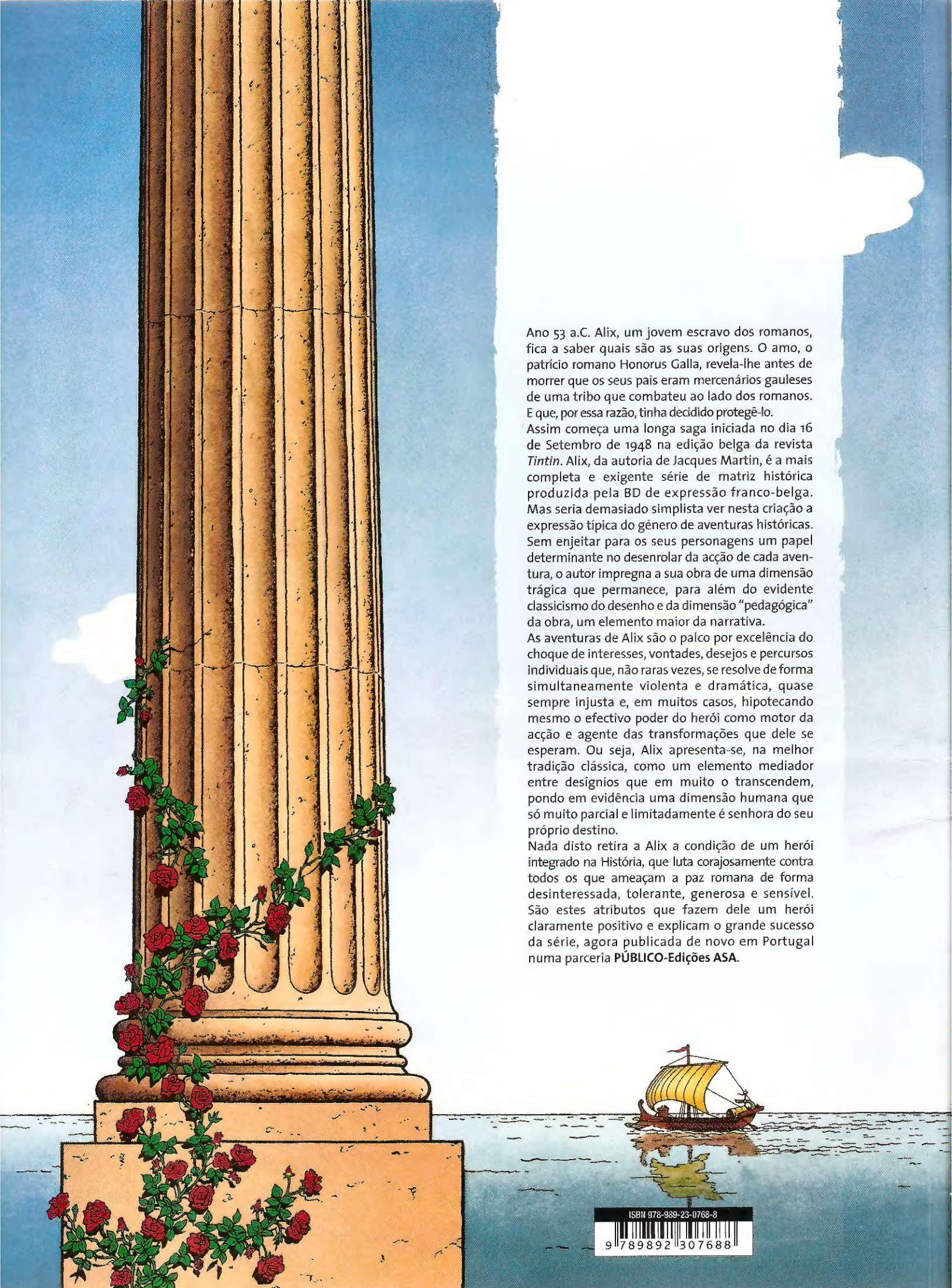


16

Título original
Alix L'Intrépide

Primeira publicação na revista *Tintin*
(edição belga) entre 16 de Setembro de 1949 (n.º 38, 3.º ano)
e 17 de Novembro de 1949 (n.º 46, 4.º ano).

Primeira edição em álbum
em 1956 (Lombard)



Ano 53 a.C. Alix, um jovem escravo dos romanos, fica a saber quais são as suas origens. O amo, o patrício romano Honorus Galla, revela-lhe antes de morrer que os seus pais eram mercenários gauleses de uma tribo que combateu ao lado dos romanos. E que, por essa razão, tinha decidido protegê-lo.

Assim começa uma longa saga iniciada no dia 16 de Setembro de 1948 na edição belga da revista *Tintin*. Alix, da autoria de Jacques Martin, é a mais completa e exigente série de matriz histórica produzida pela BD de expressão franco-belga. Mas seria demasiado simplista ver nesta criação a expressão típica do género de aventuras históricas. Sem enjeitar para os seus personagens um papel determinante no desenrolar da acção de cada aventura, o autor impregna a sua obra de uma dimensão trágica que permanece, para além do evidente classicismo do desenho e da dimensão "pedagógica" da obra, um elemento maior da narrativa.

As aventuras de Alix são o palco por excelência do choque de interesses, vontades, desejos e percursos individuais que, não raras vezes, se resolve de forma simultaneamente violenta e dramática, quase sempre injusta e, em muitos casos, hipotecando mesmo o efectivo poder do herói como motor da acção e agente das transformações que dele se esperam. Ou seja, Alix apresenta-se, na melhor tradição clássica, como um elemento mediador entre desígnios que em muito o transcendem, pondo em evidência uma dimensão humana que só muito parcial e limitadamente é senhora do seu próprio destino.

Nada disto retira a Alix a condição de um herói integrado na História, que luta corajosamente contra todos os que ameaçam a paz romana de forma desinteressada, tolerante, generosa e sensível. São estes atributos que fazem dele um herói claramente positivo e explicam o grande sucesso da série, agora publicada de novo em Portugal numa parceria **PÚBLICO-Edições ASA**.

ISBN 978-989-23-0768-8
9 789892 307688